

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**Marcella Fernandes de Souza**

**“Juventude que ousa lutar constrói poder popular”:**  
argumentação e multimodalidade em debates do Levante Popular da Juventude

Juiz de Fora

2025

**Marcella Fernandes de Souza**

**“Juventude que ousa lutar constrói poder popular”:**

argumentação e multimodalidade em debates do Levante Popular da Juventude

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marta Cristina da Silva

Juiz de Fora  
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Fernandes de Souza, Marcella .

"Juventude que ousa lutar constrói poder popular": : argumentação e multimodalidade em debates do Levante Popular da Juventude / Marcella Fernandes de Souza. -- 2025.

144 p.

Orientador: Marta Cristina da Silva

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2025.

1. Gêneros Discursivos. 2. Argumentação. 3. Multimodalidade. 4. Movimento Social. 5. Levante Popular da Juventude. I. da Silva, Marta Cristina , orient. II. Título.

**Marcella Fernandes de Souza**

**“Juventude que ousa lutar constrói poder popular”:**  
argumentação e multimodalidade em debates do Levante Popular da Juventude

Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-  
Graduação em Linguística  
da Universidade Federal de  
Juiz de Fora como requisito  
à obtenção do título de  
Mestre em Linguística.  
Área de concentração:  
Linguística.

Aprovada em 05 de fevereiro de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Marta Cristina da Silva – Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Amitza Torres Vieira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Kleber Aparecido da Silva  
Universidade de Brasília



Documento assinado eletronicamente por **Marta Cristina da Silva, Professor(a)**, em 05/02/2025, às 16:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amitza Torres Vieira, Professor(a)**, em 05/02/2025, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcella Fernandes de Souza, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Kleber Silva, Usuário Externo**, em 19/02/2025, às 12:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uff (www2.uff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2211777** e o código CRC **EE197E78**.

---

Dedico este trabalho a todas e todos que lutam pela construção de uma sociedade mais justa, igualitária, plural e livre de todo tipo de opressão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Levante Popular da Juventude, por me mostrar caminhos possíveis para a construção de um projeto popular para o Brasil pautados no afeto e na solidariedade. Agradeço também a todos os militantes do Levante de Juiz de Fora que acreditaram na realização desta pesquisa e se dispuseram a construí-la junto comigo.

Agradeço à minha mãe, Vanessa, que, com toda sua garra, ensinou-me a lutar pelos meus sonhos e por nunca ter tido dúvidas de que eu alcançaria meus objetivos ainda que, muitas vezes, eu mesma tenha duvidado.

À espiritualidade, que nunca me desampara, e aos guias, que me orientam.

À professora Dr<sup>a</sup> Marta Cristina, por ser uma orientadora presente e por partilhar comigo seus conhecimentos, contribuindo a todo momento para as reflexões elaboradas nesta pesquisa.

Às professoras Dr<sup>a</sup> Amitza Torres Vieira e Dr<sup>a</sup> Marcia Mendonça e ao professor Dr. Kleber Silva, por participarem das bancas de qualificação e defesa desta pesquisa.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de vida, por todo cuidado e por toda troca, Armando, Carolina, Cassius, Emmanuel, Georgia, Guilherme, Lara, Luiza, Maurício, Miguel, Pedro, Roberta e Yanca.

Às minhas companheiras de pesquisa e agora grandes amigas, Camila, Julia e Luiza. Sem a companhia de vocês, o caminho pela pós-graduação não teria sido tão significativo.

À minha família, por todos ensinamentos, todo apoio e toda admiração.

À minha psicoterapeuta, Ana Luiza Moraes, que me acompanhou durante parte do mestrado e sem a qual essa etapa da minha vida teria sido muito mais difícil e provavelmente com um desfecho muito diferente.

Aos meus amores felinos, aos quais atribuí carinhosamente os nomes de grandes mulheres revolucionárias: Angela Davis e Haydée Santamaría. Com vocês, a vida é muito mais leve e bonita.

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF e à CAPES pelos incentivos e apoios para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como a argumentação é construída – a partir da integração de múltiplos modos – pelos participantes do Levante Popular da Juventude nas interações observadas do movimento na cidade de Juiz de Fora. O Levante Popular da Juventude é um movimento social nacional de juventude que luta pela construção de um projeto popular para o Brasil, oferecendo alternativas contra-hegemônicas frente ao sistema colonial e capitalista. Nesta dissertação, tenho como objetivos mais específicos: a) descrever o funcionamento dos debates desenvolvidos no contexto desse movimento social de juventude; b) examinar o papel desempenhado por operadores argumentativos e modalizadores discursivos na formação do convencimento dos participantes; c) analisar como a articulação de múltiplos modos contribui para a construção conjunta de tomadas de posição e do convencimento dos militantes. Tendo em vista que me encontro enquanto pesquisadora e participante do grupo pesquisado, recorro à abordagem qualitativa interpretativista de cunho (auto)etnográfico (ANDRÉ, 2013; MOITA LOPES, 1994; PAIVA, 2019; VERSIANI, 2002). Além disso, para a análise dos dados, recorro a ferramentas dos estudos de Gêneros Discursivos (BAKHTIN & VOLÓCHINOV [1929] 1997; [1929] 2016; BRAIT, 2005; 2006), da Semiótica Social (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001; 2010) e da Argumentação (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005; KOCH, [1993] 2021). A partir das reflexões realizadas no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que os debates analisados não seguem, prototipicamente, o formato de um debate regrado. A esfera discursiva na qual os participantes estão inseridos tende a condicioná-los a remodelar o gênero de forma mais dinâmica e fluida, a fim de cumprir com o objetivo de formação política e convencimento de participantes jovens. Além disso, verificou-se que os operadores argumentativos e modalizadores discursivos desempenham um papel essencial na construção das opiniões, ora conferindo maior impositividade, ao reforçar a certeza do posicionamento, ora tornando-os mais sugestivos e brandos, ao abrir espaço para interpretações ou adesões mais flexíveis por parte dos interlocutores. Por fim, foi observado que os participantes lançam mão de múltiplos modos para a elaboração da argumentação no que diz respeito à construção do convencimento dos interlocutores e de tomadas de posição, com ênfase na entonação e em elementos cinésicos.

Palavras-chave: Gêneros Discursivos. Argumentação. Multimodalidade. Movimento Social. Levante Popular da Juventude.



## ABSTRACT

This research seeks to investigate how argumentation is constructed – through the integration of multiple modes – by participants of the Levante Popular da Juventude (Popular Youth Uprising) in the observed interactions of the movement in the city of Juiz de Fora. The Levante Popular da Juventude is a national youth social movement that strives for the construction of a popular project for Brazil, offering counter-hegemonic alternatives to the colonial and capitalist system. In this dissertation, I have the following specific objectives: a) to describe the dynamics of the debates developed within the context of this youth social movement; b) to examine the role played by argumentative operators and discursive modalizers in shaping participants' persuasion; c) to analyze how the articulation of multiple modes, focusing on intonation and kinesic elements, contributes to the joint construction of stances and the feeling of belonging of militants to the movement. Considering my dual role as researcher and participant of the group studied, I adopt a qualitative, interpretivist (auto)ethnographic approach (ANDRÉ, 2013; MOITA LOPES, 1994; PAIVA, 2019; VERSIANI, 2002), employing methods such as participant observation and audiovisual data generation. Furthermore, for data analysis, I draw on tools from the studies of Discourse Genres (BAKHTIN & VOLÓCHINOV [1929] 1997; [1929] 2016; BRAIT, 2005; 2006), Social Semiotics (KRESS & VAN LEEUWEN, 2001; 2010), and Argumentation (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005; KOCH, [1993] 2021). Based on the reflections carried out during the research, it was observed that the analyzed debates do not prototypically follow the format of a structured debate. The discursive sphere in which the participants are situated tends to condition them to remodel the genre in a more dynamic and fluid way, in order to achieve the goal of political education and the persuasion of young participants. Furthermore, it was found that argumentative operators and discursive modalizers play an essential role in shaping opinions, sometimes making the argument more imposing by reinforcing the certainty of the stance, and sometimes making it more suggestive, thereby opening space for interpretations or more flexible adherence by the interlocutors. Finally, it was observed that the participants make use of multiple modes in constructing their arguments, particularly regarding the persuasion of interlocutors and the articulation of stances, with an emphasis on intonation and kinesic elements.

Keywords: Keywords: Discourse Genres. Argumentation. Multimodality. Social Movement. Levante Popular da Juventude.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                    |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Escracho contra a ditadura.....                                                                                         | 29  |
| Figura 2 - Curso de Realidade Brasileira realizado em escolas de Juiz de Fora entre os anos de 2013 e 2016.....                    | 32  |
| Figura 3 -Curso de Realidade Brasileira realizado em escolas de Juiz de Fora entre os anos de 2013 e 2016.....                     | 32  |
| Figura 4 - Curso de Realidade Brasileira realizado em escolas de Juiz de Fora entre os anos de 2013 e 2016.....                    | 32  |
| Figura 5 - Curso de Realidade Brasileira realizado em escolas de Juiz de Fora entre os anos de 2013 e 2016.....                    | 32  |
| Esquema 1: Disposição dos participantes e dos gravadores.....                                                                      | 35  |
| Figura 6 - Figura 6: Mística inicial do Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude em Juiz de Fora no ano de 2024..... | 82  |
| Figura 7: Slide com exibição dos escrachos realizados aos agentes da ditadura elaborado para o Planejamento Municipal.....         | 86  |
| Figura 8: Slide com exibição Levante no Congresso Nacional da UNE, Distrito Federal, elaborado para o Planejamento Municipal.....  | 88  |
| Figura 9: Dinâmica de representação do Levante Popular da Juventude na conjuntura política...                                      | 102 |
| Figura 10: Dinâmica de representação do Levante Popular da Juventude na conjuntura política.                                       | 102 |
| Figura 11: Escritos na cartolina acerca da noção de território pelos participantes.....                                            | 119 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1: Convenções para transcrição dos excertos de fala.....                                                                 | 35  |
| Quadro 2: Modalizadores do discurso e operadores argumentativos.....                                                            | 60  |
| Quadro 3: Recursos não verbais da comunicação.....                                                                              | 65  |
| Quadro 4: Meios não linguísticos da comunicação oral.....                                                                       | 65  |
| Quadro 5: Descrição dos principais modos selecionados.....                                                                      | 66  |
| Quadro 6: Transcrição dos debates – Excerto 1.....                                                                              | 71  |
| Quadro 7: Excerto 1: “Reorganizar a militância na cidade, esse é o primeiro [objetivo]” – Elementos cinésicos.....              | 71  |
| Quadro 8: Transcrição dos debates – Excerto 2.....                                                                              | 74  |
| Quadro 9: Excerto 2: “A gente vai fazer o planejamento pra quê?” – Elementos cinésicos.....                                     | 75  |
| Quadro 10: Sistematização do funcionamento dos debates – Reunião da Coordenação Municipal.....                                  | 76  |
| Quadro 11: Poema declamado na mística inicial do Planejamento Municipal do Levante, em Juiz de Fora. Sem título.....            | 79  |
| Quadro 12: Canto tradicional de capoeira adaptado para a mística, entoado por Luca.....                                         | 80  |
| Quadro 13: Transcrição dos debates – Excerto 3.....                                                                             | 83  |
| Quadro 14: Excerto 3: “Aquela foto é BAAAF0!” – Elementos cinésicos.....                                                        | 84  |
| Quadro 15: Sistematização do funcionamento dos debates – Reunião da Coordenação Municipal.....                                  | 89  |
| Quadro 16: Transcrição dos debates – Excerto 4.....                                                                             | 90  |
| Quadro 17: Excerto 4: : “A nossa organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores” – Elementos cinésicos..... | 90  |
| Quadro 18: Transcrição dos debates – Excertos 5 e 6.....                                                                        | 92  |
| Quadro 19: Excertos 5 e 6: Coletividade e Espírito de fraternidade revolucionário – Elementos cinésicos.....                    | 93  |
| Quadro 20: Transcrição dos debates – Excerto 7.....                                                                             | 96  |
| Quadro 21: Excerto 7: Centralismo democrático – Elementos cinésicos.....                                                        | 97  |
| Quadro 22: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Princípios e valores”.....                                     | 100 |
| Quadro 23: Transcrição dos debates – Excerto 8.....                                                                             | 103 |

|                                                                                                                              |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 24: Excerto 8: A Rede Globo apoiou a ditadura – Elementos cinésicos.....                                              | 104 |
| Quadro 25: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Inserção do Levante na conjuntura política nacional”.....   | 108 |
| Quadro 26: Transcrição dos debates – Excerto 9.....                                                                          | 110 |
| Quadro 27: Excerto 9: “Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA” – Elementos cinésicos.....                                             | 113 |
| Quadro 28: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” - Excerto 9.....                       | 118 |
| Quadro 29: Transcrição dos debates – Excerto 10.....                                                                         | 120 |
| Quadro 30: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” – Excerto 10.....                      | 124 |
| Quadro 31: Transcrição dos debates – Excerto 11.....                                                                         | 125 |
| Quadro 32: Excerto 11: “a gente tem que se COMPROMETER” – Elementos cinésicos.....                                           | 127 |
| Quadro 33: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Institucionalidade e Eleições Municipais” – Excerto 11..... | 133 |

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CE Coordenação Estadual

CM Coordenação Municipal

CN Coordenação Nacional

CRB Curso de Realidade Brasileira

DCE Diretório Central dos Estudantes

EIV Estágio Interdisciplinar de Vivência

LA Linguística Aplicada

LGBTQIAPN+ Lésbicas, gays, bissexuais, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários.

MPB Movimento Brasil Popular

MNU Movimento Negro Unificado

MST Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTD Movimento dos Trabalhadores por Direitos

SOE Secretaria Operativa Estadual

SOM Secretaria Operativa Municipal

UNE União Nacional dos Estudantes

## SUMÁRIO

|                                                                                           |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>                                                        | <b>16</b> |
| <b>1. METODOLOGIA E CONTEXTO DE PESQUISA.....</b>                                         | <b>22</b> |
| 1.1 PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA DE CUNHO (AUTO)ETNOGRÁFICO.....                | 23        |
| 1.2 O LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE A NÍVEL NACIONAL: HISTÓRICO E TRAJETÓRIA.....          | 27        |
| 1.3 O LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE EM JUIZ DE FORA: HISTÓRICO E ATUAÇÃO.....              | 31        |
| 1.4 GERAÇÃO DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....                                    | 33        |
| <b>2. MOVIMENTOS POPULARES COMO EDUCADORES.....</b>                                       | <b>37</b> |
| 2.1 O QUE É EDUCAÇÃO NÃO FORMAL?.....                                                     | 38        |
| 2.2 O CARÁTER EDUCADOR DOS MOVIMENTOS POPULARES: EDUCAÇÃO POPULAR E TRABALHO DE BASE..... | 40        |
| <b>3. A ABORDAGEM DIALÓGICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS.....</b>                               | <b>43</b> |
| 3.1 GÊNEROS DO DISCURSO: DEFINIÇÃO.....                                                   | 43        |
| 3.2 ESFERA DISCURSIVA E GÊNEROS DO DISCURSO.....                                          | 46        |
| <b>4. ORALIDADE E LETRAMENTO: DELINEANDO O GÊNERO DEBATE.....</b>                         | <b>50</b> |
| 4.1 EVENTOS DE LETRAMENTO: INTERSECÇÕES ENTRE PRÁTICAS ORAIS E ESCRITAS.....              | 50        |
| 4.2 O GÊNERO DEBATE.....                                                                  | 53        |
| 4.2.1 TIPOS DE DEBATE.....                                                                | 54        |
| 4.2.2 A ARGUMENTAÇÃO.....                                                                 | 56        |
| 4.2.3 ASPECTOS MULTIMODAIS NO GÊNERO DEBATE.....                                          | 61        |
| <b>5. ANÁLISE DOS DADOS.....</b>                                                          | <b>68</b> |
| 5.1 REUNIÃO DA COORDENAÇÃO MUNICIPAL.....                                                 | 69        |
| 5.2 PLANEJAMENTO MUNICIPAL DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE.....                           | 77        |
| 5.2.1 A MÍSTICA.....                                                                      | 78        |
| 5.2.2 APRESENTAÇÃO DO LEVANTE.....                                                        | 82        |
| 5.2.2.1 PRINCÍPIOS E VALORES.....                                                         | 90        |
| 5.2.2.2 INSERÇÃO DO LEVANTE NA CONJUNTURA POLÍTICA NACIONAL.....                          | 101       |

|                                                     |            |
|-----------------------------------------------------|------------|
| 5.2.3 O QUE É TERRITÓRIO?.....                      | 109        |
| 5.2.4 INSTITUCIONALIDADE E ELEIÇÕES MUNICIPAIS..... | 125        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                    | <b>136</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                             | <b>140</b> |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O pesquisador nunca é um observador neutro; ele carrega consigo seus próprios valores, histórias e interpretações que influenciam como o mundo é compreendido. (MOITA LOPES, 2006)*

Esta pesquisa, assim como é comum no fazer científico, nasce de um incômodo, um incômodo que atravessou parte considerável da minha graduação em Letras. Esse desconforto emerge da tentativa de compreender meu lugar no mundo e mesmo de reflexões mais subjetivas como “de que modo me defino?”, “qual é a minha identidade?”, “a academia é o meu lugar?”, “será que sou boa o suficiente para estar nesse lugar?” ou “será que sou compatível com esse lugar?”. A princípio, esses questionamentos parecem tópicos para serem abordados – ao menos exclusivamente – em sessões de psicoterapia e irrelevantes para a motivação de uma pesquisa, um estudo científico. Mas adianto que já vai fazer sentido.

Em 2017, eu iniciava uma nova experiência com a minha vinda para Juiz de Fora para dar início à graduação. Estudante da escola pública desde o ensino infantil e filha de uma mulher que sempre me mostrou o valor da educação, meu sonho era ingressar em uma universidade pública. Durante a realização do curso, pude me sentir realizada de diversas formas: tive contato e pude aprender com profissionais incríveis, fiz amizades que levo para a vida, participei de eventos e de projetos de extensão e iniciação à docência que contribuíram significativamente para a minha formação profissional e pessoal.

Mas dentre todas essas experiências, vivenciei algo que não é comum a todos os estudantes que passam pela universidade: decidi me organizar em um movimento social, logo no primeiro ano da graduação. Contudo, meu interesse pela política já havia sido iniciado desde o ensino médio, quando decidi compor o grêmio estudantil da escola estadual na qual cursei esse período do ensino básico. Essa escolha, junto a trocas realizadas com meus professores – aos quais sempre serei grata por todo o aprendizado – fizeram-me perceber que a política é um espaço importante e que deve sim ser ocupado, afinal, se nós não nos importamos com a política, certamente a classe dominante irá se importar.



Foi com esse acúmulo que decidi participar do processo de eleição para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e foi nesse momento que conheci o Levante Popular da Juventude. No próximo capítulo, dedico uma seção somente para apresentar esse movimento. No entanto, é importante dizer, de antemão, que o Levante é um movimento social nacional de juventude – que também constrói o movimento estudantil – originado, no Rio Grande do Sul, a partir de articulações entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores por Direitos (MTD), juntamente com jovens universitários.

A decisão de compor o movimento partiu da identificação com o projeto de sociedade pautado pelo Levante, um projeto popular, que visa à construção de um país com e para o povo brasileiro, protagonizado pela população negra, pelas mulheres e pela população LGBTQIA+.

Seria difícil enumerar todas as experiências significativas que vivenciei e sigo vivenciando como participante desse movimento de juventude, porque são muitas. Mas o que é importante destacar é que a minha formação enquanto professora de Língua Portuguesa não só foi atravessada, mas também constituída pela formação política. Hoje consigo visualizar isso com clareza em minha prática docente, já que muito do que levo para a sala de aula vem da minha formação enquanto militante organizada. No entanto, isso nem sempre esteve tão evidente.

Em muitos momentos, durante a graduação, sentia uma desconexão entre meu eu estudante de Letras e meu eu militante. Por mais que a academia – fundada pela modernidade – e a sociedade, de uma maneira geral, tenham avançado em muitos debates, ainda existem muitas lacunas. Percebo que a academia ainda tem dificuldades para legitimar saberes constituídos de maneiras não convencionais, como no caso dos constituídos em esferas de movimentos sociais. Por sentimentos como esses, encontrava-me dividida entre o que seria um protótipo de uma estudante de graduação e uma militante.

Apesar dessa angústia, outros caminhos foram se abrindo, ainda que em períodos finais da graduação. Durante a realização de algumas disciplinas como as de Reflexões Sobre a Atuação no Espaço Escolar e a de Letramentos, Gênero e Sexualidade, pude perceber que há espaço para um fazer docente e pesquisador militante. Para mim, isso tornou-se evidente muito em virtude de princípios da Linguística Aplicada *IN*disciplinar (MOITA LOPES, 2006), dos estudos no campo dos Letramentos Críticos (STREET, 2014) e de estudos decoloniais (VERONELLI & DAITCH, 2021; WALSH & RODRIGUES, 2021). Vivenciando essas experiências e me aproximando do fim da graduação, decidi que gostaria de seguir na pesquisa olhando para o contexto no qual estou

inserida – contexto esse que é fortemente influenciado por princípios da educação popular (FREIRE & NOGUEIRA, 1993; PELOSO, 2012) – e foi assim que esta pesquisa, realizada no e com o Levante Popular da Juventude na cidade de Juiz de Fora, nasceu.

De acordo com Moita Lopes (2006), a posição de um linguista aplicado deve ser a de ocupar as fronteiras onde as diferentes áreas de investigação se encontram. Essa defesa parte da compreensão de que linguagem e vida estão intrinsecamente relacionadas, de modo que seria contraditório não situar os estudos linguísticos como um campo pertencente às ciências sociais e, portanto, a outros construtos teóricos que extrapolam a esfera linguística. Também por isso é que se pode compreender que uma linguística aplicada que deseja estar engajada nos debates da vida contemporânea deve uma buscar “uma teorização em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação de conhecimento”. (MOITA LOPES, 2006, p. 101)

Outro ponto a ser destacado acerca dessa posição teórico-prática é a sua dimensão ética. Dessa forma, em acordo com o autor, considero que nosso fazer pesquisador deve estar alinhado com a busca da construção de inteligibilidades sobre o mundo social pautada em um olhar mais sensível em relação ao sofrimento humano, em direção oposta aos paradigmas representados por valores modernos liberais e universalizantes. Na mesma direção, Pennycook (2006) propõe uma LA transgressiva a qual “envolve a necessidade de pensar diferentemente, de politizar e problematizar o próprio conhecimento que produz.” (MOITA LOPES, 2006, p. 30)

Esses princípios e valores dialogam diretamente com o contexto desta pesquisa, tendo em vista que escolho assumir e não velar minha posição enquanto militante-pesquisadora e decido, inclusive, olhar para o próprio meio no qual estou inserida, conversando diretamente com abordagens advindas do campo da (auto)etnografia (MOITA LOPES, 1994; VERSIANI, 2022), paradigma que exploro de forma mais detalhada no capítulo seguinte.

É importante sinalizar também que me ancoro nos estudos desenvolvidos no campo dos letramentos críticos, em acordo com Street (2006) que, como contrapartida a construtos teóricos que concebem um modelo de letramento monolítico e autônomo – centrado apenas nas habilidades cognitivas envolvidas nos atos de ler e escrever, de forma descolada dos contextos sociais – propõe um modelo ideológico de letramento, chamando a atenção para o fato de que toda prática letrada, veiculada por meio de gêneros discursivos, está inserida em contextos sociais permeados por ideologias e relações de poder.

Em consonância com essas concepções, considero relevante trazer reflexões de Walsh e Rodrigues (2021), na área dos estudos culturais e filosóficos, que lançam olhares para “outros” saberes e “outras” epistemologias, ofuscadas e mesmo apagadas pela modernidade e pela colonialidade. As autoras sinalizam que mesmo dentro do pensamento crítico marxista do século XX, houve o apagamento de outros sujeitos marcados não apenas pela classe social, mas também marcados pela colonialidade, processo característico vivenciado por países do continente americano.

Para Horkheimer e o muito menos conhecido e muito mais irreverente filósofo Guillén, filosofia e pensamento crítico necessariamente dizem respeito a questões de justiça social e transformação. Porém, o que nenhum deles conseguiu notar, pelo menos na época de seus escritos, foi a existência de “outros” quadros conceituais e políticos, “outra” produção de conhecimento e “outros” sujeitos marcados não apenas pelas diferenças de classe, mas também pela experiência vivida da colonialidade e da estrutura racializada que ela engendrou. (WALSH & RODRIGUES, 2021, p. 59)

Esse processo e trazer à tona esses outros saberes marginalizados vão ao encontro de agendas decoloniais, que propõem inserir no centro da discussão os atravessamentos da colonialidade na fundação do capitalismo em sociedades colonizadas. Alinhando-me às reflexões das autoras, vislumbro a possibilidade de estabelecer diálogos entre os estudos linguísticos e os movimentos sociais, entendendo que o estreitamento dessas relações pode contribuir para a construção coletiva de outras epistemologias, outras práticas educativas e outros modos de conceber o mundo social e agir nele na/pela linguagem.

Busco assumir, conforme o direcionamento de Walsh (2021), uma postura ético-política ao pensar uma pedagogia de engajamento *com* os movimentos sociais, para que eles não sejam sujeitos *sobre os quais* falamos, mas sim *com* os quais falamos e, ainda no meu caso, pensar a partir de *onde* falamos. Esse caminho implica, também, um modo de pensar e fazer sempre problematizador, em que há um modelo híbrido de pesquisa e práxis que é sempre dinâmico (PENNYCOOK, 2006, p. 67).

Levando essas reflexões em consideração, mobilizo recursos, a partir de construtos teóricos de estudos bakhtinianos (BAKHTIN, 2016; BRAIT, 2018; CEREJA, 2018; RIBEIRO, 2009; SOBRAL, 2018), para investigar debates ocorridos em encontros do Levante na cidade de Juiz de Fora. Essa opção decorre, sobretudo, pela compreensão de que toda interação ocorre por meio dos gêneros do discurso (BAKHTIN, [1979] 2016). Tal compreensão possibilitou, ao longo das

últimas décadas, o desenvolvimento de estratégias para analisar a produção e a construção dos sentidos que circulam nos mais distintos contextos sociais, como no caso dos sentidos construídos por meio do gênero debate. Por também entender que todo gênero discursivo é composto, em maior ou menor grau, por dimensões multimodais, lanço mão de ferramentas advindas do campo de estudos da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; 2010), visando a uma compreensão mais aprofundada de como os sentidos são construídos nesse contexto a partir do gênero investigado.

É importante destacar que ainda há muitas lacunas em relação ao estudo de gêneros discursivos em que predomina a oralidade, como é o caso do debate. Defendo, com base em Street (2006), que isso advém por conta da supervalorização dada à escrita pela sociedade ocidental, em detrimento da desvalorização de práticas orais como também válidas e importantes na construção epistemológica e no fazer científico. Em se tratando de práticas orais veiculadas em movimentos sociais, esse abismo nos estudos linguísticos se torna ainda maior. Em uma rápida pesquisa no portal de buscas de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o filtro da grande área de conhecimento de Linguística, Letras e Artes selecionado, não é possível localizar produções de dissertações ou teses a partir da combinação das palavras-chave movimento social e gêneros orais.

A partir disso e buscando contribuir para o campo da linguística aplicada que visa à criação de inteligibilidades sobre o mundo social com base nas vozes dos oprimidos (MOITA LOPES, 2006), a pergunta que orienta esta pesquisa é: Como a argumentação é construída em enunciados mobilizados em debates de jovens do Levante Popular da Juventude quando esses se engajam na luta pela transformação social?

A fim de responder a essa pergunta, traço como objetivo mais geral desta pesquisa compreender como a argumentação é elaborada – a partir da integração de múltiplos modos - pelos participantes do Levante Popular da Juventude nas interações observadas. Como objetivos mais específicos, pretendo:

- descrever o funcionamento dos debates desenvolvidos no contexto desse movimento social de juventude;
- examinar o papel desempenhado pelos operadores argumentativos e modalizadores discursivos na formação do convencimento dos participantes;

- analisar como a articulação de múltiplos modos, com foco na entonação e em elementos cinésicos, contribui para a construção conjunta de tomadas de posição<sup>1</sup> e do convencimento dos militantes.

É importante dizer que também almejo, em conjunto com meus companheiros, que este estudo possa nos auxiliar a compreender melhor as razões que motivam a nossa organização coletiva no Levante e que esta pesquisa também sirva como uma ferramenta para que possamos analisar as práticas de linguagem que mobilizamos em nossas interações, em busca de um objetivo comum, que é a construção da transformação social a partir de um projeto popular para o Brasil.

Com isso em mente, apresento nos próximos capítulos, de maneira mais aprofundada, as reflexões teórico-práticas nas quais me ancorei para a realização desta pesquisa, a qual se deu a partir da observação de 2 encontros e dentre os quais os dados que compõem o *corpus* desta investigação foram gerados. Para isso, caracterizo no primeiro capítulo: a metodologia e contexto no qual a pesquisa foi desenvolvida, traçando um panorama histórico e de atuação do Levante, bem como os procedimentos para a geração dos dados; no segundo: elaboro reflexões acerca do papel educador que desempenham os movimentos populares; no terceiro: estabeleço considerações acerca do conceito de gêneros discursivos; no quarto: proponho uma reflexão acerca da noção de eventos de letramentos, considerando a relação entre práticas orais e escritas para, então, delinear o gênero debate e suas dimensões como a argumentação e a multimodalidade; no quinto: apresento a discussão dos dados analisados.

---

<sup>1</sup> Aqui, conceituo tomada de posição como o ato de expressar uma opinião ou desempenhar determinados comportamentos ou determinadas ações em relação a algum tópico específico.

## 1 METODOLOGIA E CONTEXTO DE PESQUISA

*Quando um nativo se torna etnógrafo de sua própria comunidade, as fronteiras entre sujeito e objeto tornam-se fluidas e instáveis. (VERSIANI, 2002)*

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa foi desenvolvida em um contexto peculiar, uma vez que me encontro enquanto pesquisadora e também participante da pesquisa. Por isso, já de antemão, apresento nesta seção o paradigma escolhido, bem como o contexto no qual ocorreu a investigação, além dos procedimentos para a geração dos dados.

Nesse sentido, analiso enunciados produzidos em debates por jovens militantes do Levante Popular da Juventude, na cidade de Juiz de Fora. Considerando o lugar no qual me encontro (pesquisadora e participante), bem como os objetivos desta pesquisa, opto pela utilização da metodologia qualitativa interpretativista de cunho (auto)etnográfico (MOITA LOPES, 1994; VERSIANI, 2022), por compreender que essa abordagem propicia a interpretação de sentidos construídos por determinado grupo, sem que isso ocorra a partir de uma perspectiva dicotômica entre pesquisador vs. pesquisado, uma vez que me desafio a fazer esta pesquisa realmente de dentro.

Depois de discorrer sobre esse paradigma, traço um breve panorama sobre o leito histórico do Levante Popular da Juventude, percorrendo sua origem e atuação ao longo dos anos, além de tecer algumas considerações sobre suas atividades na cidade de Juiz de Fora.

Por fim, evidencio os instrumentos e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa, discorrendo sobre os encontros que observei e dos quais participei, bem como as ferramentas utilizadas para a geração dos dados, que são apresentados a partir da transcrição de excertos de gravações em áudio e vídeo dos debates observados, seguindo, de maneira adaptada, orientações da Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2010) para a transcrição, por considerar que essas convenções são suficientes para evidenciar os aspectos que busco analisar.

## 1.1 PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVISTA DE CUNHO (AUTO)ETNOGRÁFICO

De acordo com Moita Lopes (1994), a pesquisa qualitativa interpretativista pode ser caracterizada como aquela que tem como principal intuito analisar e compreender fenômenos sociais contextualmente situados. Sendo assim, é interessante, para essa abordagem, a interpretação dos significados construídos entre os participantes em determinado contexto, levando em consideração a intersubjetividade das relações humanas, compreendendo que o significado não decorre da intenção individual, mas interindividual, sendo construído socialmente (MOITA LOPES, 1994, p. 331).

Relativo ao tópico, Moita Lopes (1994) traça um panorama ao contrastar posições assumidas pelas Ciências Naturais e pelas Ciências Sociais no modo de fazer pesquisa e suas implicações para a pesquisa em Linguística Aplicada. Assim, ressalta que o campo das Ciências Sociais, durante muitos momentos, foi influenciado pela tradição positivista, característica das pesquisas desenvolvidas no campo das Ciências Naturais, em que prevalece a utilização de métodos quantitativos. Como aponta o autor, tal influência decorre, provavelmente, da crença de que o rigor ou mesmo de que a “verdade” científica estão situados na tradição positivista, em que seria possível analisar o mundo social apartado do indivíduo, propiciando um caráter objetivo ao fazer científico:

No entanto, os objetos de investigação da LA e das Ciências Sociais como um todo são diferentes dos das Naturais, de modo que não se justifica a utilização dos mesmos meios ou procedimentos. Considerando que os objetos das Ciências Sociais fazem uso da linguagem e não de fenômenos físicos, e sendo os significados construídos pelos indivíduos – que interpretam e re-interpretam o mundo a sua volta –, é necessário compreender que há a existência de múltiplas realidades e não de uma realidade única (MOITA LOPES, 1994). Dessa forma, para a visão interpretativista, interessa o fator qualitativo ou particular das realidades analisadas e não a padronização ou a generalização de variáveis do mundo social.

Também por essas razões é que nas abordagens qualitativas, como aponta André (2013), nem sempre haverá a atribuição de um nome ou de uma classificação ao tipo de pesquisa, porque o que é realmente significativo é “a explicitação dos passos seguidos na realização da pesquisa, ou seja, a descrição clara e pormenorizada do caminho percorrido para alcançar os objetivos, com a justificativa de cada opção feita.” (ANDRÉ, 2013, p. 96). Nesse sentido, o rigor científico de

determinada pesquisa não tem que ser, necessariamente, evidenciado através de um nome ou de uma classificação pré-estabelecidos, mas sim através da preocupação do pesquisador em demonstrar e evidenciar o percurso metodológico percorrido ou que se pretende percorrer.

Além disso, cabe ressaltar que não há apenas uma forma de realizar uma pesquisa qualitativa interpretativista e, tendo isso em mente, uma das possibilidades existentes consiste na pesquisa de cunho etnográfico.

Nesse viés, a pesquisa etnográfica – que se originou nos campos da sociologia e da antropologia e que tem sido fecunda nos estudos do campo da linguística aplicada – tem como princípio o entendimento de que, em um estudo contextualizado, deve-se considerar, ao contrário das pesquisas de base positivista, as perspectivas não somente do pesquisador acerca do contexto, mas também dos demais participantes envolvidos, característica que constitui o olhar êmico, ou seja, de dentro do grupo investigado, na pesquisa etnográfica (MOITA LOPES, 1994; PAIVA, 2019).

Segundo Erickson (1986 Apud MOITA LOPES, 1994, p. 334), a pesquisa de base etnográfica deve estar preocupada com os seguintes questionamentos: “1) O que está acontecendo no contexto sob investigação?; 2) como os eventos estão organizados?; 3) o que significam para os participantes?; 4) como podem ser comparados a outros em contextos diferentes?”. Em síntese, nesse tipo de investigação, o pesquisador deve pretender analisar como os significados são construídos pelos integrantes de determinado contexto para que este possa ser compreendido.

Além da perspectiva êmica, a pesquisa etnográfica também conta com a perspectiva ética, tendo em vista a necessidade do pesquisador de relacionar as informações obtidas nos dados gerados “dentro” com uma perspectiva científica social externa. Sendo assim, o pesquisador assume a posição de observador e, ao mesmo tempo, participante, já que se encontra sempre em interação com a comunidade investigada. (PAIVA, 2019, p. 81)

Devido aos principais objetivos de uma pesquisa qualitativa interpretativista de base etnográfica, é relevante que o pesquisador busque empreender esforços para construir uma descrição minuciosa e aprofundada do contexto investigado, motivo pelo qual é comum que se utilizem instrumentos como diários de campo, gravações audiovisuais, entrevistas etc.

Nesta pesquisa, optei por utilizar anotações de campo e registros audiovisuais (em foto e em vídeo), compreendendo que essas seriam as ferramentas mais proveitosas para uma análise da linguagem em interação que leva em consideração aspectos multimodais.



Sem o intuito de esgotar a análise dos dados, uma vez que isso nem seria possível tendo em vista tanto a própria dinamicidade do fazer científico – que propicia uma infinidade de olhares e de abordagens para determinado fenômeno – quanto o tempo limitado para a realização desta pesquisa, selecionei alguns excertos dos debates analisados, baseando-me na questão norteadora deste estudo.

Diante disso, é importante apresentar o contexto no qual a abordagem etnográfica desta pesquisa foi desenvolvida, especialmente porque as dinâmicas de um movimento social funcionam de maneiras distintas das de um ambiente formal de ensino como, por exemplo, a escola.

Conforme mencionado em momentos anteriores deste estudo, meu contato com o contexto investigado já ocorre há mais de 7 anos, motivo pelo qual a etapa inicial mais característica da etnografia, que consiste em ter um primeiro encontro com a comunidade para apresentar os objetivos da pesquisa, não ocorreu de maneira usual.

O interesse pela realização da pesquisa foi demonstrado e explorado em diversos encontros com os demais participantes do Levante, durante as atividades que comumente realizamos. Por essa razão e principalmente por fazer parte do grupo, o possível tensionamento inicial que um pesquisador que opta pela etnografia pode encontrar ao conhecer a comunidade que se pretende investigar não ocorreu. De maneira geral, a ideia, que inclusive ganhava novos contornos a cada diálogo sobre o interesse de pesquisa com os membros participantes, foi bem aceita e acolhida desde o princípio.

A partir disso, não posso deixar de mencionar que a metodologia desta pesquisa também dialoga com princípios da autoetnografia, uma vez que me encontro enquanto pesquisadora, mas também participante do grupo pesquisado, o que implica um certo grau de autorreflexividade, característico de abordagens autoetnográficas.

De antemão, é preciso dizer que o conceito de autoetnografia não é estanque e consensual entre pesquisadores que utilizam enfoques etnográficos. Neste estudo, não pretendo fazer uma descrição longa e aprofundada acerca dessa noção. Contudo, é significativo apontar que concebo, em diálogo com Oliveira (2018), a autoetnografia como um modo de fazer etnografia em que dicotomias tradicionais como objetividade vs. subjetividade, sujeito vs. objeto etc, são colocadas em xeque.

Isso decorre da compreensão de que quando um "nativo" se torna etnógrafo de sua própria comunidade, essas distinções, em muitos momentos, não são bem definidas ou mesmo não fazem

sentido para essa configuração de pesquisa realizada por uma perspectiva "de dentro". Essa compreensão pode ser melhor delineada a partir dos seguintes dizeres de Versiani (2002):

Nesse sentido, o conceito de autoetnografia, mais do que refletir a "descoberta" de um objeto anterior e exterior ao pesquisador, surge como delimitação do objeto construído pelo pesquisador, preocupado em estabelecer estratégias de leitura das produções culturais que tematizam processos de identificação e subjetivação coerentes com as alternativas conceituais ético-políticas de construção de uma episteme não dualista. (VERSIANI, 2002, p. 69-70)

Conforme aponta Oliveira (2018), essa abordagem, como qualquer outra, possui potencialidades e limitações. A potencialidade está centrada, sobretudo, na busca em romper com lógicas dicotômicas, as quais dificultam a compreensão dos processos de intersubjetividade ocorridos na interação entre o pesquisador e o contexto de pesquisa, uma vez que, pela dicotomia, a diferença acaba sempre sendo ressaltada em detrimento do que é intersubjetivo:

A lógica dicotômica do pertencer *versus* não pertencer, da identidade *versus* diferença, ou como nas etnografias construídas a partir do modelo tradicional de etnografia, etnógrafo *versus* etnografado, sujeito *versus* objeto, o Mesmo *versus* o Outro, visualiza apenas o momento da diferença, não os processos intersubjetivos através dos quais ocorrem interações e identificações culturais. (VERSIANI, 2002, p. 70, grifos da autora)

A partir disso, é importante dizer que a pesquisa etnográfica possui, de maneira intrínseca, uma dimensão narrativa (GEERTZ, 1989). Essa dimensão colabora com o entendimento de que "o texto antropológico é, em si, uma interpretação sujeita a reelaborações, ressignificações, reinterpretções, dentro de circunstâncias específicas." (OLIVEIRA, 2018, p. 38)

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica e autoetnográfica não tem como intuito a descoberta de uma verdade universal. Ao contrário, sua preocupação está centrada na busca pelo(s) significado(s). Assumir esse caráter interpretativo implica assumir também, sem nenhum problema, que a pesquisa etnográfica não é neutra e isenta e, portanto, as interpretações e considerações que proponho nesta pesquisa certamente são premissas de questões subjetivas que me constituem e que, por isso, constituem também meu fazer científico.

Outro ponto sobre o meu lugar de pesquisadora-nativa que considero importante destacar é o fato de que essa posição, mesmo com seu viésêmico e intersubjetivo, não garante uma "reprodução" exata do pensamento de todo um coletivo, composto por pessoas diversas. De fato, o lugar em que me encontro permite compreensões distintas de um pesquisador que não fizesse

parte do grupo, por exemplo, razão pela qual a perspectiva autoetnográfica é tão interessante. Contudo, isso por si só não seria suficiente para garantir uma interpretação fiel de todos os integrantes do grupo, o que, novamente, não é um problema, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa não é descobrir uma verdade universalizante.

Há ainda uma outra percepção equivocada sobre a pesquisa autoetnográfica: que a cientificidade de uma pesquisa realizada por um pesquisador-nativo poderia ser comprometida. Porém, o fato de um pesquisador pertencer a uma comunidade não faz com que ele automaticamente a conheça por completo. Nesse sentido, “ninguém de fora pode realmente conhecer a totalidade de uma dada cultura, mas então precisamos perguntar se qualquer pessoa de dentro pode conhecer a totalidade de sua cultura” (WHYTE, 2005, p. 361)

Feitas essas considerações, lanço-me, em consonância com Whyte (2005), na busca pelo estranhamento de um espaço que me parece tão comum e familiar. Para isso, elaboro, na próxima seção, um breve panorama histórico da origem do Levante Popular da Juventude.

## 1.2 O LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE A NÍVEL NACIONAL: BREVE HISTÓRICO E TRAJETÓRIA

O Levante Popular da Juventude<sup>2</sup> é um movimento social que reúne jovens estudantes, periféricos e camponeses de diversas regiões do país. Foi nacionalizado no ano de 2013 e, desde então, vem organizando diversas lutas coletivas pela conquista de direitos e pela transformação social em âmbito municipal, estadual, regional e nacional. Neste ano de 2024, o Levante completa 13 anos desde sua nacionalização, entretanto, seus antecedentes históricos datam de muito antes. Sendo assim, resgato, de maneira breve, alguns momentos importantes para compreender a trajetória do Levante Popular da Juventude. Antes disso, é importante dizer que os momentos resgatados formam parte de um consenso mais geral entre os militantes do Levante, o que não quer dizer, contudo, que se trate de uma compreensão universalizante acerca da história do movimento.

No final dos anos 90, era evidente a importância de fortalecer a estrutura organizacional dos jovens nos movimentos sociais rurais, visando à criação de uma nova geração de militantes.

---

<sup>2</sup> Demais informações podem ser acessadas através do site do movimento social. O link encontra-se disponível nas referências.

Assim, nos primeiros anos dos anos 2000, os movimentos sociais ligados à Via Campesina<sup>3</sup> intensificaram os esforços para organizar seus jovens, designando militantes para orientar e acompanhar os jovens nos movimentos.

Em 2005, a Consulta Popular<sup>4</sup>, um importante instrumento político para muitos membros da Via Campesina naquela época, estabeleceu, em uma Assembleia Nacional, a resolução de organizar os jovens da classe trabalhadora, especificamente os jovens de periferias. Naquele momento, a Consulta Popular entendia que a inserção na juventude trabalhadora, especialmente nas grandes periferias, era essencial para a construção de um projeto alternativo para o Brasil, que desafiasse a hegemonia existente. Desta forma, compreendia-se a necessidade de deslocar membros de um contexto em que já havia certo grau de organização para que eles pudessem construir uma força social nos centros urbanos, onde as organizações de esquerda, de uma maneira geral, tinham uma influência escassa. Como desdobramento dessas experiências, ocorre, no Rio Grande do Sul, uma articulação entre membros do Movimento dos Trabalhadores por Direitos (MTD), do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e um estudante universitário. Esse grupo passa a desempenhar atividades principalmente em periferias da cidade de Porto Alegre, reunindo jovens em encontros para debater, de forma crítica, questões que tocam a vida da juventude, como a pobreza, o racismo, o machismo, a LGBTfobia, entre outras problemáticas. Foi nesse momento que a ainda embrionária organização ganhou o nome de Levante Popular da Juventude.

Entre os anos de 2006 e 2008, foi realizado o Programa de Formação Política da Juventude do Campo e da Cidade em mais de 15 capitais brasileiras, com base em parcerias entre os jovens da Via Campesina e de coletivos de jovens dos centros urbanos, que atuavam a partir do teatro, da dança, do *hip-hop*, do *funk*, da literatura, do maracatu, dentre outras manifestações culturais e artísticas.

Todas essas experiências foram, ao longo dos anos, inspirando jovens de vários estados brasileiros, fortalecendo e consolidando a identidade do movimento. É no ano de 2012, então, que

---

<sup>3</sup> A Via Campesina é um movimento internacional que reúne organizações camponesas de trabalhadores agrícolas, de mulheres do campo e de comunidades negras e indígenas na América, na África, na Ásia e na Europa.

<sup>4</sup> A Consulta Popular foi uma organização fundada no final dos anos 90 que aglutinava militantes de diversos movimentos populares. Era uma organização de cunho socialista que visava à mobilização popular para a construção de um projeto de esquerda que estivesse além dos processos eleitorais. Recentemente, no ano de 2022, houve um movimento de separação entre os setores que compunham a Consulta, por divergências políticas, resultando na construção de um novo movimento, que é o Movimento Brasil Popular. A antiga Consulta Popular encontra-se, hoje, praticamente extinta, já que a maioria de seus militantes passaram a compor o Movimento Brasil Popular.

o Levante Popular da Juventude se consolida, oficialmente, como uma organização nacional, a partir de um acampamento realizado na cidade de Santa Cruz do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. O acampamento reuniu mais de mil jovens de diversos estados brasileiros, que firmaram uma carta compromisso com os primeiros passos a serem dados para a construção de um projeto popular para a juventude brasileira.

Ainda em 2012, o Levante realiza, em alguns estados brasileiros, ações que ficaram conhecidas como “escrachos”, que consistem em denúncias diretas contra injustiças sociais. Nesse ano, os escrachos foram direcionados aos torturadores da Ditadura Militar, denunciando a impunidade e pautando a luta por Memória, Verdade e Justiça. Importante ressaltar que um mês após esses eventos, foi instaurada a então ameaçada Comissão Nacional da Verdade.



Figura 1: Escracho contra a ditadura.  
Fonte: mab.org.br.

Em relação à sua organicidade, o Levante Popular da Juventude é estruturado a partir de três frentes de atuação, sendo elas: a frente territorial, em que majoritariamente atuam os jovens das periferias, a frente estudantil, em que estão os jovens estudantes e a frente camponesa, em que estão inseridos os jovens do campo. Mais recentemente, o Levante, a nível nacional, vem buscando consolidar outra frente de atuação, que é a frente secundarista, específica de estudantes do ensino básico. A divisão em frentes ocorre para que os jovens possam criar debates e estruturar ações a partir das realidades que experienciam, o que não exclui a atuação conjunta e simultânea entre os jovens dessas frentes.

Cabe mencionar também que o movimento possui instâncias organizativas que visam ao funcionamento do coletivo. Dessa forma, existem as Coordenações Nacional (CN) e Estadual (CE), que devem dar conta da linha política e da integração entre os militantes da organização a nível nacional e estadual; as Secretarias Operativas Municipais (SOM) e Estaduais (SOE), que têm um caráter mais propositivo no sentido de acompanhar as esferas do movimento e fazer com que as ideias “saíam do papel”; as células, que desempenham papel fundamental para que o Levante exista, pois são nesses espaços que os militantes se organizam, a partir dos contextos nos quais estão inseridos, para debater assuntos diversos e construir atividades; a Coordenação Municipal (CM), que desempenha papel semelhante à CN e CE, mas a nível municipal.

Importante dizer que todas essas instâncias não são configuradas de maneira hierárquica, isto é, não existe uma relação de maior ou menor importância do militante para a organização de acordo com o espaço que ocupa. Compreendemos que elas existem como partes de um organismo completo, que é o Levante. E assim como um corpo, para que seja saudável, necessita que todas as partes estejam em pleno funcionamento, o Levante também precisa que todas essas instâncias estejam funcionando para a sobrevivência e existência do movimento. Com isso, é importante dizer que nos distanciamos de modelos organizativos verticais e aproximamo-nos de uma modelo organizativo mais horizontal, tendo como princípio o centralismo democrático, conceito que abordo na seção da análise dos dados.

No que diz respeito ao perfil da juventude que compõe o movimento, pode-se destacar que a maioria são jovens negras e negros, mulheres e LGBTQIAPN+. Segundo uma pesquisa quantitativa<sup>5</sup> divulgada pela Escola Nacional Paulo Freire, o movimento atualmente é composto por 66,3% de mulheres, 52,3% de jovens negras e negros e 78,4% são LGBTQIAPN+. Além disso, 71% dos jovens são estudantes e 69,5% já estão no mercado de trabalho.

Traçado esse breve panorama histórico acerca da constituição do Levante, busco, na próxima seção, destacar alguns aspectos significativos acerca do processo de formação e atuação do movimento também na cidade de Juiz de Fora, para melhor caracterização do contexto desta pesquisa.

### 1.3 O LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE EM JUIZ DE FORA: BREVE HISTÓRICO E FORMAS DE ATUAÇÃO

---

<sup>5</sup> Acesso à divulgação da pesquisa disponível nas referências.

A história do Levante em Juiz de Fora começa junto com o processo de consolidação do Levante a nível nacional, entre 2012 e 2013. De início, o movimento na cidade era formado por cerca de 10 estudantes da UFJF e era denominado como Coletivo Piracema. Foi a partir da participação no Estágio Interdisciplinar de Vivência (EIV)<sup>6</sup>, iniciativa realizada pelo MST, que os jovens que compunham o coletivo decidiram construir o Levante em Juiz de Fora. A proposta para essa construção partiu do próprio MST, que a nível nacional vinha buscando contribuir para a construção de uma militância protagonizada pela juventude, no intuito de fortalecer o trabalho de base<sup>7</sup>.

A partir de então, o Levante começou a ser construído e consolidado no movimento estudantil e na frente territorial na cidade. Nos anos que sucederam o ano de 2012, o Levante construiu agendas políticas relacionadas, por exemplo: à construção do plebiscito popular pela assembleia constituinte, movimento que estava ocorrendo a nível nacional; ao processo de construção da eleição da ex-presidenta Dilma, seguido do movimento de resistência ao golpe de 2016; à inserção no movimento estudantil a partir do campo popular, entre outros. No entanto, um acontecimento marcante para que o Levante fosse consolidado na cidade foi a construção do Curso de Realidade Brasileira (CRB), com o formato na escola.

O CRB é uma iniciativa desenvolvida por movimentos do campo popular como o MST, o Movimento Brasil Popular (MBP), o Levante Popular da Juventude e o Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos (MTD), com o intuito de propiciar espaços de formação política com e para o povo brasileiro. Apesar do CRB ser uma iniciativa que não nasce em Juiz de Fora, seu formato de realização na escola foi um piloto do município, que contribuiu para a continuidade do projeto em demais estados brasileiros.

---

<sup>6</sup> O EIV consiste em um estágio, organizado pelo próprio MST, para que jovens das universidades tenham espaços de formação acerca de temáticas relacionadas à reforma agrária, possibilitando o contato desses jovens com assentados e agricultores familiares organizados, para que possam, além de uma formação teórica, vivenciar na prática os desafios enfrentados por esses grupos.

<sup>7</sup> Segundo Peloso (2012), o trabalho de base pode ser compreendido como uma ação política que visa à transformação da sociedade, ação essa realizada a partir da organização popular, com fins de buscar soluções para os problemas cotidianos do próprio povo e com o objetivo de combater todas as formas de opressão.





Figuras 2, 3, 4 e 5: Curso de Realidade Brasileira realizado em escolas de Juiz de Fora entre os anos de 2013 e 2016. Fonte: Acervo pessoal de Rafael Donizete, militante do Levante, disponibilizado para a autora.

Com a realização periódica do CRB, o Levante começou a tomar corpo na formação das frentes estudantil e territorial.

Na universidade, o movimento passou a compor Centros e Diretórios Acadêmicos em diferentes áreas do conhecimento e, entre os anos de 2018 e 2024, construiu o DCE, em unidade com outros coletivos e movimentos estudantis. Já na frente territorial, o Levante passou a construir um cursinho popular, a partir da Rede de Cursinhos Podemos +<sup>8</sup>, no bairro Santa Cândida, em parceria com outros movimentos. O cursinho tem como objetivo possibilitar o ingresso de

<sup>8</sup> A Podemos+ é uma iniciativa do Levante Popular da Juventude em conjunto com outros movimentos do campo popular, a nível nacional, que tem como objetivo fortalecer a democratização do ensino superior, ao impulsionar a entrada de jovens da classe trabalhadora nas universidades. Além disso, também visa à formação política e crítica dos militantes, utilizando princípios da Educação Popular como base.



estudantes do ensino fundamental e médio no Instituto Federal Fluminense e na universidade, respectivamente, mas principalmente possibilitar espaços de formação crítica e política, seguindo perspectivas da Educação Popular. O corpo de educadores do cursinho é composto, em sua maioria, por militantes do próprio Levante e por parceiros que acreditam na educação como ferramenta para a transformação social.

Muitas outras atividades e o momentos significativos da trajetória juiz-forana do Levante poderiam ser destacados, entretanto, não é esse o objetivo deste estudo. Apesar disso, considere importante resgatar esses aspectos para melhor compreensão dos participantes com os quais esta pesquisa foi desenvolvida. Dito isso, descrevo, na próxima subseção, como ocorreu a geração dos dados que busco analisar e quais foram os procedimentos de pesquisa utilizados.

#### 1.4 GERAÇÃO DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Nas subseções anteriores, elaborei um pequeno panorama acerca da história e da atuação do Levante a nível nacional e municipal, por compreender ser esse um movimento importante para a compreensão dos participantes desta pesquisa. Agora, caracterizo, de maneira mais objetiva, quantas pessoas participaram deste estudo, bem como destaco quais foram os procedimentos para que a investigação fosse desenvolvida.

Atualmente, o Levante, em Juiz de Fora, conta com cerca de 40 militantes, porém nem todos são militantes orgânicos, isto é, nem todos participam ativamente e assiduamente dos encontros e das atividades realizadas, principalmente porque é difícil encontrar momentos em que todos conseguem conciliar suas disponibilidades.

Sendo assim, participaram dos encontros observados 25 militantes no total. A aceitação dos participantes foi devidamente formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme orientações do Comitê de Ética da Universidade Federal de Juiz de Fora, o qual aprovou o projeto para que os dados desta pesquisa fossem gerados<sup>9</sup>. Todos os participantes estiveram de acordo em participar das etapas da pesquisa e, além disso, foram esclarecidos sobre as atividades que seriam desenvolvidas no decorrer da investigação e também lembrados de que poderiam desistir da participação a qualquer momento. No que diz respeito às

---

<sup>9</sup> Parecer CEP/UFJF 6.556.666

preocupações relacionadas com a manutenção do anonimato dos participantes, todos são tratados nesta pesquisa por nomes fictícios.

Em relação aos dados que compõem esta pesquisa, estes foram gerados ao longo de 2 encontros que ocorreram entre os meses de janeiro e abril de 2024. O primeiro encontro, realizado no mês de janeiro, consistiu em uma reunião da Coordenação Municipal (CM), desenvolvida durante a tarde do dia 21 de janeiro, domingo. Já o segundo foi um encontro direcionado para o planejamento anual de toda a militância do Levante em Juiz de Fora, o qual ocorreu durante o final de semana dos dias 20 e 21 de abril, no período da manhã e da tarde. Como o Levante não possui uma sede fixa em Juiz de Fora, nossos encontros acontecem em espaços cedidos por movimentos ou instituições parceiras, como sindicatos, comitês, escolas etc. Na seção de análise de dados, descrevo de maneira mais aprofundada as dinâmicas dos encontros.

Conforme mencionado na subseção em que trato do paradigma desta pesquisa, optei por utilizar gravadores de áudio e vídeo para o registro das interações observadas, além de um diário de campo para registrar elementos que considere significativos no momento. Dessa forma, foi utilizado um gravador para registrar apenas o áudio e um gravador para registrar imagem e áudio – ambos de celulares.

Em todos os encontros, a disposição dos lugares se deu em formato circular/semicircular, por entendermos que essa configuração espacial facilita o debate e a interação entre os participantes. Assim, posicionei o gravador de áudio no centro do semicírculo, no intuito de obter uma boa captação das vozes, e posicionei o gravador de vídeo em um tripé no espaço de abertura do semicírculo. Essa disposição pode ser melhor visualizada a partir do seguinte esquema:



Esquema 1: Disposição dos participantes e dos gravadores.

Fonte: Elaborado pela própria autora (2024), com base no mapa “Disposição dos alunos na sala” (VEIGA, 2022, p. 35).

Depois da geração dos dados, assisti aos vídeos e ouvi as gravações de áudio nos casos em que o vídeo não captou de maneira satisfatória o som para, então, poder transcrever as falas dos excertos selecionados para a análise. Para a transcrição, baseei-me, fazendo adaptações, em algumas convenções propostas pela Análise da Conversação (MARCUSCHI, 2010), como maiúsculas para tom mais alto, silabação para falas pausadas, reticências para pequenas pausas e hesitações, ponto de interrogação para perguntas e ponto final para encerramento do turno de fala. As convenções utilizadas podem ser melhor visualizadas no quadro a seguir.

| Convenções para transcrição dos excertos de fala |                                                            |
|--------------------------------------------------|------------------------------------------------------------|
| Símbolo                                          | Significado                                                |
| MAIÚSCULAS                                       | ênfase na entonação, nomes próprios e início de enunciados |
| Silabação                                        | pausas realizadas na pronúncia de palavras                 |
| ...                                              | pequenas pausas e hesitações                               |
| ?                                                | tom interrogativo                                          |
| !                                                | tom exclamativo                                            |

|     |                                      |
|-----|--------------------------------------|
| .   | encerramento de turno de fala        |
| ,   | organização sintática dos enunciados |
| ( ) | comentários da pesquisadora          |
| [ ] | supressão de trechos de fala         |

Quadro 1: Convenções para transcrição dos excertos de fala.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Já para demonstrar os elementos cinésicos que destaco na análise, optei pela elaboração de quadros a partir da captura de tela de momentos específicos registrados nos vídeos dos encontros – dispondo as imagens em sequência a partir da contagem de minutos dos vídeos em que cada captura foi gerada –, utilizando elementos como setas e outros marcadores para destacar a direção de olhares, postura corporal etc.

Por fim, os critérios para a seleção dos excertos foram delimitados pelos objetivos deste estudo, que consistem, majoritariamente, em investigar a elaboração da argumentação no contexto desta pesquisa. Assim, destaco e analiso excertos em que operadores argumentativos e modalizadores discursivos contribuem para a construção do convencimento dos participantes, bem como seleciono e observo excertos em que a integração de múltiplos modos, especialmente o aspecto entonacional e cinésico, cooperam para a formulação da argumentação na perspectiva de tomadas de posição e do convencimento dos militantes.

Descritos os caminhos percorridos para a geração dos dados, busco, no momento seguinte, tecer considerações acerca do caráter educador intrínseco aos movimentos sociais/populares, ainda que não se constituam como espaços formais de educação.

## 2 MOVIMENTOS POPULARES COMO EDUCADORES

*Educação popular é ferramenta político-pedagógica que contribui: na divulgação e recriação do conhecimento; na construção e implantação da estratégia de uma organização popular; na qualificação de militantes para a luta de classes; na elevação do nível de consciência da classe oprimida e na incorporação do povo como protagonista; na tradução das ideias e na aplicação da metodologia popular, com o compromisso da multiplicação criativa. (PELOSO, 2012, p. 9)*

Movimentos populares estão presentes em diversos acontecimentos históricos de distintas sociedades. No Brasil, não é diferente. Desde o século XVI, quando os colonizadores chegaram no país, povos indígenas e posteriormente africanos uniram-se pela revolta contra o sistema de escravidão instituído pelos europeus. Com o passar dos séculos, setores da sociedade continuaram construindo organizações coletivas na busca pelo alcance de objetivos comuns e contra os sistemas de opressão, organizações que podem ser denominadas como movimentos sociais e/ou populares.

É importante dizer que o significado do termo “movimento social” não é consensual entre pesquisadores que se dedicam ao estudo do tema ou mesmo aos participantes de movimentos sociais. Aqui, não tenho a pretensão de explorar cada paradigma instituído acerca do tópico, tendo em vista que meu principal interesse é pensar a relação dos movimentos sociais com processos educativos.

No entanto, é importante ressaltar que, de modo mais recente, organizações populares como o MST, o próprio Levante, dentre outras pertencentes à esquerda, têm optado por utilizar o termo “movimento popular” no lugar de “movimento social”, tendo em vista que este é um termo amplo que não necessariamente corresponde a lutas populares. No caso desta pesquisa, utilizarei ambos os termos como sinônimos, mas alinhando-me à perspectiva defendida por movimentos do campo popular que concebe como movimentos populares aqueles alinhados aos interesses da classe trabalhadora e de grupos marginalizados.

Nesse sentido, realizo em um primeiro momento, com base em Gohn (2006; 2011), breves considerações acerca dos conceitos de educação formal, não formal e informal, por entender que

essa diferenciação é importante para compreender as dinâmicas que colaboram com a concepção de movimentos populares como espaços educativos (GOMES, 2022). Depois, teço algumas reflexões acerca de aspectos importantes para a atuação de movimentos populares como as noções de educação popular e trabalho de base (FREIRE & NOGUEIRA, 1993; PELOSO, 2012).

## 2.1 O QUE É EDUCAÇÃO NÃO FORMAL?

O termo “educação” engloba uma série de possibilidades e, em suas diversas formas, desempenha um papel fundamental para a sociedade, no nível individual e coletivo, abrangendo diferentes contextos. Em consonância com Gohn (2006), é possível classificar a educação como pertencente a três principais esferas: a formal, informal e não formal.

Em relação à educação formal, esta pode ser compreendida como aquela que ocorre em espaços institucionais, a partir de “instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais.” (GOHN, 2006, p. 29). Nesse sentido, a educação formal é composta por sistemas estruturados e institucionalizados de ensino, presente em espaços como as escolas e universidades, onde há currículos definidos a partir de documentos norteadores e ambientes com regras e padrões previamente convencionados.

Dentre os diversos objetivos da educação formal, é possível destacar, como objetivos mais gerais, o ensino-aprendizagem de conteúdos já sistematizados, a partir dos quais se pretende formar os indivíduos para a cidadania, a partir do desenvolvimento de habilidades e competências que permitam ao estudante exercer o pensamento crítico diante da vida em sociedade. Nesse sentido, “a educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc.” (GOHN, 2006, p. 30)

Já a educação informal pode ser caracterizada como aquela que ocorre de maneira mais espontânea e cotidiana, por meio de experiências e interações sociais em meios diversos como entre familiares, amigos, vizinhos, membros de determinada religião etc. Desse modo, “a educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou

que pertence por herança, desde o nascimento Trata-se do processo de socialização dos indivíduos.” (GOHN, 2006, p. 29)

De acordo com Gohn (2006), é comum que se confunda a educação informal e a educação não formal, de forma que, por vezes, esses termos sejam tratados como sinônimos e intercambiáveis. No entanto, há diferenças significativas entre o que se caracteriza como educação informal e não formal. No caso desta, embora ela não seja sistematizada nos moldes da educação formal e ocorra fora do sistema tradicional de ensino, diferentemente da educação informal, ela não é espontânea, tendo em vista que há formas de sistematização do conhecimento próprias em vista de objetivos a serem alcançados. Assim:

A educação não formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 28)

Um aspecto a ser ressaltado na educação não formal consiste na intencionalidade na ação coletiva. Assim, os indivíduos buscam construir saberes com vistas à ação no mundo social. Diferente do que geralmente ocorre na educação formal, na educação não formal, os objetivos não são estabelecidos à priori, mas sim a partir da interação social entre os indivíduos de determinado grupo, motivo pelo qual, nesses contextos, o educador é o “outro” (GOHN, 2006, p. 29) com quem interagimos. A educação não formal, portanto, não é organizada por aspectos como séries ou conteúdos, ela é relacionada a elementos mais subjetivos do grupo e contribui para o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento e a construção de identidades coletivas, sendo amplamente apoiada por princípios como a solidariedade e a identificação de interesses afins.

A seguir, discuto dimensões relacionadas à educação não formal em contextos de movimentos populares, considerando que o propósito, neste caso, é propiciar um espaço de formação política com vistas à transformação de estruturas sociais que sustentam opressões.

## 2.2 O CARÁTER EDUCADOR DOS MOVIMENTOS POPULARES: EDUCAÇÃO POPULAR E TRABALHO DE BASE

Como ponto inicial, é preciso compreender que há uma relação intrínseca entre educação e política, no sentido de que toda educação é um ato político e todo ato político é, por sua vez, educativo. Não há como escapar de que a política é um aspecto inerente às relações humanas e, portanto, não seria diferente em se tratando da dimensão educacional. Nesse sentido, cabe questionarmo-nos acerca de para quem ou para o que nossa prática pedagógica está direcionada.

No caso dos movimentos populares, essa compreensão é estabelecida a partir do entendimento de que o conhecimento deve estar a serviço do povo e também pelo povo ser construído. Isso decorre do fato de que, ao experienciarmos uma sociedade de classes, a educação estará sempre a favor de alguém e contra outrem (PELOSO, 2012). Assim, a educação pode servir como ferramenta para que os sujeitos se acomodem ao mundo em que vivem ou, por outro lado, sejam capazes de realizar uma leitura crítica da realidade a fim de transformá-la. Portanto, a educação como instrumento para a transformação social é um pressuposto básico da educação popular e libertadora (FREIRE & NOGUEIRA, 1993). Seus objetivos permanentes englobam:

- a) trazudir, divulgar e recriar o conhecimento como força material para transformar a realidade; b) qualificar quadros militantes que se dispõem a transformar, pela raiz, a estrutura do sistema capitalista, no nível político, econômico, ideológico e cultural; c) elevar o nível de consciência da classe oprimida e incorporar o povo como protagonista; d) facilitar o entendimento e a aplicação do conteúdo e da metodologia popular, comprometendo as pessoas com a multiplicação criativa. (PELOSO, 2012, p. 34)

Portanto, os espaços de trocas vivenciados em contextos de movimentos populares são orientados tanto pela formação interna da própria militância, quanto para a formação externa, de toda a sociedade, com vistas a contribuir para a construção de reflexões críticas sobre o mundo e, conseqüentemente, para a elaboração de formas de luta capazes de influir nas estruturas sociais, de modo a transformá-las e moldá-las de acordo com os interesses dos povos oprimidos.

É preciso, nesse sentido, delinear o que seria transformar a realidade, tendo em vista que esse objetivo tem sido pautado em diferentes contextos e, para que não se tenha uma visão ingênua ou mesmo superficial, é preciso dizer o que se quer transformar e qual(is) sociedade(s) almeja-se



construir. Esse processo de construção pautado por princípios da educação popular é constituído por meio do que denominamos como trabalho de base.

Segundo Peloso (2012), construir o trabalho de base requer acreditar em uma utopia, isto é, esperar, para usar termos freirianos, outras realidades possíveis, mais justas e livres de opressão. Nesse sentido, para fazer trabalho de base, há que se assumir um compromisso com a construção de um projeto de sociedade no qual a produção social da riqueza, em seus mais distintos âmbitos (cultural, artístico, social, econômico), possa ser compartilhada de forma justa e igualitária por todos. Para tornar esse sonho realidade, é necessário elaborar uma estratégia, com arte e ciência, a fim de que sejam criadas ferramentas que organizem as classes oprimidas no processo de emancipação. Assim, “retomar o trabalho de base é resgatar uma *estratégia*, um caminho de luta e organização que *envolve os próprios interessados* no conhecimento e na solução dos próprios desafios, individuais e coletivos.” (PELOSO, 2012, p, 65, grifos do autor)

Os principais objetivos do trabalho de base, nessa perspectiva, são: propiciar a participação massiva dos mais diversos setores da classe trabalhadora no projeto de construção de uma nova sociedade, democratizar o poder e construir o sonho de mundos novos.

Em relação ao primeiro objetivo, é importante dizer que a classe dominante, a elite, não mede esforços para cooptar lideranças que se destacam. Por essa razão, é fundamental que, conscientes de nosso propósito, ocupemos todos os espaços da vida, como a ciência, o trabalho, a política (institucional ou não), a arte, a cultura, o lazer.

Democratizar o poder, por sua vez, requer a participação ativa na construção de propostas e tomadas de decisão, bem como no compartilhamento de responsabilidades. Assim, o trabalho de base é uma escola de participação política (PELOSO, 2012) em que é necessário falar e ouvir, propor e negociar, ganhar e perder, disputar e decidir, responsabilizar-se e cobrar para que se possa construir caminhos de fato com a participação coletiva.

A finalidade última da luta popular é realizar o sonho de novos mundos que sejam livres de toda a forma de opressão, capazes de satisfazer as necessidades materiais e espirituais das pessoas. Mas, para aproximarmos-nos desse caminho, é preciso que nos relacionemos de forma solidária com o outro, seja um outro humano ou mesmo uma outra forma de vida, com o ambiente com o qual interagimos, “sem dominação, sem competição, sem preconceitos e sem destruição.” (PELOSO, 2012, p. 66)

Em síntese, trabalho de base é proporcionar, de modo coletivo, que o povo esteja em movimento em todos os espaços com o propósito de transformar as estruturas sociais e construir uma sociedade protagonizada pelos povos oprimidos, pautada na justiça social e na solidariedade.

Os debates desenvolvidos pelos militantes do Levante Popular da Juventude têm como intuito proporcionar espaços para a construção contínua do trabalho de base, fomentando a formação interna dos militantes, para que sejam capazes de refletir criticamente sobre as realidades que experienciam, reafirmar valores e princípios e construir saídas coletivas para os desafios enfrentados pela classe trabalhadora e juventude brasileira.

Com isso em mente e a fim de construir subsídios para a análise dos debates elencados como *corpus* desta pesquisa, apresento, na seção seguinte, a concepção de gêneros discursivos aqui assumida e a relação destes com as esferas discursivas nas quais são veiculados.

### 3 A ABORDAGEM DIALÓGICA DE GÊNEROS DISCURSIVOS

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência.  
(BAKHTIN, [1929] 2016).*

No capítulo anterior, procurei mobilizar aspectos importantes para compreender a relação dos movimentos sociais com processos educativos e com a construção do trabalho de base. A escolher por explorar essas relações e descrever o contexto no qual esta pesquisa ocorreu não é meramente orientada pela necessidade de detalhar o cenário investigado. Na verdade, considero que essa explanação é importante para compreender mesmo a construção do gênero discursivo analisado nesse espaço específico de um movimento social de juventude.

Bakhtin ([1929] 2016) já alertava para a indissociabilidade entre esfera comunicativa e formação de gêneros dos discursos, indicando que estes são moldados pelas necessidades comunicativas de determinada esfera do discurso. Por essa razão, estabeleço neste momento considerações acerca da noção de gêneros discursivos a partir da abordagem dialógica, bem como sobre a relação entre esfera e gêneros do discurso. Tais considerações estão, portanto, ancoradas nas reflexões propostas por Bakhtin e demais pensadores bakhtinianos (BAKHTIN, [1929] 2016; BRAIT, 2018; CEREJA, 2018; SOBRAL, 2018), as quais indicam que as atividades comunicativas ocorrem por meio dos gêneros (orais e escritos) do discurso.

#### 3.1 GÊNEROS DO DISCURSO: DEFINIÇÃO

Bakhtin ([1979] 2016), ao conceber a linguagem como parte integrante dos diversos campos da atividade humana, sinaliza que a língua acontece em forma de enunciados únicos e concretos. Tais enunciados, por serem produzidos em contextos socio-históricos e culturalmente determinados, refletem as condições específicas e as finalidades do campo da atividade humana no qual se inserem. A partir disso é que se pode conceber - apesar da individualidade e irrepetibilidade de cada enunciado - que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso*.” (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 12, grifo do autor).

Importante salientar que a definição de *tipos relativamente estáveis* não deve ser compreendida de forma a enquadrar o gênero como um fenômeno hermético, uma vez que o próprio Bakhtin atentou para a complexidade e para a heterogeneidade dos gêneros dos discursos devido ao caráter multifacetado da própria atividade humana. Acerca desse equívoco, Sobral (2018, p. 134) defende que há atualmente uma tendência em usar “frouxamente e sem rigor” conceitos bakhtinianos como o de gênero a partir de uma postura, muitas vezes, formalista, teoreticista e abstrata, quase que em substituição da nomenclatura gramatical, o que certamente vai de encontro às propostas do Círculo.

Em diálogo com as propostas do Círculo e com a reflexão de Sobral (2018), busco compreender o estudo dos gêneros discursivos como uma atividade engajada na análise da natureza do enunciado em sua relação com a vida, o que significa assumir que determinado gênero é veiculado “num dado lugar e num dado momento por meio do agir de um sujeito situado na sociedade e na história” (SOBRAL, 2018, p. 147). E é assim que, de acordo com Bakhtin, “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.” (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 16-17)

Esses pressupostos sugerem uma quebra de paradigma nos estudos linguísticos, que até então estavam voltados para o estudo do discurso como unidade de estruturas linguísticas, e manifesta a necessidade de pensar o discurso em seu contexto enunciativo. Acerca disso, Machado (2018, p. 157) sinaliza que essa atitude epistemológica decorre da compreensão de que “os gêneros discursivos são formas comunicativas que não são adquiridas em manuais, mas sim nos processos interativos”. Essa perspectiva é evidenciada no pensamento bakhtiniano quando diz o autor:

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciados concretos que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 38)

Desse modo, Bakhtin destaca a interação entre três elementos constituidores do gênero e que possibilitam aos interlocutores o reconhecimento dos diversos gêneros em circulação, sendo eles: “o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, os quais também são determinados pelas particularidades de dado campo da comunicação.” (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 11-12)

Em relação ao *conteúdo temático*, este pode ser compreendido a partir de um processo em que o *tema* - estágio mais concreto e instável da capacidade de significar - soma-se à *significação* - estágio mais abstrato e estável da capacidade de significar - resultando na construção de um objeto do discurso que pressupõe uma conclusibilidade, ainda que relativa, e que demarca os objetivos e os intuítos do enunciador, o que, nessa perspectiva, possibilita a mobilização de conhecimentos coletivamente construídos entre locutor e interlocutor (CEREJA, 2018; BAKHTIN, [1929] 2016). De um modo mais simplificado, pode-se definir o *conteúdo temático* como aquilo que é dizível por meio de determinado gênero. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004)

No que diz respeito ao *estilo*, Bakhtin ([1929]2016) preocupou-se em enfatizar sua relação intrínseca com as formas típicas de enunciado (os gêneros do discurso) em dois planos: o do estilo individual e o do estilo em geral. Acerca do primeiro, o autor, partindo do ponto de que todo enunciado é individual, compreende que a individualidade do enunciador é, em menor ou maior grau, refletida no enunciado. Quanto a isso, sinaliza que há enunciados mais propícios para o estilo individual, como os gêneros da literatura de ficção, e os menos propícios, que requerem uma forma mais padronizada, como os documentos oficiais. Já o estilo em geral corresponde a uma determinada função que os gêneros desempenham em um dado campo da atividade humana, podendo ser melhor compreendido nos escritos do próprio autor:

Uma função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e certas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e - o que é de especial importância - de determinadas unidades composicionais. (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 18)

Nessa passagem, é possível compreender por que o estilo, na concepção bakhtiniana, é um elemento intrínseco à própria construção dos gêneros discursivos.

Concernente ao terceiro elemento, a *construção composicional*, é necessário compreender que tanto a seleção de determinado *conteúdo temático* quanto a individualidade do enunciador - que se expressa através do *estilo* - são mobilizadas e articuladas em uma determinada forma típica de enunciado, relativamente estável, ou seja, em uma determinada construção composicional. Dessa forma é que “aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras” (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 39). Disso decorre o fato de que sem os gêneros discursivos e o reconhecimento

desses gêneros pelos interlocutores, a comunicação seria quase impossível, já que teríamos de inventá-los pela primeira vez a cada interação.

Apesar de não ter sido a preocupação do Círculo propor um construto metodológico ou uma sistematização para o estudo dos gêneros, é inegável que as reflexões teóricas propostas pelos autores fornecem uma grande contribuição para o campo dos estudos linguísticos, de uma maneira geral, mas principalmente para os campos que estão preocupados em compreender como os sentidos são construídos entre os falantes, por meio da vasta heterogeneidade de gêneros discursivos que circulam no mundo social.

Outro aspecto desenvolvido pelos estudos bakhtinianos que se relacionam com o gênero discursivo é a noção de esfera discursiva, discussão à qual me dedico a seguir.

### 3.2 ESFERA DISCURSIVA E GÊNEROS DO DISCURSO

Para Bakhtin ([1929] 2016), o discurso é sempre situado e contextualizado, o que o leva a desenvolver os conceitos de esferas discursivas e gêneros discursivos, este já desenvolvido na subseção anterior.

O conceito de esfera discursiva em Bakhtin ([1929] 2016) está diretamente relacionado à ideia de que a linguagem não pode ser compreendida de maneira isolada dos contextos sociais e históricos em que é empregada. Para ele, a comunicação humana ocorre em diferentes esferas da vida social, cada uma caracterizada por formas específicas de interação e práticas discursivas. A esfera discursiva, portanto, diz respeito ao conjunto de condições sociais, institucionais e culturais que moldam as formas de produção, circulação e recepção dos discursos. Cada esfera de comunicação — como a jurídica, a científica, a artística, a religiosa, a política, entre outras — impõe determinadas formas de organização do discurso, expectativas de conteúdo e estilo, além de modos de interação entre os interlocutores.

Nesse sentido, cada esfera molda os gêneros discursivos. Tendo em mente a definição de gênero discursivo como uma maneira particular de organizar e estruturar o conteúdo discursivo — levando em consideração tanto os objetivos comunicacionais quanto as condições socioculturais em que o discurso é produzido —, gêneros como a carta, o artigo científico, a palestra, o debate, entre outros, são moldados pela interação entre as normas internas de uma esfera e as necessidades de seus participantes.

Cabe reforçar, novamente, que os gêneros não são formas fixas e estanques. Ao contrário, estão sujeitos a transformações de acordo com as condições de produção estabelecidas por cada esfera discursiva. Em contextos de hibridização de esferas, os gêneros podem assumir novas configurações, ajustando-se às exigências e às expectativas de novos contextos discursivos.

Portanto, a esfera discursiva é um espaço de interação entre o indivíduo e a sociedade, espaço que é mediado pela linguagem. Ao operar em uma esfera, os interlocutores se apropriam de gêneros discursivos que já estão estabilizados por práticas comunicativas anteriores, mas também contribuem para sua transformação. Assim, cada esfera tem suas próprias normas, valores e expectativas em relação à linguagem, que influenciam a forma como os sujeitos organizam e interpretam os enunciados. Isso é particularmente relevante ao analisarmos gêneros em contextos não prototípicos, como ocorre em movimentos sociais, em que práticas discursivas são reapropriadas e ressignificadas de maneiras específicas.

Os processos de reapropriação e ressignificação são fortemente influenciados, ou melhor, constituídos por fatores ideológicos (GRILLO, [2006] 2023). Assim, as esferas discursivas são moldadas não apenas por normas e convenções linguísticas, mas também por estruturas ideológicas. Cada esfera está imersa em um contexto de valores e crenças que influenciam o que pode ser dito e como. A esfera política, por exemplo, é permeada por ideologias que moldam o discurso político, enquanto a esfera educacional reflete concepções de ensino e aprendizagem, afetando o modo como o conhecimento é transmitido.

Desse modo, tudo o que é dito está intimamente relacionado a determinado tipo de atividade em que os interlocutores estão envolvidos, de modo que os gêneros do discurso e as atividades são mutuamente constitutivos (FARACO, 2009). Retomando a ideia de que os gêneros discursivos são relativamente estáveis, é possível conceber que as interações são compostas a partir da combinação entre estabilidade e mudança, o que nos impulsiona a abandonar taxonomias rígidas de classificações formais de tipos de enunciado e assumi-los como dinâmicos e suscetíveis à reconfiguração a partir das relações socioideológicas e dos objetivos comunicativos das inúmeras esferas da atividade humana.

Contudo, conceber a fluidez dos gêneros discursivos não implica desconsiderar a recorrência de determinados elementos nos interiores de cada esfera comunicativa, apenas reconhecer que há "contínuas inter-relações entre o que recorre e a singularidade, entre o dado e

novo; entre o arquivo e o acontecimento (evento); entre a memória e o momento." (FARACO, 2009, p. 129)

No estudo da obra de Dostoiévski, Bakhtin e Volóchinov ([1929], 1997) evidenciam que o autor não inventava as ideias desempenhadas por seus personagens, tampouco as criava. Na verdade, Dostoiévski apreendia essas ideias de acordo com a realidade de sua época. Desse modo, as esferas discursivas não são apenas espaços de troca neutra de informações; elas são locais de disputa, de construção e contestação de significados, onde ideologias competem e se articulam. O discurso que circula em uma esfera é sempre marcado por essas disputas, e isso se reflete na forma como os gêneros discursivos são configurados.

Atrelado a isso, é importante destacar que os sujeitos que atuam em uma esfera discursiva não o fazem de maneira passiva. Ao contrário, eles estão em constante interação com os gêneros discursivos disponíveis, podendo adaptá-los, transformá-los ou até resistir a eles. Portanto, o interlocutor é ativo na escolha e modificação dos gêneros, mas suas escolhas estão sempre condicionadas pelas normas e limites impostos pela esfera discursiva, ou seja, pela ideologia em que se encontra.

No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, existem diferenças profundas, pois este domínio é, ao mesmo tempo, o da representação, do símbolo religioso, da fórmula científica, da forma jurídica etc. Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN & VOLÓCHINOV, [1929] 2017)

Esse diálogo entre o sujeito e a esfera discursiva é fundamental para a compreensão de como a linguagem é usada de maneira inventiva e, por outro lado, coibida, compreendendo que “os sujeitos são formados pela incorporação de disposições produzidas por regularidades objetivas, situadas dentro da lógica de um campo determinado [...], mas que são redimensionadas em razão da trajetória individual e da posição ocupada pelo sujeito nesse campo.” (GRILLO, [2006] 2023)

Nos movimentos sociais, por exemplo, os interlocutores podem se apropriar de gêneros formais e reconfigurá-los de maneira a expressar novas formas de resistência ou reivindicação política, como no caso do debate, que será explorado neste contexto nas próximas seções.

Já na primeira metade do século XX, Bakhtin ([1929] 2016, p. 40) sinalizava para uma dimensão dos estudos linguísticos e de gêneros que careciam de maior atenção e estudo: os gêneros



do discurso oral. É evidente que desde sua produção intelectual, uma quantidade significativa de estudos voltou sua atenção para os gêneros orais. No entanto, é possível perceber que ainda há lacunas nos estudos acerca desses gêneros, especialmente em campos da atividade humana não institucionais, como é o caso dos movimentos sociais, foco desta pesquisa. Por essa razão, a próxima seção é dedicada à discussão e à retomada de reflexões já elaboradas em estudos acerca da oralidade e dos gêneros orais.

#### 4 ORALIDADE E LETRAMENTO: DELINEANDO O GÊNERO DEBATE

*A oralidade e a escrita são dimensões complementares de práticas de letramento que se entrelaçam na criação de sentidos.*  
(KLEIMAN, 1995)

Neste capítulo, busco explorar noções fundamentais para os estudos de letramentos, considerando sua relação com práticas orais. Assim, abordo as inter-relações entre oralidade e letramento, considerando o desenvolvimento concomitante dessas duas dimensões da língua. Em um segundo momento, com foco no gênero debate, discuto aspectos como a construção da argumentação e a dimensão multimodal intrínseca a esse contexto comunicativo.

##### 4.1 EVENTOS DE LETRAMENTO: INTERSECÇÕES ENTRE PRÁTICAS ORAIS E ESCRITAS

Para tratar da relação entre oralidade e letramento, considero importante fazer, de início, uma retomada breve acerca do panorama dicotômico no qual fala e escrita foram inseridos ao longo da história, deixando lastros até os dias atuais.

Conforme aponta Marcuschi (2010), as três décadas que antecederam os anos 80 nos estudos linguísticos examinavam a oralidade e a escrita a partir de uma perspectiva de oposição, na qual predominava uma noção de supremacia cognitiva dentro da escrita. Nesse sentido, à escrita eram atribuídos valores cognitivos intrínsecos, e o seu uso, assim como o uso da oralidade, não era visto como prática social.

Dentro desse paradigma, prevaleciam as denominadas “dicotomias estritas” (MARCUSCHI, 2010, p. 27) que concebiam a fala - dentre outras características - como imprecisa, não planejada, não normatizada e fragmentária; ao passo que a escrita era compreendida como planejada, precisa, normatizada e completa. Essa perspectiva contribuiu para o fomento da ideia de que a fala era o lugar do erro e do caos gramatical, enquanto que a escrita, o lugar da norma e do bom uso da língua.

Havia ainda uma segunda tendência - denominada por Marcuschi (2010) como *visão culturalista* - que observava as práticas de escrita versus oralidade a partir dos seus efeitos na

construção e na organização epistemológica. Nesse paradigma, protagonizado principalmente por antropólogos, psicólogos e sociólogos como Jack Goody (1988) e Walter Ong (1998), as características atribuídas à cultura oral consistiam no pensamento concreto, no raciocínio prático, na atividade artesanal, no cultivo da tradição e no ritualismo. Já à cultura letrada eram atribuídos os aspectos relacionados ao pensamento abstrato, ao raciocínio lógico, à atividade tecnológica, à inovação constante e à analiticidade (STREET, 2014, p. 29).

Conforme aponta Street (2014), essas tendências, em especial na qual se inserem Goody e Ong (1988; 1998), impactaram por tempo significativo os estudos acerca do letramento e da oralidade, uma vez que a “grande divisão” entre essas duas modalidades da comunicação contribuiu para a distinção “entre duas grandes formas culturais na história do desenvolvimento humano - o que Ong (1998) chama de culturas ‘verbomotoras’ e culturas ‘de alta tecnologia’” (p. 164). Nessa mesma linha de raciocínio, o letramento, lançando mão do sistema de escrita, promove a transformação de uma mentalidade “pré-lógica” - concebida como intrínseca à oralidade - para uma mentalidade “lógica”, que seria a facilitadora para o surgimento da ciência, da objetividade e do pensamento crítico e abstrato, fundamentando, desse modo, “alegações em torno da superioridade ‘ocidental’” (STREET, 2014, p. 165)

Street (2014) oferece uma refinada análise crítica acerca desses pressupostos ao demonstrar que a teoria da “grande divisão” apresenta um conjunto de problemas do ponto de vista teórico-metodológico e contribui para a marginalização do oral em relação à escrita.

Outro pensador que nos auxilia a refletir acerca do papel importante da oralidade é Abdias do Nascimento (2019), militante pan-africanista, que, ao refletir sobre o papel dessa prática para os povos como um todo, mas especialmente para os povos africanos, enfatiza que durante milênios a difusão de dimensões como a história, a religião e mesmo a ciência e a tecnologia se realizava por meio oral. Em suas palavras, "Os *griot*, ou *akpalo*<sup>10</sup>, assim como os sacerdotes (Babalaô e Babalorixá), desempenhavam esses papéis sociais de bibliotecas vivas ou de armazéns peripatéticos do conhecimento." (NASCIMENTO, 2019, p. 129, grifo meu)

Ailton Krenak (2018) também chama a atenção para a importância das práticas orais ao reiterar que a oralidade, para os povos tradicionais, fortalece o sentido de pertencimento a um grupo e colabora para a constituição de um “sujeito coletivo” em lutas por direitos e justiça.

---

<sup>10</sup> Ambos são figuras culturais (músicos, poetas e contadores de história) que têm como papel preservar e transmitir a cultura oral em tradições africanas. Os *griot* são encontrados em diversas culturas da África Ocidental, já os *akpalo* geralmente são específicos de certas culturas africanas, como a cultura *ewe*, predominante em Gana, Togo e Benin.

A partir desses apontamentos e ainda em diálogo com as reflexões de Marcuschi (2010) e Street (2014), compreendo como mais interessante observar a relação entre oralidade e letramento como uma relação de continuidade, em que ambas as modalidades, apesar de suas particularidades, não se constituem como opostas, mas sim, ao contrário, como práticas que estão em constante interação.

Nesse sentido, o conceito de evento de letramento nos ajuda a pensar nessa contínua relação entre oralidade e letramento, uma vez que abarca uma perspectiva sociocultural essencial para entender como as práticas de leitura e escrita se articulam com os contextos sociais e culturais. Para Street (2014), os eventos de letramento envolvem práticas de leitura e escrita moldadas pelas normas, valores e demandas de uma comunidade específica, o que evidencia como o letramento está intimamente ligado a estruturas sociais e a concepções ideológicas.

Segundo Kleiman (1998), esses eventos vão muito além do simples ato de decodificar letras e palavras, pois envolvem interações sociais e culturais que atribuem significado aos textos e às práticas de letramento. Para ela, eventos de letramento estão sempre embebidos nas relações de poder e nas práticas cotidianas de uma comunidade. Assim, participar de um evento de letramento significa, por um lado, compreender e utilizar as convenções da linguagem escrita, e, por outro, envolver-se em práticas discursivas que organizam e estabelecem relações sociais e identitárias.

Ao relacionar o letramento com a oralidade, é possível observar que eventos de letramento podem ocorrer em práticas predominantemente orais. Isso se deve ao fato de que, em grande parte dos contextos sociais, senão em todos, a oralidade e a escrita estão entrelaçadas. Por exemplo, em situações de debates, discussões ou narrativas orais, a estruturação dos argumentos e a própria escolha das palavras e expressões são influenciadas por convenções que também influenciam as práticas de escrita e leitura, além de que há, muitas vezes, a utilização de textos escritos para a sustentação da fala, como se observará na seção de análise dos dados.

Sendo assim, práticas orais podem ser consideradas eventos de letramento, uma vez que pressupõem uma competência discursiva que inclui tanto elementos da oralidade quanto habilidades interpretativas e argumentativas próprias do letramento. A oralidade, nesse sentido, é um aspecto fundamental que integra e molda eventos de letramento, oferecendo oportunidades para que indivíduos desenvolvam e exercitem habilidades discursivas complexas.

Em uma definição mais precisa, a oralidade pode ser compreendida, então, como: "uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros

textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso." (MARCUSCHI, 2010, p. 25).

Dolz e Schneuwly (2004) destacam que um elemento básico para que a oralidade possa ser realizada é a voz, que funciona como um suporte acústico da fala, por meio da qual produzimos vogais e consoantes, mas também aspectos prosódicos como a acentuação, a entonação e o ritmo, os quais são essenciais para a produção de sentidos por meio da fala.

Conforme sinalizam os autores, a acentuação, a partir dos recortes silábicos e sintáticos conferem um ritmo para a fala, próprio da língua. Mas além desses aspectos mais restritos da língua, há também a acentuação empregada, de maneira livre, pelo locutor, o que pode conferir indícios do seu próprio estilo vocal e também de sua intencionalidade.

Em relação à entonação, é importante destacar que as variações no tom podem tanto ter uma função linguística no próprio sistema da língua - tom interrogativo, exclamativo etc. - como também podem estar ligadas às emoções e às atitudes do locutor, explicitando, dessa forma, que a entonação é um fator significativo para a produção de sentidos.

Quanto ao ritmo, este está relacionado com a produção e com a percepção dos acentos e das pausas, de modo que "O grupo rítmico é um sintagma delimitado por um acento final que tem, por isso, uma função demarcadora; o grupo de fôlego é um grupo delimitado pelas pausas de respiração, de hesitação" (DOLZ & SCHNEUWLY, 2004, p. 156). Assim como ocorre com a acentuação, a regularidade rítmica também pode ser alterada pelo locutor a partir de suas escolhas e de sua intencionalidade.

Esses elementos contribuem para o entendimento de que, mesmo na fala espontânea, o oral não deve ser compreendido como caótico, já que possui formas próprias de organização, as quais se elaboram em ação. Como apontam os autores, durante muito tempo as produções orais foram observadas com a régua da escrita padronizada, o que dificulta a compreensão do complexo processo que é falar, processo que é envolvido, dentre os aspectos acima mencionados, por elementos não linguísticos, os quais exploro mais adiante nesta dissertação.

## 4.2 O GÊNERO DEBATE

Para abordar o gênero e tratar de características pertinentes para a análise dos dados gerados nesta pesquisa, proponho o seguinte percurso: em um primeiro momento, dedico-me à explanação de alguns tipos de debate, conforme delineados por Dolz e Schneuwly (2004), observando seus

aspectos e suas funções em situações sociocomunicativas. Depois, procuro discutir uma questão central para o gênero, que é a construção da argumentação (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005; RIBEIRO, 2009; KOCH, 2021). Em um último momento, exploro elementos da multimodalidade, a partir de perspectivas da Semiótica Social (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; 2010), partindo do ponto de vista que todo gênero é, em menor ou maior grau, multimodal, e que a multimodalidade é fator significativo para a construção de sentidos entre os interlocutores nos mais diversos tipos de interação, não sendo diferente no caso do debate.

#### 4.2.1 TIPOS DE DEBATE

Dolz, Schneuwly e De Pietro (2004) buscam delinear melhor o gênero debate, considerando, principalmente, que há um protótipo de debate que muitas vezes guia as nossas impressões sobre o gênero: o debate televisivo.

Nesse caso, especialmente quando se trata de debates entre presidencialistas, há uma perspectiva de que o debate é um espaço de confronto. Em outra direção, a proposta construída caminhou no sentido de compreender o debate como um “lugar de construção interativa” (DOLZ; SCHNEUWLY & DE PIETRO, 2004, p. 251), seja de opiniões, de conhecimentos ou de ações, configurando-se como um espaço coletivo e democrático.

Visualizar o debate como esse espaço de construção conjunta ganha um relevo ainda mais significativo em relação a contextos de movimentos populares, já que os integrantes que constituem determinado coletivo o fazem não somente pela identificação com as pautas já colocadas nesses movimentos, mas também porque enxergam a possibilidade de construir, coletivamente, tomadas de posição e ações nos espaços de atuação em que se inserem os movimentos sociais.

Acerca disso, é significativo trazer também as contribuições de Ribeiro (2009) sobre esse gênero oral. A autora, tomando como referência uma passagem de Dolz e Schneuwly (1998, p. 166), destaca que o debate pode ser caracterizado como “uma questão controversa entre muitos participantes que exprimem suas opiniões ou atitudes, tentando modificar as dos outros ou ajustando as suas próprias em vista de construir uma resposta comum para a questão inicial.” À vista disso, o debate pode ser concebido como um gênero oral argumentativo, em que há a presença de uma linguagem persuasiva, a fim de que se possa convencer ou persuadir o outro. Para tanto,

os interlocutores precisam lançar mão de mecanismos argumentativos que construam a elaboração e a sustentação de suas perspectivas e opiniões.

De acordo com Dolz e Schneuwly (2004), podemos categorizar o gênero debate em três principais tipos: *o debate de opinião de fundo controverso*, *o debate deliberativo* e *o debate para resolução de problemas*. Essa classificação é determinada a partir da função que cada debate desempenha.

No *debate de opinião de fundo controverso*, o intuito é que os participantes possam compartilhar suas crenças, opiniões e posições sobre determinado assunto com o objetivo de influenciar a opinião do outro ou mesmo de mudar a sua própria. Nesse caso: “Por meio das confrontações e dos deslocamentos de sentido que permite e suscita, o debate representa aqui um poderoso meio não somente de compreender um assunto controverso por suas diferentes facetas, mas também de forjar uma opinião ou de transformá-la.” (p. 250)

Já o *debate deliberativo*, como o próprio nome indica, visa a uma tomada de decisão entre os participantes por meio da argumentação. Nesse contexto, o que está em jogo é a necessidade de ação diante de escolhas e interesses que a princípio podem ser opostos. O intuito é que haja a negociação das motivações de cada um para que seja possível apontar uma solução que contemple as posições discutidas.

No caso do *debate para resolução de problemas*, o objetivo é coletivizar saberes ou mesmo não saberes ou saberes parciais sobre determinado tópico a fim de que se possa encontrar, de maneira coletiva, ou seja, a partir da contribuição de cada participante, uma solução que existe, mas que a princípio não é conhecida.

Seja qual for o tipo de debate e considerando que nem sempre irão se encaixar em uma estrutura prototípica e linear como apresentação de teses e argumentos seguida de refutações, – afinal, como sinalizado por Kress (2010), os gêneros são fluídos e estão em constante transformação de acordo com os objetivos dos produtores de significado – um aspecto relevante acerca do gênero é a possibilidade que ele oferece para a participação social democrática. Em relação a isso, torno a evocar a influência das esferas discursivas na formação dos gêneros. Nos movimentos sociais, por exemplo, os sujeitos podem se apropriar de gêneros formais e reconfigurá-los de maneira a expressar novas formas de resistência ou reivindicação política, como no caso dos debates analisados no contexto desta pesquisa.

Antes de apresentar a discussão dos dados analisados, é importante discutir dois aspectos constituintes desse gênero textual no que diz respeito aos seus elementos formais e de construção de sentido, sendo eles a argumentação e a dimensão multimodal. Dedico-me a esta tarefa nas próximas seções.

#### 4.2.2 A ARGUMENTAÇÃO

Tendo em vista que a argumentação é um elemento central para o gênero analisado nesta pesquisa, busco fazer uma síntese de algumas questões a respeito desse aspecto, baseando-me em reflexões advindas dos campos de estudos da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005), da abordagem sociodiscursiva (RIBEIRO, 2009) e dos estudos semântico-pragmáticos (KOCH, 2021).

Iniciando pela abordagem dos estudos argumentativos no campo da Nova Retórica, cabe dizer que esse paradigma foi constituído como um contraponto ao positivismo lógico, que tinha como finalidade comprovar proposições de forma puramente lógica (Ferreira et. al, 2021). Em outra direção, os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005) concebem que há a presença de valores no campo da razão de modo que, nesse âmbito, o estudo da argumentação é voltado para uma lógica dos valores, ou seja, para a “razoabilidade da adesão ao que é proposto mediante o convencimento ou a persuasão, e não uma lógica estritamente racional e irredutível.” (Ferreira et. al, 2021, p. 1556)

Dessa forma, os autores sintetizam o objetivo da argumentação como a capacidade de “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, [1958] 2005, p. 50)

Ao pensar na dinâmica de uma organização como um movimento social, é justamente a capacidade de convencimento que está em jogo, já que os participantes precisam estar convencidos da forma de atuação e do posicionamento assumidos pela organização. Esses elementos tornam-se evidentes, sobretudo, nos espaços de debate entre os participantes, já que assim têm a oportunidade de socializar suas teses e influenciar o posicionamento dos demais integrantes.



A respeito desse aspecto, é importante deixar claro que mesmo que os participantes de determinado movimento social compartilhem ideais muito próximos, nem sempre estarão de acordo em relação a todos os assuntos ou mesmo em relação a todas as tomadas de decisões, até porque isso não seria realmente possível dentro de qualquer coletivo. Por isso, ainda que os debates em um movimento popular não funcionem na mesma dinâmica de um debate entre presidenciáveis, por exemplo, em que o enfrentamento é muito marcante, as divergências e os tensionamentos continuam existindo, em dimensões e proporções diferentes. Considero válido ressaltar esse ponto, tendo em vista que muitas vezes há uma visão distorcida e até mesmo romantizada acerca do funcionamento de organizações políticas populares.

Voltando a conceitos-chave da abordagem proposta pela Nova Retórica, é significativo considerar a compreensão que Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005) fazem a respeito da noção de auditório. Os autores propõem a seguinte classificação de auditório: auditório universal, composto pelo coletivo de toda a humanidade; auditório particular, composto por interlocutores específicos no momento de construção de determinado diálogo; auditório individual, composto pelo próprio sujeito, no momento em que delibera consigo mesmo.

De acordo com Koch (2021), o auditório universal estaria ligado ao ato de convencer através do raciocínio lógico, utilizando provas objetivas, elaboradas através da razão, de caráter demonstrativo e atemporal. Já o auditório particular estaria relacionado ao ato de persuadir através de argumentos em que aspectos ideológicos e subjetivos estão sobressaltados, com o intuito de alcançar os sentimentos dos interlocutores.

No caso das interações que analiso nesta pesquisa, aproximo-me da compreensão dos interlocutores em sua concepção de auditório particular, considerando a força argumentativa – a pretensão pela orientação de enunciados no sentido de determinadas conclusões (KOCH, [1993] 2023) – mobilizada nos processos discursivos que visam à construção de tomadas de posição e convencimento dos participantes.

Sob a égide da perspectiva sociodiscursiva, Ribeiro (2009) dialoga, ao caracterizar argumentação, com Bakhtin, concebendo a língua como uma atividade social em que a interação verbal é um elemento fundamental da comunicação e da própria língua. Dessa maneira, o processo de enunciação é fundamentalmente caracterizado pela presença de dialogismo e polifonia, o que significa dizer que os enunciados são determinados por contextos sócio-históricos e que a construção de sentidos ocorre, fundamentalmente, na alteridade entre locutor e interlocutor. Por

essa razão, nossos discursos são constituídos de diversas vozes, ainda que não percebamos esse encadeamento discursivo.

Todo esse caráter interativo da linguagem implica um “movimento argumentativo, gerado pela necessidade que o homem tem de compartilhar suas ideias, de defender suas opiniões, nas mais diversas situações” (RIBEIRO, 2009, p. 36). A partir dessa compreensão, Ribeiro chama a atenção para a perspectiva da argumentação como uma atividade organizadora do discurso e linguisticamente constituída. Dessa forma, quando interagimos, acionamos diversos mecanismos linguístico-discursivos que operam no encadeamento de enunciados, de modo que a argumentação é concebida como uma atividade interacional que provoca deslocamentos discursivos entre os interlocutores. De acordo com Koch ([1993] 2001, p. 29), “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo” de modo que a argumentação está inserida nas mais diversas atividades cotidianas, assumindo, assim, diferentes formas e constituindo diferentes gêneros textuais.

Considerando esses aspectos, a argumentação pode ser concebida como situada em contextos sociais determinados, o que implica o entendimento de que determinado contexto dita as condições de produção, circulação e recepção dos enunciados, fazendo com que estratégias argumentativas sejam direcionadas pelos interlocutores na interação social. Assim: “as práticas argumentativas implicam dimensões sociais, cognitivas e linguísticas da ação comunicativa e, por seu caráter ‘dialogico’, se constituem como um importante instrumento de construção coletiva” (RIBEIRO, 2009, p. 37).

Dessa maneira, a troca argumentativa acarreta, nos termos de Bakhtin ([1929] 2016), uma atitude responsiva ativa por parte do interlocutor, suscitando o entendimento de que o interlocutor age ao receber determinado enunciado, completando-o ou adaptando-o, e é sabendo disso, ainda que de uma maneira “intuitiva”, que o locutor constrói seu enunciado já antecipando as reações de seu interlocutor:

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva, concordo ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, [1929] 2016, p. 25)

Com isso, é possível compreender que a atividade de argumentar se materializa em diferentes contextos e práticas sociais, o que implica a construção da argumentação em diferentes gêneros do discurso. Ribeiro (2009), em suas considerações, observa que em gêneros em que prevalece o caráter argumentativo, é possível notar a recorrência de características como, por exemplo, “ocorrências de movimentos discursivos próprios da argumentação (justificativa/sustentação, refutação e negociação), presença de operadores argumentativos e situação enunciativa marcada pela existência do outro [...]”. (RIBEIRO, op. cit, p. 41)

A presença do outro confere à enunciação, principalmente àquela orientada pela argumentação, uma atividade comunicativa dotada de intencionalidade. Koch ([1993] 2021), em seus estudos acerca da argumentação, atribui à intencionalidade papel central na ação discursiva. Para a autora, a interação social que ocorre por meio da linguagem é fundamentalmente caracterizada pela argumentatividade, o que faz com que o ser humano, a todo momento, avalie, julgue e forme juízos de valor, no sentido de afetar o outro:

Por outro lado, por meio do discurso – ação dotada de intencionalidade – tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. (KOCH, [1993] 2021, p. 17, grifos da autora)

Dessa forma, é importante compreender que toda atividade discursiva possui a argumentação como um aspecto estruturante. No entanto, é possível observar que determinados componentes argumentativos se sobressaem em determinados gêneros, como é o caso do debate.

Cabe destacar, ainda, que Koch (op. cit.) não compreende a noção de intenção em seu sentido psicológico, mas sim linguístico, ou seja, determinada pelo sentido do enunciado. Assim, “ela se deixa representar de uma certa forma no enunciado, por meio do qual se estabelece entre os interlocutores um jogo de representações, que pode corresponder ou não a uma realidade psicológica ou social” (KOCH, [1993] 2021, p. 22). E é por isso que o sentido de determinado enunciado é constituído pelas relações interpessoais que são estabelecidas na interação. Dessa forma, cada enunciação pode ter uma variada gama de significações, contribuindo para o entendimento de que não faz sentido atribuir aos enunciados uma interpretação única e verdadeira.

Sob esse prisma, a autora discute as marcas linguísticas da argumentação, dividindo-as em 9 tópicos: os tempos verbais no discurso; a pressuposição; as modalidades do discurso; os verbos

performativos e a negação; os operadores argumentativos; as relações interfrásticas; as “orações” modalizadoras; a autoridade polifônica; a retórica aplicada. Como ferramentas para minha análise, levarei em conta suas considerações acerca dos modalizadores do discurso e dos operadores argumentativos, acreditando que essas são satisfatórias para o que busco analisar.

Acerca do tópico relacionado às modalidades do discurso, Koch (op. cit), em diálogo com autores do campo dos estudos pragmáticos, caracteriza-as como parte da atividade ilocucionária, isto é, os modalizadores do discurso revelam a atitude do falante diante dos enunciados que produz. Nesse sentido, “o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos ilocucionários de modalização, que se atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece (operadores modais)” (KOCH, [1993] 2021, p. 84). Por essa razão, esses mecanismos tornam-se parte fundamental para a compreensão da atividade argumentativa.

Já em relação aos operadores argumentativos, estes funcionam como parte orientadora da sequência do discurso, tendo em vista que determinam os encadeamentos possíveis entre enunciados. Dentro de uma perspectiva pragmática do discurso, em que se tem a compreensão de que um traço constitutivo de determinados enunciados é orientar o interlocutor para determinadas conclusões, a autora considera fundamental determiná-los em termos de sua orientação discursiva. (KOCH, [1993] 2021, p. 100 e 101)

Para facilitar a visualização de modalizadores e operadores argumentativos abordados pela autora, elaboro o seguinte quadro:

| Modalizadores discursivos                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Operadores argumentativos                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) performativos explícitos: eu ordeno, eu proíbo, eu permito etc.;<br>b) auxiliares modais: poder, dever, querer, precisar etc.;<br>c) predicados cristalizados: é certo, é preciso, é necessário, é provável etc.;<br>d) advérbios modalizadores: provavelmente, certamente, necessariamente, possivelmente etc.; | a) hierarquia entre elementos numa escala: mesmo, até, até mesmo, inclusive, ao menos, pelo menos, no mínimo;<br>b) introdutor de mais um argumento: ainda;<br>c) indicador de mudança de estado: já;<br>d) dois argumentos orientados no mesmo sentido: e, também, nem, tanto... como, não só... mas também, além de, além disso etc; |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>e) formais verbais perifrásticas: dever, poder, querer etc. + infinitivo;</p> <p>f) modos e tempos verbais: imperativo; certos empregos de subjuntivo; uso do futuro do pretérito com valor de probabilidade, hipótese; uso do imperfeito do indicativo com valor de irrealidade etc.;</p> <p>g) verbos de atitude proposicional: eu creio, eu sei, eu duvido, eu acho etc.;</p> <p>h) entonação: (que permite, por ex: distinguir uma ordem de um pedido, na linguagem oral);</p> <p>i) operadores argumentativos: pouco, um pouco, quase, apenas, mesmo etc.</p> | <p>e) introdução de um argumento aparentemente desnecessário: aliás, além do mais;</p> <p>f) paradigma de marcadores de oposição: mas, porém, contudo, embora etc.;</p> <p>g) introdução de asserção derivada, que visa a esclarecer: isto é, quer dizer, ou seja, em outras palavras.</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Quadro 2: Modalizadores do discurso e operadores argumentativos.

Fonte: Adaptado de Koch (2021), com base nas seções “3. As modalidades do discurso”, p. 70 e “5. Uma visão argumentativa da gramática: os operadores argumentativos”, p. 100.

Estabelecidas essas reflexões acerca da argumentação, abordo, na seção seguinte, aspectos multimodais que constituem o debate, na busca de relacioná-los com dimensões argumentativas que constroem o gênero analisado neste estudo.

#### 4.2.3 ASPECTOS MULTIMODAIS NO GÊNERO DEBATE

Antes de tratar de forma mais específica a respeito dos elementos multimodais concernentes ao gênero debate, é preciso traçar algumas considerações acerca da noção de multimodalidade.

A multimodalidade pode ser compreendida como um campo de estudo que busca investigar como ocorre a construção de sentidos a partir da interação entre múltiplos modos presentes em um discurso. Nesse sentido, todo texto é, em menor ou maior escala, multimodal, o que significa dizer que a produção de sentidos não ocorre a partir de um único modo específico, mas sim a partir da combinação de diversos modos como, por exemplo, a linguagem verbal, os gestos, a entonação, as cores, as imagens (estáticas e em movimento), dentre muitos outros.

Recorrendo a Kress e Van Leeuwen (2001), a multimodalidade pode ser entendida como:

o uso de diversos modos semióticos no design de um produto ou evento semiótico, juntamente com a forma particular como esses modos são combinados – eles podem, por exemplo, se reforçar (“dizer o mesmo de maneiras diferentes”), desempenhar papéis complementares (...) ou ser ordenadas hierarquicamente (...). (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 20)

Assumindo essa perspectiva, é possível conceber os textos a partir de escalas diferentes de multimodalidade, em que um modo pode ser predominante em relação ao outro. Um texto escrito como um artigo científico, por exemplo, pode ser compreendido como um texto com multimodalidade reduzida, uma vez que o modo predominante é a escrita. Já no caso de um debate, para utilizar como exemplo o gênero investigado nesta pesquisa, o nível de multimodalidade é maior, já que há a interação entre aspectos como a oralidade e suas particularidades (entonação, pausas etc.) e elementos como o corpo, a partir dos gestos, das expressões faciais, entre outros. Por essa razão, ainda que haja diferentes níveis de multimodalidade, um texto estritamente monomodal seria inexistente, de acordo com Ribeiro (2021).

A partir disso, é importante delimitar de maneira mais específica o que se compreende por modo na abordagem multimodal. Modos podem ser compreendidos como “recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 21-22). Cabe destacar que o recurso semiótico é “socialmente formatado e culturalmente dado para a produção de significado” (KRESS, 2010, p. 79). Portanto, a própria escrita, a imagem, o gesto e a fala são compreendidos como diferentes modos que se articulam na construção de sentido.

Para Ribeiro (2021), ler textos de maneira desintegrada, ou seja, sem considerar sua multimodalidade, é uma espécie de fraude, de maneira que “Os textos precisam ser lidos em sua integralidade, sempre considerando que cada aspecto deles, linguístico e não linguístico, produzirá algum efeito ou se aproximará disso.” (RIBEIRO, 2021, p. 124)

Nesse sentido, a unidade central para os estudos semióticos é o signo, mas não como conceituado por Saussure ([1916], 2006). Para Saussure, o signo é compreendido como uma entidade arbitrária, isto é, concebido sem que haja uma motivação entre forma e significado. Já para os estudos da Semiótica Social (KRESS, 2010), o signo é motivado e há uma relação intrínseca entre forma e significado:

os signos são sempre novos na interação social; são motivados e não relações arbitrárias de significado e forma; a relação motivada entre uma forma e um significado baseia-se e surge do interesse dos produtores de signos; as formas/significantes utilizados na confecção dos signos são produzidos na interação social e tornam-se parte dos recursos semióticos de uma cultura. (KRESS, 2010, p. 54-55, tradução minha)

Portanto, em uma situação comunicativa, os locutores irão buscar a utilização de recursos semióticos já conhecidos e assimilados pelos interlocutores ou, ao menos, irão buscar sinalizar formas que sugiram o significado que estão querendo comunicar. Isso evidencia que há uma relação direta entre forma e significado, ainda que os falantes possam não estar plenamente conscientes da intencionalidade na produção de signos, isto é, das motivações entre forma e significado ao produzi-los.

Para melhor compreender essa perspectiva, o autor utiliza um exemplo proposto por Wittgenstein (1935) em relação à arbitrariedade do signo. Wittgenstein propõe a seguinte ilustração: em uma situação hipotética em que fosse ocorrer um jogo de xadrez, uma das peças do jogo some. Dessa forma, os jogadores decidem utilizar um objeto pequeno para substituir a peça desaparecida, um botão, talvez. Essa escolha evidenciaria a arbitrariedade do signo, uma vez que um botão poderia exercer a função do cavalo, por exemplo, no jogo.

Kress (2010, p. 63-64), contudo, evidencia que essa escolha, aparentemente desmotivada, não é tão arbitrária assim. Se houvesse botões brancos e botões pretos, por exemplo, e fosse necessário substituir uma peça preta, provavelmente a opção seria pelo botão preto e não pelo botão branco – embora para a perspectiva da convenção o branco também funcionaria – evidenciando que há aí pelo menos duas decisões não tão arbitrárias: a escolha de um botão para substituir a peça e a escolha da cor.

A partir disso, o que fica nítido é que os sentidos são sempre produzidos na interação entre locutor e interlocutor a partir da produção de signos, os quais são motivados. A produção dos signos, por sua vez, ocorre através de recursos semióticos disponibilizados culturalmente.

Os produtores de signos, independentemente da idade, vivem num mundo moldado pelas histórias do trabalho de suas sociedades; os resultados desse trabalho estão disponíveis para eles como os recursos da sua cultura. Inevitavelmente, o que existiu e o que está “por aí” e disponível moldou e molda o interesse e a atenção do produtor do signo. [...] Os recursos materiais fornecidos culturalmente têm seu efeito na formação e direção, na “canalização” de interesses. (KRESS, 2010, p. 74, tradução minha<sup>11</sup>)

---

<sup>11</sup> Makers of signs, no matter their age, live in a world shaped by the histories of the work of their societies; the results of that work are available to them as the resources of their culture. Inevitably, what has been and what is ‘around’ and

Se por um lado a abordagem multimodal é um terreno fértil para expandir os estudos linguísticos ao considerar outros aspectos além do verbal, por outro é também uma empreitada desafiadora. Isso porque interpretar os sentidos produzidos pela articulação de diversos modos requer muito trabalho do ponto de vista social e cognitivo: “diante de tantas possibilidades perceptivas e cognitivas do uso de materiais diferentes, o que cada um deles quer significar?” (ibid., p. 26)

Movida por esses questionamentos, busco delimitar alguns elementos significativos para a análise de gêneros orais, mais especificamente para o gênero debate.

É evidente que no que concerne aos gêneros orais, a fala se configura como um modo predominante. No entanto, dentro desse modo mais amplo que é fala – conforme definido por Kress (2010) –, existem ainda outros recursos semióticos que se combinam na produção de significado. Alguns desses recursos semióticos podem ser percebidos a partir de elementos prosódicos:

o tom de voz (pode demonstrar emoções variadas, como ira, alegria, tristeza etc.), a velocidade da fala (também no campo das emoções, pode demonstrar nervosismo, insegurança, ansiedade ou até mesmo vontade de extravasar um sentimento etc.) e a extensão vocal (no espaço profissional da música, esta questão é determinante, pois delimita diferentes tipos de cantores, como tenor/soprano, barítono/ mezzo-soprano e baixo/ contralto) podem assumir diferentes funções discursivas em determinados contextos. (FORTE FERREIRA; SOARES; LIMA NETO, 2022, p. 1553)

Além disso, somam-se também aos aspectos prosódicos, os aspectos cinésicos, característicos de gêneros orais e, por conseguinte, do gênero debate:

postura física, mímicas faciais, olhares, movimentos de braços ou pernas, gestos, conforme destacou Bueno (2008) – constituem o modo cinésico inerente à produção de gêneros predominantemente orais. Somam-se a esse modo outros recursos semióticos, como meneio de cabeça, direção do olhar, risos, posição e movimentos do corpo em geral, que podem ser poderosos para convencer a plateia das teses desenvolvidas pelos participantes. (FORTE FERREIRA; SOARES; LIMA NETO, 2022, p. 1553)

Com isso, fica evidente que recursos não verbais são imprescindíveis para a análise de gêneros predominantemente orais, como é o caso do debate. Resta saber, então, como esses

---

available, has shaped and does shape the interest and the attention of the maker of the sign. [...] Culturally provided material resources have their effect in shaping and directing, in the ‘channelling’ of interest.



elementos são articulados na produção do todo significativo e, especificamente no debate, como esses recursos contribuem para a construção de discursos persuasivos.

Alguns esforços para a categorização de aspectos não verbais foram empreendidos nos campos da linguagem e das ciências sociais. Dionísio (2006), por exemplo, distribuiu esses elementos em cinco categorias, sendo elas a paralinguagem, a cinésica, a proxêmica, a tacêsica e o silêncio.

|                                                                                                                          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a) <b>Paralinguagem:</b> sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro da língua usada; |
| b) <b>Cinésica:</b> movimento do corpo como gestos, postura, expressão facial, olhar e riso;                             |
| c) <b>Proxêmica:</b> a distância mantida entre os interlocutores;                                                        |
| d) <b>Tacêsica:</b> o uso de toques durante a interação;                                                                 |
| e) <b>Silêncio:</b> a ausência de construções linguísticas e de recursos da paralinguagem.                               |

Quadro 3: Recursos não verbais da comunicação.

Fonte: Dionísio (2006, p. 77).

Outros autores que também se dedicaram à delimitação de categorias não linguísticas no âmbito da comunicação oral, compreendendo sua carga semiótica, são Dolz e Scheneuwly (2004). São estabelecidas, dessa maneira, as seguintes categorias: meios para-linguísticos, meios cinésicos, posição dos locutores, aspecto exterior e disposição dos lugares:

| MEIOS PARA-LINGUÍSTICOS                                                             | MEIOS CINÉSICOS                                                                   | POSIÇÃO DOS LOCUTORES                                                 | ASPECTO EXTERIOR                                      | DISPOSIÇÃO DOS LUGARES                                                                             |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| qualidade da voz<br>melodia<br>elocução e pausas<br>respiração<br>risos<br>suspiros | atitudes corporais<br>movimentos<br>gestos<br>troca de olhares<br>mímicas faciais | ocupação de lugares<br>espaço pessoal<br>distâncias<br>contato físico | Roupas<br>disfarces<br>penteados<br>óculos<br>limpeza | Lugares<br>disposição<br>iluminação<br>disposição das cadeiras<br>ordem<br>ventilação<br>decoração |

Quadro 4: Meios não linguísticos da comunicação oral.

Fonte: Scheneuwly e Dolz (2004, p. 160).

A partir desses elementos, é possível perceber que o interesse pela influência dos elementos não verbais na comunicação vem sendo evidenciado em diferentes campos dos estudos da linguagem. No entanto, análises desses aspectos em situações reais da interação em que predomina a oralidade ainda não foram realizadas de maneira abundante.

Com isso em mente, pretendo analisar como a interação entre esses recursos semióticos, juntamente com aspectos linguístico-discursivos, constroem sentidos nos enunciados produzidos no gênero debate no contexto específico do Levante. Nesse caso, interessa-me olhar mais detidamente para a entonação e para os elementos cinésicos, entendendo, em consonância com Véronique Dahlet, que “o corpo e a voz são constitutivos do falar”. (DAHLET, 2005, p. 249)

A respeito disso, cabe ressaltar que os modos, como a entonação e os elementos cinésicos, enquanto recursos semióticos, não são estanques, o que quer dizer que há variação em suas cargas semióticas a depender das culturas e dos contextos nos quais estão inseridos, como bem pontuado por Kress (2010):

*Modos* são o resultado de uma formação social e histórica de materiais elegidos por uma sociedade para a representação: não há razão para assumir que o modo de *gesto* na Cultura 1 cobre a mesma ‘área’ ou tem as mesmas preocupações, ou é usado para os mesmos propósitos e significados que o modo de *gesto* na Cultura 2. (KRESS, 2010, p. 11, grifos do autor)

Baseando-me nas considerações feitas até aqui, elaboro um pequeno quadro com o intuito de sintetizar e facilitar a análise – apresentada na próxima seção – dos principais modos observados nesta pesquisa.

| FALA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Forma discursiva organizada para fins comunicativos na modalidade oral, que acontece a partir de uma sequência temporal, em que sons, palavras e enunciados realizam-se de maneira sucessiva. Compartilha aspectos com a escrita, uma vez que não há uma dicotomia entre essas duas modalidades. No entanto, o som, seu principal aspecto, realiza-se sem que haja a necessidade de uma tecnologia específica, como o caso da escrita, dependendo apenas do aparato fisiológico do ser humano.</p> <p><b>Entonação:</b> Aspecto da fala relacionado às variações de altura, tom de voz e ritmo que ocorrem durante uma enunciação. Engloba aspectos prosódicos que contribuem para a construção de sentido como emoções</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| variadas, impressões, atitudes, ênfases, perguntas, afirmações, negações etc., que assumem diferentes funções discursivas em dado contexto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>ELEMENTOS CINÉSICOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| Movimentos relacionados ao corpo, que envolvem, sobretudo, a cabeça e partes do tronco como braços e mãos, além de outros recursos físicos expressivos como expressões faciais, sorrisos, arqueamento de sobrancelhas, franzimento da testa, arregalar dos olhos etc. Assim como a entonação, os elementos cinésicos também são constitutivos da fala ou, em alguns casos, substitutivos da fala, e contribuem para a construção de sentido, assumindo diferentes nuances em variados contextos. |

Quadro 5: Descrição dos principais modos selecionados.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com base nas reflexões propostas nesta seção e nas anteriores, apresento, na próxima seção, a discussão acerca dos dados gerados no processo de investigação, indicando também as categorias de análise que foram sendo delineadas e consolidadas no decorrer da pesquisa.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

*Militante é alguém nascido do povo, que coloca sua vida a serviço desse povo e une seu projeto de vida pessoal ao projeto da luta coletiva. Militante tem causa, projeto, estratégia, método e participa de uma organização. Militante não se elege; se reconhece pela sua entrega, disposição e preparo. (PELOSO, 2012, p. 10)*

Levando em consideração os objetivos desta pesquisa, foram selecionados para compor o *corpus* da análise, conforme mencionado na seção de metodologia, excertos de encontros feitos em torno do Planejamento Municipal, evento que realizamos anualmente e que norteia nossa atuação enquanto movimento social na cidade de Juiz de Fora.

Como bem elucida Peloso (2012) em seus escritos que escolho para abrir este capítulo, militante é alguém que nasce do povo e busca conciliar seu projeto de vida pessoal com o projeto da luta coletiva. Por essa razão, militante é alguém que tem causa e, além disso, tem projeto e tem estratégia para construir uma sociedade livre de opressão e protagonizada pela classe trabalhadora. Nesse sentido, o Planejamento Municipal é um espaço que construímos com o intuito de viabilizar nossa prática militante. Portanto, esse momento não é, para nós, meramente um espaço para definirmos datas e atividades pontuais, mas também, e principalmente, um espaço para refletirmos criticamente sobre o contexto no qual estamos inseridos, a fim de compreendermos, de maneira coletiva, nossa própria organicidade e nossos posicionamentos individuais e coletivos acerca do mundo social, para que, assim, possamos agir sobre ele.

Por isso, buscamos, com o planejamento, debater a conjuntura política brasileira, mineira e juiz-forana atual; resgatar e construir os princípios e valores que constituem a organização; compartilhar nossas vivências e expectativas para o decorrer do ano, considerando nossa atuação enquanto militantes; socializar as experiências vividas no último ano em cada frente nossa de atuação, bem como projetar novas ações para o ano atual; definir e encaminhar quais pautas serão nossa prioridade ao longo do ano, entre outras atividades.

Sendo assim, apesar de o foco, visando aos objetivos desta pesquisa, estarem centrados no Planejamento Municipal, foram destacados excertos de debates ocorridos antes, compreendendo

ser importante o acompanhamento do processo em que se deu a formulação e o acontecimento desse espaço no ano de 2024. Por isso, os debates que compõem esta pesquisa foram gerados em 2 encontros, a saber: (1) Reunião da CM; (2) Planejamento Municipal do Levante em Juiz de Fora. Conforme pontuado na segunda seção, o primeiro encontro foi realizado durante a tarde do dia 21 de janeiro, domingo, e o segundo ocorreu durante o final de semana dos dias 20 e 21 de abril, no período da manhã e da tarde.

As seções e subseções que compõem este capítulo – Reunião da Coordenação Municipal; Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude; A mística; Apresentação do Levante; Princípios e valores; Inserção do Levante na conjuntura política nacional; O que é território?; Institucionalidade e Eleições Municipais – foram organizadas de acordo com a ordem cronológica por meio da qual os debates ocorreram. Para melhor visualização dos resultados encontrados nas análises, ofereço ao final de seções e subseções uma sistematização dos aspectos observados nos debates a partir de 5 principais categorias: (1) estrutura dos debates; (2) estratégias argumentativas; (3) operadores argumentativos e/ou modalizadores discursivos destacados; (4) recursos multimodais utilizados; (5) tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados.

Contudo, é possível perceber que nem todos os espaços de debate observados seguem exatamente a mesma configuração, motivo pelo qual, para além das cinco categorias delimitadas a partir do que foi mais recorrente, outra emergiu de acordo em alguns espaços observados: (6) tensões e conflitos. Com isso em mente, inicio a seguir a discussão dos debates analisados.

## 5.1 REUNIÃO DA COORDENAÇÃO MUNICIPAL

Em relação ao Planejamento Municipal, a CM tinha como propósito, nessa reunião, debater e encaminhar alguns pontos iniciais para a construção do espaço em 2024. No encontro, conforme mencionado na seção de metodologia, posicionamo-nos em círculo, ao redor de uma mesa, por compreendermos que esse formato facilita a discussão, já que possibilita que todos os participantes façam contato visual uns com os outros e torna o espaço mais democrático do que uma disposição em fileiras, por exemplo. Por isso, salvo quando as condições de infraestrutura não permitem a organização em círculo, sempre optamos por essa configuração.

Quando começamos a abrir os pontos, percebemos que estávamos esquecendo de uma etapa anterior ao Planejamento Municipal com toda a militância, que é o Planejamento Municipal da CM do Levante Juiz de Fora, motivo pelo qual destinamos o debate deste encontro em torno da busca pelos objetivos da realização do planejamento.

### Excertos dos debates – Reunião da Coordenação Municipal

#### **Excerto 1: “Reorganizar a militância na cidade, esse é o primeiro [objetivo]”**

**(Ana)** Como que a gente vai fazer o...?

**(Jorge)** O Santiago tinha dado aquela proposta, né? De... (a proposta havia sido colocada por Santiago momentos antes da reunião começar, enquanto almoçávamos juntos)

**(Santiago)** Ai, não, já guardei, é...

**(Jorge)** Retomar o que foi debatido...

**(Ana)** Mas precisa trazer a relatoria pro planejamento, ué... mas ASSIM, eu tenho uma dúvida de método, porque assim, quando você apresentou isso da gente começar nos objetivos é no sentido quais são os objetivos do Planejamento Municipal, é isso? E aí, dentro disso, a gente vai retomando... é, né? Vai retomando aquelas pendências que a gente tinha pensado, né? Fiz a pergunta em voz alta pra ver se meu raciocínio tá coerente.

**(Santiago)** Objetivos, a metodologia... data, horário, local e mobilização... Objetivos... Resgatar, eu acho que é, objetivos... reorganizar a militância na cidade... esse é o primeiro, o principal... eu ACHO.. resgaTAR, éee, a reunião da... o debate da reunião com o João.

**(Ana)** Então, por isso que eu... que eu fiz essa pergunta no início porque eu tava confusa em relação a isso assim... porque eu ACHO que... a gente não pode ir pro Planejamento Municipal sem A Coordenação Municipal ter retomado os pontos da reunião com o João, assim... e não é que a gente necessariamente vai conseguir retomar todos esses elementos hoje e tal, mas eu acho que pra gente pensar esse processo do planejamento, a gente precisa realMENTE fazer esse processo...

**(Santiago)** Por isso que eu perguntei se era planejamento municipal da CM, eu ACHO também que a gente demanda planejamento da CM antes de começar o Planejamento Municipal.

**(Ana)** É, eu também acho... o que a gente pode talvez tentar fazer hoje é tentar pensar uma data pro Planejamento Municipal que aí até lá a Coordenação Municipal vai se organizar, vai fazer

esses encontros que a gente faz pra ir retomando esses objetivos porque NÃO TEM como a gente já debater aquilo já no Planejamento Municipal, impossível, assim...

**(Santiago)** Você lembra que antes a gente sentava dois dias lá na salinha pra pensar o Planejamento? A gente ia por eixos.

**(Ana)** É e a gente destrinchava MESMO, ponto por ponto, tipo assim, porque se a gente vai apontar, como exemplo, que o Planejamento tem como objetivo retomar nosso trabalho na territorial, a gente precisa ter uma compreensão do que isso significa dentro da CM pra que no planejamento com todo mundo a gente consiga partir de alguma coisa.

Quadro 6: Transcrição dos debates – Excerto 1  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

| Excerto 1: “Reorganizar a militância na cidade, esse é o primeiro [objetivo]” – Elementos cinésicos                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1 – 00:50</b></p>  <p><b>(Santiago)</b> [...] reorganizar a militância na cidade... esse é o primeiro, o principal... eu ACHO [...]. (aponta o polegar em direção ao próprio peito)</p> | <p><b>2 – 01:10</b></p>  <p><b>(Ana)</b> [...] porque eu ACHO que... a gente não pode ir pro Planejamento Municipal sem A Coordenação Municipal ter retomado os pontos da reunião com o João [...] (olhar majoritariamente direcionado a Santiago)</p> |

Quadro 7: Excerto 1: “Reorganizar a militância na cidade, esse é o primeiro [objetivo]” – Elementos cinésicos.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No trecho destacado, considero importante chamar a atenção para dois tópicos principais elencados no momento da interação: a reorganização da militância na cidade e o resgate do debate feito em reunião com o João.

No último ano, o Levante Juiz de Fora passou por mudanças em relação à sua composição, visto que tivemos a saída de militantes mais antigos na organização e a entrada de novos militantes. A saída desses participantes se deu, em sua maioria, por questões relacionadas à mudança de cidade e/ou ao mundo do trabalho. Duas militantes, por exemplo, obtiveram oportunidades de trabalho em suas áreas de formação em outros municípios e outros dois mudaram-se para Belo Horizonte para construir a organização e desempenhar tarefas relacionadas à militância na capital mineira. Com isso, as atividades que eram desempenhadas por essas pessoas dentro da organização foram enfraquecidas ou mesmo estagnadas, tendo em vista a dificuldade de reposicionar a atuação de cada participante.

Sendo assim, é compreensível que Santiago entenda a reorganização da militância como tarefa principal a ser desempenhada nesse momento. Contudo, é interessante observar que seu ponto de vista não é colocado a partir de uma postura como se fosse uma verdade absoluta ou um consenso geral, o que pode ser percebido a partir da ênfase na entonação em “eu ACHO”, sendo essa atitude ainda mais acentuada pelo gesto que faz com o polegar, direcionando-o para o próprio peito e fornecendo indícios de que essa é uma avaliação individual sua.

Koch ([1993] 2021) pontua que esse modalizador insere o discurso como polêmico, isto é, o locutor não impõe sua opinião, ainda que essa seja uma estratégia argumentativa que oferece ao interlocutor, ao menos aparentemente, a possibilidade de aceitar ou não a opinião apresentada. Dessa forma, essa estratégia pode ser compreendida como significativa ao abrandar a força da argumentação no sentido impositivo e posicioná-la de maneira mais amistosa, visando à adesão dos interlocutores ao seu ponto de vista.

Em relação ao segundo tópico destacado nesse trecho, é importante tecer uma breve contextualização. João é um companheiro que compõe o Levante em Belo Horizonte e que tem como tarefa acompanhar a organização a nível estadual, nas diversas cidades mineiras nas quais o Levante atua. No final do ano de 2023, tivemos um encontro da CM de Juiz de Fora, que foi acompanhado por João, e no qual debatemos alguns elementos importantes para nortear nossa ação a partir desse momento em diante, entendendo as especificidades do movimento no município. Levando em consideração que toda organização e atuação política coletiva ocorrem de maneira processual, é esperado que a necessidade em retomar o debate feito nesse encontro apareça nas falas de Santiago e de Ana ao pensar a construção do Planejamento Municipal.



A partir do excerto destacado, é possível perceber que essa necessidade aparece de forma mais categórica na fala de Ana, quando enfatiza, com uma entonação mais forte, “ACHO que... a gente não pode ir”, enquanto realiza, simultaneamente, movimento de negação com a cabeça, e quando enuncia “a gente precisa realMENTE”, utilizando um tom mais acentuado ao pronunciar o índice avaliativo. Ana demonstra acordo parcial com Santiago em “e não é que a gente necessariamente vai conseguir retomar todos esses elementos hoje e tal” – a partir da modalidade deôntica em “necessariamente”, que indica sentido de obrigatoriedade – e logo em sequência retoma a posição a partir do conectivo “mas”: “mas eu acho que pra gente pensar esse processo do planejamento a gente precisa realMENTE fazer esse processo”.

O modalizador “ACHO que”, inserido no campo semântico do “livre arbítrio” (KOCH, [1993] 2021, p. 85), destacando a entonação com que é pronunciado, atenua a força do argumento, tornando mais propícia a adesão por parte dos interlocutores. Interessante destacar, apesar disso, que o índice avaliativo “realMENTE”, pronunciado também com uma ênfase maior, parece estabelecer uma direção oposta ao modalizador “ACHO”, já que assevera, de maneira mais assertiva e explícita, o posicionamento da enunciadora. Esse contraponto fornece indícios de que a atividade argumentativa pode ser desenvolvida através de um jogo estabelecido entre um campo de sentido mais rígido e “impositivo” e outro mais “flexível” e aberto à negociação, recurso que também pode contribuir para que as opiniões sejam aderidas pelos interlocutores.

Outro aspecto significativo na construção argumentativa de Ana é o direcionamento do seu olhar, que na maior parte do tempo voltou-se para Santiago. Acredito que esse movimento pode ter sido influenciado, para além do lugar em que a participante estava posicionada (de frente para Santiago), pela busca de respaldo para o seu ponto de vista, levando em consideração que Santiago também já havia manifestado o seu entendimento em retomar os pontos discutidos no encontro ocorrido anteriormente com o João.

Esse aspecto evidencia aquilo que Bakhtin ([1929] 2016) define como atitude responsiva por parte do ouvinte, já que Ana escolhe orientar sua enunciação, a partir da configuração de um recurso semiótico, o olhar, na expectativa de um retorno positivo de Santiago, seu interlocutor mais direto naquele momento, retorno que poderia contribuir para reforçar a plausibilidade de seu ponto de vista.

O debate seguiu o caminho de refletir, de maneira conjunta, sobre como o Planejamento Municipal da CM - que seria o espaço responsável por estruturar as demandas e os debates a serem

construídos no Planejamento Municipal - deveria ser construído. Nesse sentido, buscamos retomar, a partir da relatoria da reunião com o João, pontos que deveriam entrar nas discussões do Planejamento da CM, entendendo que eles seriam fundamentais para a construção dos objetivos do Planejamento Municipal.

### Excertos dos debates – Reunião da Coordenação Municipal

#### **Excerto 2: “A gente vai fazer o planejamento pra quê?”**

**(Ana)** Por exemplo, pra contribuir, aqui na primeira coisa da relatoria tá assim, é... balanço geral do Levante Juiz de Fora, debate partindo de analisar os gargalos do Levante e identificar em qual instância ou espaço teríamos que aPROFUNDAR, buscando saídas coletivas, sendo esses espaços: Planejamento da Coordenação Municipal, reuniões ordinárias da CM, né? Planejamento Municipal, frente, Direção Estadual, tudo (risos), enfim, mais pra ajudar a gente a lembrar dos elementos.

**(Rosa)** É, eu acho que a CM tem que tá em um dos eixos do Levante como um todo, a integração entre todos os eixos .

**(Ana)** Que eu acho que é o diagnóstico do Levante Juiz de Fora, tipo assim... levando em consideração todas as inserções que a gente tem, tipo, todas as tarefas, como estamos hoje em Juiz de Fora? Porque eu acho que talvez ISSO ajude a gente a fritar <sup>12</sup> nos objetivos, tipo assim, a gente vai fazer o planejamento PRA quê? A gente vai fazer o planejamento 1: pra ter um diagnóstico do Levante Juiz de Fora? 2: pra reposicionar nosso trabalho nas frentes?

**(Rosa)** A gente pode botar, né? CM, geral, finanças.

**(Ana)** Esse geral acho que podia escrever assim: diagnóstico.

Quadro 8: Transcrição dos debates – Excerto 2.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

<sup>12</sup> Essa é uma expressão comum no vocabulário de alguns grupos de jovens e significa pensar com muita intensidade sobre algum tópico, no sentido de “fritar os neurônios”.

## Excerto 2: “A gente vai fazer o planejamento pra quê?”– Elementos cinésicos

1 – 10:02



**(Ana)** Porque eu acho que talvez ISSO ajude a gente a fritar nos objetivos, tipo assim, a gente vai fazer o planejamento PRA quê?

Quadro 9: Excerto 2: “A gente vai fazer o planejamento pra quê?”– Elementos cinésicos.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesse excerto, Ana indica a importância de haver um espaço no Planejamento da CM que propicie uma avaliação diagnóstica de como o movimento está configurado atualmente na cidade. Em seu entendimento, esse movimento poderia contribuir para uma elaboração mais sólida dos objetivos do Planejamento Municipal.

A participante pontua os objetivos a partir de enunciados interrogativos, levando as mãos em direção à cabeça, próximas à região da testa, o que indica um gesto clássico que costuma acompanhar o ato de refletir/questionar-se. Leva também as mãos em direção à boca, apontando um contínuo movimento reflexivo. A escolha da locutora em pontuar os objetivos a partir de interrogações configura-se como uma estratégia persuasiva interessante, pois o tom interrogativo abre espaço para que os interlocutores participem da construção das alternativas propostas por Ana, evidenciando uma preocupação com a construção enunciativa para que ela não soe como autoritária, havendo a recorrência do modalizador “eu acho”. No trecho “como estamos hoje em Juiz de Fora? Porque eu acho que talvez ISSO ajude a gente a fritar nos objetivos, tipo assim, a

gente vai fazer o planejamento PRA quê?”, Ana confere um tom mais alto ao pronome demonstrativo “ISSO”, sinalizando que avaliação diagnóstica do movimento é um caminho para a consolidação dos objetivos do acampamento e, na sequência, faz uma pergunta retórica, ou seja, pergunta que falante elabora, apesar de já conhecer a resposta. (FÁVERO, 2006).

Em acordo com as colocações de Ana e partir dos elementos discutidos na reunião com o João, destacamos os seguintes pontos para serem discutidos no Planejamento da CM: resgate de princípios e valores; crítica e autocrítica; balanço e projeção estratégica das frentes; método de direção; articulação política e política de finanças.

Por fim, identificamos a necessidade de pessoas para assumirem a tarefa de sistematização e mediação da discussão desses elementos no Planejamento da CM. Com isso, Rosa e Caíque, que já haviam desempenhado tarefa semelhante em outros momentos, disponibilizaram-se para contribuir com a construção, juntamente a Luan, que ainda não havia realizado tarefa similar. Em nossos processos de construção, sempre procuramos destacar militantes que possuem mais acúmulo político, no sentido de já terem sido experimentados em mais tarefas, com militantes que ainda não participaram de determinada tarefa, entendendo que essa é uma forma de fomentar a formação contínua dos militantes mais antigos e mais novos na organização.

| <b>Sistematização do funcionamento dos debates – Reunião da Coordenação Municipal</b> |                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aspectos dos debates</b>                                                           | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                                            |
| Estrutura dos debates                                                                 | Principais tópicos: reorganização da militância na cidade e estruturação inicial do Planejamento Municipal; respeito aos turnos de fala com poucas sobreposições; participantes em círculo. |
| Estratégias argumentativas                                                            | Enunciados interrogativos; gestos autorreflexivos; entonações assertivas; direcionamentos de olhares para participantes estratégicos.                                                       |
| Operadores argumentativos e/ou modalizadores discursivos destacados                   | Modalizadores como "eu ACHO" (atenuador) e "realMENTE" (asseverador) constroem um jogo entre flexibilidade e firmeza                                                                        |
| Recursos multimodais utilizados                                                       | Combinação de elementos cinésicos (mãos na cabeça e boca, olhar direcionado) com variações na entonação marcadas por                                                                        |

|                                                                            |                                                                                                                                                                    |
|----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                            | palavras em caixa alta ("realMENTE", "ISSO") para reforçar argumentos.                                                                                             |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados | Reorganização da militância como prioridade e necessidade de inclusão de avaliação diagnóstica do Levante em articulação com elementos como crítica e autocrítica. |

Quadro 10: Sistematização do funcionamento dos debates – Reunião da Coordenação Municipal.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A seguir, apresento e discuto os excertos destacados do Planejamento Municipal do Levante.

## 5.2 PLANEJAMENTO MUNICIPAL DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE

Após a realização do Planejamento da CM, o Planejamento Municipal com toda a militância de Juiz de Fora ocorreu no último final de semana do mês de abril, durante a manhã, tarde e noite de sábado e durante a manhã e tarde de domingo. No primeiro dia, organizamos o espaço a partir de dinâmicas e debates sobre os seguintes aspectos, na seguinte ordem: (1) mística inicial e roda de apresentação; (2) apresentação do Levante e sua inserção na conjuntura; (3) balanço e projeção da frente territorial; (4) mística final e espaço cultural. Já no segundo dia, propusemo-nos a debater: (1) balanço e projeção da frente institucional e as eleições municipais; (2) balanço e projeção da frente estudantil. Com exceção deste último, foram destacados excertos para análise de todos os tópicos discutidos no decorrer do planejamento, conforme é possível visualizar a seguir. A escolha por não incluir o último espaço, apesar de ter sido registrado em áudio e vídeo, no corpus deste estudo deu-se em razão de princípios éticos, no intuito de preservar discussões internas da organização que envolvem outras entidades, a fim de não prejudicar essas relações.

Santiago, Jorge e eu nos disponibilizamos para elaborar o roteiro das atividades do planejamento e, com isso, dedicamos espaços específicos para debater a organização atual e a projeção a partir das frentes, tendo em vista que estas constituem o modelo orgânico do Levante, por meio das quais o movimento desenvolve sua atuação.

Além desses espaços, prezamos também por outros momentos que visem a tornar um espaço de imersão de formação política, que exige esforço físico e mental considerável, como a cultural. Esse momento consiste na organização de uma confraternização, a partir de atividades culturais como música e outras performances artísticas, por acreditarmos que arte, cultura e política são elementos que se articulam no fazer militante. É muito comum, dessa forma, que iniciemos nossos espaços a partir de um movimento que chamamos de mística. Por essa razão, inicio a análise dos excertos dessa seção também pela mística.

### 5.2.1 A MÍSTICA

Ao resgatar a história do Levante, é possível compreender que a mística foi uma prática, sobretudo, herdada do MST, uma vez que, conforme mencionado em seções iniciais desta dissertação, os Sem Terra, em articulação com outros movimentos, construíram esse movimento de juventude. Mas, afinal, o que é a mística? Em diálogo com Bogo (2012), a mística é um:

termo compreendido no estudo das religiões como adjetivo de mistério, assimilada por meio da experiência da própria vivência espiritual. Contudo, nos estudos das ciências da religião e da filosofia da linguagem, pode-se compreender que a mística, em suas manifestações subjetivas, ultrapassa o espectro do sagrado e introduz-se na vida social e na luta política, numa clara aproximação da consciência do fazer presente com a utopia do futuro. (BOGO, 2012, p. 475)

Nessa perspectiva, a mística opera como uma catalisadora de reflexões e como uma forma de constituir saberes, partindo da compreensão de que a luta política se faz também no plano dos afetos e da subjetividade. Por essa razão, sempre buscamos destinar momentos específicos de nossos encontros para a mística, que pode acontecer a partir da declamação de um poema, de uma performance teatral, da exibição de uma produção audiovisual, entre outros. Além disso, compreendemos que mais que um momento específico, a mística perpassa todo o nosso espaço, justamente porque não acreditamos em uma cisão entre razão e emoção, nem mesmo na construção da luta política.

Considerando que a mística é parte fundamental da identidade do Levante, iniciamos o planejamento a partir da declamação de uma poesia autoral de um dos militantes, Felipe Barbosa,

junto da entoação de um canto, adaptado de rodas de capoeira, puxado por outro militante, Luca. Como a mística é o que acreditamos ser o fio condutor para a luta política, também considero que ela é um ponto de partida para compreender a formação dos debates no espaço do planejamento. Por isso, abaixo, trago o poema declamado por Felipe e o canto entoado por Luca.

Se seus heróis morreram de overdose, os meus morreram acorrentados  
 Mataram uma heroína ano passado, mãe Bernadete seu nome pra sempre será lembrado  
 24 menores mortos no último mês,  
 Nois pretos não passamos 24h sem perdemos alguém, telefone tocando, quem será dessa vez?  
 Os que não morreram vivem com medo de serem algemados  
 Tu não sabe?  
 O camburão continua sendo o navio negreiro que levou nossos antepassados  
 Os senhores de escravos hoje andam todos armados  
 Montados em motos, desfilando de blindados  
 Fazendo arminha na tv, extermínio comandado pelos engravatados  
 O que vocês chamam de Deus, eu prefiro andar com o diabo  
 Quem vocês chamam de rei? Porra Roberto Carlos  
 Me desculpa, mas nós temos Tim Maia do nosso lado  
 Que se foda o rei  
 Hoje eu acordei ouvindo nossa rainha Elza Soares  
 Se vocês não entenderam, não sou eu que vou explicar o meu passado  
 Passado de riquezas  
 Se vocês não conhecem, não venham exaltar só as tristezas  
 Vai escutar Amarelo do Emeicida pra tu conhecer nossas belezas  
 "Permita que eu fale  
 Não as minhas cicatrizes  
 Elas são coadjuvantes  
 Não, melhor, figurantes  
 Que nem devia tá aqui"  
 Luís Gama vive em todos os meus refrão  
 Nossa revolução vai do crespo ao cacheado  
 "Ih alá o neguinho falando errado"  
 Ceis não conhecem nem Lélia, deviam ter vergonha de se intitular os intelectualizados  
 Porque conhecimento de branco, vou te contar uma parada, TUDO ROUBADO!  
 Colonizador europeu inventou de levar civilização pros que não eram "civilizados"  
 Os gregos só esqueceram de falar que estudaram no Egito antigo, se tu não sabe, é KEHMET, fica na África,  
 lugar de preto, seus arrombado!  
 Sem papas na língua, não me arrependo de uma linha e prometo nunca mais ficar calado  
 Enquanto a abolição não chegar pro povo preto  
 Eu vou levantar da cama cada dia mais revoltado  
 Desde a abolição os pretos lutam pela reforma agrária, um salve ao MST nossos eternos aliados  
 Falar nisso é bom dar um salve naqueles pretos organizados, um salve pra todos no Movimento Negro Unificado  
 E a juventude do Levante?  
 Fogo no pavio, fogo nos racistas e pau no cu desse ZEMA safado  
 E vocês, tão esperando o que pra se organizar no nosso lado?

Felipe Barbosa

Quadro 11: Poema declamado na mística inicial do Planejamento Municipal do Levante, em Juiz de Fora. Sem título.

Fonte: Acervo pessoal de Felipe Barbosa, disponibilizado para a autora (2024).

|                                                                                                                                                                                                         |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Vieram três pra bater no negro (2x)<br/>         Trouxeram faca, porrete e facão (2x)<br/>         Você não sabe o que pode fazer o negro (2x)<br/>         Levantar sua mão pela revolução (2x)</p> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Quadro 12: Canto tradicional de capoeira adaptado para a mística, entoado por Luca.  
 Fonte: Transcrito, pela autora, dos vídeos gerados nos debates (2024).

O ponto em comum entre os dois textos é, certamente, a disputa pela narrativa do processo de colonização e escravização a partir de uma perspectiva afrodiaspórica. Ambos remetem à violência sofrida pela população negra, ao passo que realizam um contraponto a partir da possibilidade de subversão, que pode ocorrer através da luta revolucionária organizada.

A questão racial, em muitos momentos, é vista por determinados setores como uma pauta “acessória” à pauta da classe. Afastando-nos dessa concepção, buscamos construir uma organização protagonizada por negras e negros não só a partir de uma questão representativa ou numérica, mas também por epistemologias negras, por entendermos que não é possível lutar contra o capitalismo se também não lutarmos contra o racismo, visto que, em diálogo com Faustino (2018), esses são sistemas de opressão que estão imbricados no processo de colonização conduzido por sociedades modernas.

No poema de Felipe, essa relação entre racismo, capitalismo e o processo de colonização é evidenciada a partir de comparações com a violência racial no passado e no presente. Se antes os senhores de escravos andavam armados, hoje a política utiliza veículos motorizados para continuar violentando a população negra. Esse paralelo entre tempos distintos, pontuados nesse momento de mística, cumpre o papel de chamar a atenção dos militantes para o fato de que a exploração ainda não terminou e que é por isso que decidimos estar organizados em um movimento social.

Nesse ponto, fica perceptível o que defende Koch ([1993] 2021): “o **ato de argumentar**, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a **todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**.” (KOCH, [1993] 2021, p. 17-18, grifos da autora). Então mesmo dentro de um poema, gênero literário, há espaço para o debate e, conseqüentemente, para a construção do convencimento. Isso quer dizer, no contexto



analisado, que o debate, ainda que não na sua forma mais prototípica, já começou a partir da declamação do poema.

É significativo destacar a disputa ilustrada pelo texto poético que ocorre também no campo epistemológico. O poeta, nesse caso, contrasta o que é considerado um saber legítimo, europeu, com saberes marginalizados, advindos de sociedades africanas. A não realização de concordância nominal no trecho “Luís Gama vive em todos os meus refrão”, que é visto com um desvio à norma culta, nesse contexto, é compreendido como uma prática de linguagem legítima decorrente do que Gonzalez ([1948] 2020) denominou como *pretuguês*<sup>13</sup>. Como pontuado por Nunes e Silva (2022), “assumir-se como negro é também assumir-se por meio da linguagem como ferramenta emancipatória”. Felipe, em seu poema, implica-se na luta antirracista a partir de suas próprias vivências e faz da linguagem uma ferramenta de luta pela emancipação da população negra.

Posteriormente, o poeta sinaliza que a luta antirracista não é realizada individualmente, mas de forma coletiva, conjunta com outros movimentos sociais, como o MST e o Movimento Negro Unificado (MNU). E é por compreendermos dessa forma que militantes do Levante também estão organizados em outros movimentos sociais, como o próprio MST e o MNU.

Ao final da mística, Luca entoia o canto que também realiza um contraste entre a violência sofrida pela população negra e a possibilidade de resistência e convida os demais participantes para cantarem juntos. Conforme sinaliza Peloso (2012), “a *mística* é o momento de *reafirmar* o compromisso com os ideais de uma concepção, de difundi-la socialmente, fortalecê-la politicamente, de consolidá-la e legitimá-la ideologicamente, e uma forma de concretizá-la, aqui e agora.” (PELOSO, 2012, p. 90, grifos do autor). Nesse sentido, é possível perceber que a mística construída a partir da declamação do poema e o canto final cumprem justamente esse papel: o de reafirmar o compromisso com a luta antirracista e anticapitalista.

Em seguida, há uma roda de apresentação, já que há militantes que passaram a constituir o Levante na cidade recentemente e, por isso, nem todos os participantes já se conheciam. Depois desses momentos iniciais, partimos para um espaço de caracterização do Levante, resgatando sua história, princípios, valores e objetivos.

---

<sup>13</sup> O conceito cunhado por Gonzalez desafia a visão eurocêntrica da língua portuguesa como única e superior. Ele se refere à forma particular de falar o português que é influenciada pela presença africana no Brasil, especialmente pelos africanos escravizados e seus descendentes. Ao valorizar o pretuguês, Gonzalez promove uma descolonização do pensamento linguístico e cultural, reconhecendo a riqueza e a importância de contribuições africanas.



Figura 6: Mística inicial do Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude em Juiz de Fora no ano de 2024.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

### 5.2.2 APRESENTAÇÃO DO LEVANTE

Esse momento do planejamento tinha como principal objetivo fazer uma apresentação da história do Levante, em relação à sua trajetória, bem como dos principais princípios e valores que direcionam a atuação da organização. Na elaboração do roteiro para o espaço, compreendemos que seria importante pontuar esses elementos, já que havia militantes recém-chegados no movimento. Além disso, até mesmo para aqueles que já estão há mais tempo organizados no Levante, entendemos que de tempos em tempos retomar nossa historicidade e nossos princípios organizativos são importantes para fortalecer nossos ideais e objetivos.

Dessa forma, em um primeiro momento, Rosa elencou, através de uma “linha do tempo”, os principais marcos da história do movimento. Na elaboração da estrutura do planejamento, temos como hábito dividir, entre os militantes, a responsabilidade pela apresentação/mediação dos temas a serem discutidos, entendendo que essa é uma atitude essencial para que todos possam contribuir de alguma forma e participar ativamente das discussões. Rosa utilizou, como auxílio para sua exposição, alguns slides com imagens dos principais momentos destacados.

O primeiro excerto que destaco para análise evidencia justamente a interação entre a fala da participante com os slides produzidos.

### **Excertos dos debates - Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude**

#### **Excerto 3: “Aquela foto é BAAAFO!”**

**(Rosa)** Em 2012 a gente tem a nacionalização, a consolidação da Coordenação Nacional e o... o escracho dos torturadores, que que é isso? O Levante se tornou um movimento nacional, em todos os estados do país, então a gente começou a estar em todos os estados enquanto Levante Popular da Juventude e aí consolidou uma coordenação nacional, ou seja, pessoas de todos os estados pra poder organizar o trabalho, né, por todo o Brasil e aí... diga...

**(Lis)** O que que é escracho? (levanta o dedo indicador)

**(Rosa)** Então, escracho, vou chegar lá, os escrachos foi quando, tá dando pra vocês lerem a parede ali, oh? "Aqui em frente mora um torturador." Que que a galera do Levante de 2012 fez? Chegou na casa dos torturadores da galera da ditadura que não foi presa, porque a gente não teve, né, uma prisão dos torturadores, é... dos ditadores do período da ditadura de 64, a gente não teve isso, a galera do Levante de 2012 chegou lá na porta deles e escrachou, fez tipo: "aqui mora um torturador", aí aqui né, "aqui em frente mora um torturador", fez no chão, colou lambe, pra mostrar pra população daquele lugar que ali residiam ou moravam pessoas que eram contra, por exemplo, direitos humanos, que eram torturadores, que eram ditadores... fez sentido? (realiza gesto afirmativo com os polegares enquanto direciona o olhar para Lis)

**(Lis)** Aham.

**(Rosa)** Então tá, e aí foi onde a gente ficou nacionalmente conhecido também, né, dessa forma, através disso, aí a gente entra em 2013 pra União Nacional dos Estudantes, né? Pra UNE...

**(Luan)** Uuuuh. (gesticula as mãos em sinal de celebração)

**(Rosa)** Aquela foto é BAAAFO! (aponta para a imagem projetada na parede) Se você, depois assim, vê de perto dá pra ver um montão de gente de Juiz de Fora, é muito bom, e aí a gente...

**(Jorge)** Essa foto não é de 2013, tá? Só é uma foto bonita.

**(Rosa)** É, não foi, essa foto não foi em 2013, foi em 2018, não, 2019, inclusive estávamos lá, né amiga?

**(Lilian)** Estávamos lá.

**(Rosa)** É... mas a gente entrou, né, menorzinho na UNE e aí a gente foi ganhando força, ganhando protagonismo dentro da UNE até chegar nessa fotona maravilhosa.

Quadro 13: Transcrição dos debates – Excerto 3  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

| Excerto 3: “Aquela foto é BAAAFO!” – Elementos cinésicos                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <div>1 – 05:30</div> <div></div> <div><b>(Lis)</b> O que que é escracho? (levantao dedo indicador)</div>                                                                                                         | <div>2 – 06:35</div> <div></div> <div><b>(Rosa)</b> [...] fez sentido? (realiza gesto afirmativo com os polegares enquanto direciona o olhar para Lis)</div> |
| <div>3 – 06:48</div> <div></div> <div><b>(Rosa)</b> [...] aí a gente entra em 2013 pra União Nacional dos Estudantes, né? Pra UNE...<br/><b>(Luan)</b> Uuuuh. (gesticula as mãos em sinal de celebração)</div> | <div>4 – 06:40</div> <div></div> <div><b>(Rosa)</b> Aquela foto é BAAAFO!</div>                                                                            |

Quadro 14: Excerto 3: “Aquela foto é BAAAFO!” – Elementos cinésicos  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Conforme mencionei, novos integrantes passaram a fazer parte da organização recentemente em Juiz de Fora e, por essa razão, nem todos estão familiarizados com a história e

mesmo com as formas de atuação do movimento. O excerto destacado evidencia justamente a busca pela concretização do objetivo de apresentar a organização, já que é possível notar que Rosa, a todo momento, com auxílio de outros militantes mais antigos no movimento, Lilian e Jorge, cumpre o papel de resgatar e explicar os acontecimentos mais marcantes. Por suas posições enquanto militantes mais antigos na organização, a interação de Rosa com Lilian e Jorge também se configura como um recurso argumentativo, tendo em vista a noção de autoridade assumida por esses participantes por já terem tido mais experiências nesse contexto.

Dessa forma, Rosa faz a utilização de perguntas retóricas, procurando aguçar a curiosidade dos participantes e deixar claro pontos desconhecidos pelos militantes recém-chegados, o que pode ser observado em “Que que é isso?” e “que que a galera do Levante de 2012 fez?”, referindo-se à nacionalização do movimento e ao “escracho aos torturadores”. Rosa também recorre a operadores que vão auxiliar no esclarecimento de alguns termos como em “aí consolidou uma Coordenação Nacional, ou seja, pessoas de todos os estados pra poder organizar o trabalho”.

Logo depois, a dúvida acerca do significado escracho vem à tona a partir da pergunta de Lis, que inclusive faz um gesto característico quando alguém deseja expressar uma dúvida, ao levantar o dedo indicador, indicando que conhece as regras de interações em contextos mais formais ao se autosselecionar para falar por meio do dedo indicador. Em seguida, a partir da pergunta “que que a galera do Levante de 2012 fez?” Rosa caracteriza o que denominamos como escracho: uma espécie de manifesto direto a agentes que perpetuam formas de violência que desejamos denunciar.

No caso do escracho feito aos torturadores, Rosa pontua que foram escritas frases sucintas e de efeito que visavam cumprir com o objetivo de alertar a população daqueles locais sobre a proximidade de agentes relacionados aos crimes cometidos no período da ditadura. Ainda, busca ressaltar a relevância dessas ações para o reconhecimento nacional da organização<sup>14</sup>. Para realizar essa explicação, Rosa recorre a gestos que ajudam a reforçar a ação, a partir da sinalização do movimento feito com as mãos em uma pichação e em uma colagem de lambes. Ainda, recorre à imagem exibida no slide, para ilustrar o resultado:

---

<sup>14</sup> Certamente, essas ações não foram divulgadas na época pela grande mídia, no entanto mídias alternativas disseminaram o acontecimento, contribuindo para o reconhecimento do movimento, como é o caso da matéria publicada na época pelo jornal Vermelho – A esquerda bem informada <https://vermelho.org.br/editoriais/com-a-historia-nas-maos-a-juventude-escracha-os-torturadores/>.





Figura 7: Slide com exibição dos escrachos realizados aos agentes da ditadura elaborado para o Planejamento Municipal.

Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A estratégia de Rosa ao utilizar os gestos e a imagem, a qual possui uma legenda com escritos, corrobora com a ideia de que mesmo em gêneros, como o debate, em que há a predominância de um modo como a fala, outros recursos também são articulados para a produção de significado, conforme defendido por Kress (2010). Certamente, a imagem cumpre o papel de reforçar o convencimento, em especial dos militantes recém-chegados na organização, em relação à concretude das ações realizadas pelo Levante através dos escrachos. Nesse caso, a credibilidade do acontecimento narrado por Rosa é reforçada pelo registro fotográfico, em consonância com os gestos realizados, de formar a garantir a tangibilidade do acontecimento, reforçando o principal objetivo da argumentação conforme defendido por Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958] 2005, p. 50) de “provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento”.

Além disso, percebo que a mobilização desses recursos semióticos também cumpre um papel didático, uma vez que compreendemos, em consonância com princípios da Educação Popular (PELOSO, 2012), que todo ato político é também educativo. Inclusive, há uma preocupação por parte de Rosa em confirmar que Lis compreendeu o significado de escracho, uma vez que finaliza perguntando se o que havia dito fazia sentido, uma atitude que seria comum a um espaço formal de educação, por exemplo.

Mais adiante, Rosa pontua um outro acontecimento marcante na trajetória do Levante, a entrada na União Nacional dos Estudantes, entidade máxima de organização estudantil no Brasil. Nesse momento, é possível notar que Luan – com gestos de celebração e enunciando “Uuuuh” – contribui para reforçar a fala de Rosa acerca da importância dessa ação desempenhada pelo movimento, ao ocupar um espaço significativo para a juventude brasileira.

Novamente, o registro fotográfico desempenha um papel central, uma vez que através dele é possível demonstrar a expressividade do Levante em uma organização composta por diversos movimentos. Nesse caso, além do registro, outro fator contribui para ressaltar o acontecimento, a entonação atribuída à palavra “bafo”, expressão veiculada principalmente pela comunidade LGBTQIA+ que indica algo ótimo, incrível. A expressão por si só já carrega um efeito positivo, mas Rosa busca reforçar esse efeito ao pronunciá-la em um tom mais elevado e estendendo o som da vogal “a”.

Forte Ferreira et. al. (2022) sinalizam que o tom de voz é um recurso semiótico que expressa certas emoções por parte do locutor. No caso de Rosa, é possível ver que a enunciadora tem, inclusive, uma relação afetiva com o registro fotográfico que estava usando como base para contextualizar a entrada do Levante na UNE, embora o registro não seja do ano de 2013, como pontuado por Jorge. Essa relação afetiva ocorre justamente porque Rosa vivenciou o momento ilustrado pela fotografia, o que logo depois é confirmado quando recorre à Lilian para confirmar a presença de ambas no evento narrado. Nesse ponto, fica evidente que a experiência individual, nesse contexto, funciona como uma estratégia argumentativa para convencer os militantes da expressividade do movimento não só a nível nacional, mas principalmente da atuação e da participação do Levante de Juiz de Fora em momentos marcantes da história da juventude brasileira.

É possível observar, nesse momento, que a estratégia utilizada por Rosa para chamar a atenção dos interlocutores é bem-sucedida, já que Heloísa, militante recém-chegada na organização, direciona seu corpo para frente e semicerra os olhos para observar a fotografia.



Figura 8: Slide com exibição Levante no Congresso Nacional da UNE, Distrito Federal, elaborado para o Planejamento Municipal.  
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Sobre a imagem escolhida para representar a inserção do Levante na UNE, é significativo destacar os seguintes aspectos: a centralidade da bandeira da UNE e o posicionamento dos militantes do Levante em torno, suscitando o envolvimento do movimento na construção da maior entidade de representação estudantil do Brasil e, portanto, a expressividade do Levante enquanto um movimento nacional de juventude. Além disso, há elementos no fundo da imagem que contribuem para a sustentação do impacto dessa ação, uma vez que é possível observar o edifício do Congresso Nacional.

| Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Apresentação do Levante” |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Aspectos dos debates                                                           | Descrição                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Estrutura dos debates                                                          | Tópico principal: apresentação e contextualização histórica do Levante; turno de fala predominantemente assumido pela mediadora e responsável pela apresentação do tópico com poucas sobreposições e intervenções de outros militantes; Participantes em semicírculo. |



|                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Estratégias argumentativas                                                 | Utilização de perguntas para chamar a atenção dos participantes; recorrência de experiências pessoais e coletivas para persuadir; mobilização de fotografias que evidenciam a concretude dos acontecimentos narrados; ênfase na entonação (“aquela foto é BAAAFO!”).                     |
| Operadores argumentativos e/ou modalizadores discursivos destacados        | Operador “ou seja”, que explicita e esclarece um termo dito anteriormente, para garantir a função didática do espaço.                                                                                                                                                                    |
| Recursos multimodais utilizados                                            | Articulação de slides com registros fotográficos que ilustram ações como pichações e colagem de lambes; combinação entre ênfase na entonação e elementos cinésicos (“aquela foto é BAAAFO!”).                                                                                            |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados | Participação do Levante em atos políticos nacionais e entrada do Levante para a UNE como marcos significativos para a relevância do movimento; Adesão aos argumentos apresentados pela mediadora e entusiasmo da audiência no trecho “Uuuuh [gesticula as mãos em sinal de celebração]”. |

Quadro 15: Sistematização do funcionamento dos debates – Reunião da Coordenação Municipal.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Realizada a contextualização histórica de atuação do Levante, o próximo momento é dedicado ao resgate e à elaboração coletiva dos princípios e valores que integram o movimento.

#### 5.2.2.1 PRINCÍPIOS E VALORES DA ORGANIZAÇÃO

Nessa etapa, Jorge ficou responsável por mediar a discussão. Para que todos pudessem participar do debate, foi organizada a seguinte dinâmica: cada militante recebeu um papel com um princípio ou valor escrito sobre o qual deveria tecer considerações.

### Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude

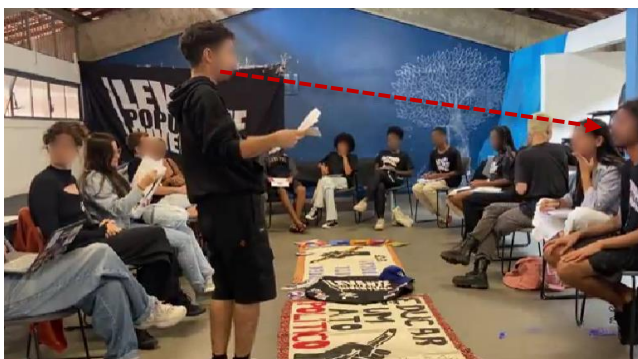
#### Excerto 4: “A nossa organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores”

**(Jorge)** E aí, agora eu fiquei na tarefa de apresentar pra vocês os nossos princípios e os nossos valores, né? Como eu disse, os princípios eles estruturam a nossa organização e fazem parte do nosso método de direção política, né? Todos nós aqui, como o Paulinho disse hoje, fazemos parte da construção diária do Levante, então todos nós temos esse "PODER" entre aspas, né? Porque eu não encontrei uma outra palavra, pra gente debater o Levante, né? Todo mundo aqui tem a responsabilidade de construir cotidianamente, então eu vou distribuir pra vocês alguns princípios e valores, vocês vão ler AALto qual que é esse princípio ou qual que é esse valor e aí vocês vão precisar falar o que que se PASSA na cabeça de vocês quando vocês leem essa palavra pra gente ir explicando e falando um pouco dos princípios e valores, são muitos, mas são SEMpre os MAIS importantes pra gente estar lembrando, a nossa organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores.

Quadro 16: Transcrição dos debates – Excerto 4  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

#### Excerto 4: : “A nossa organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores” – Elementos cinésicos

1 – 12:33



**(Jorge)** Todos nós aqui, como o Paulinho disse hoje, fazemos parte da construção diária do Levante [...].

Quadro 17: Excerto 4: : “A nossa organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores” – Elementos cinésicos.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesse trecho, Jorge apresenta o funcionamento da dinâmica e sinaliza a importância da participação de todos para a construção do debate acerca dos princípios e valores. No geral, há poucas variações de entonação em suas falas e pouca gesticulação. No entanto, é interessante observar que o locutor faz utilizações estratégicas em relação à entonação, elevando o tom de voz e alongando o som de algumas sílabas em momentos específicos, o que também ocorre em relação aos movimentos que realiza com o corpo.

No decorrer de sua enunciação, Jorge recorre a termos que expressam um caráter totalizante. É possível observá-los nos seguintes trechos: “Todos nós aqui, como o Paulinho disse hoje, fazemos parte da construção diária do Levante”, “Todo mundo aqui tem a responsabilidade de construir cotidianamente”, “são SEMpre os MAIS importantes”. A utilização desses termos suscita diretamente o envolvimento dos participantes na construção da organização – já que o funcionamento da organização depende da participação de todos – e também contribui para a relevância que os princípios e valores têm na formação do movimento, o que é evidenciado pela pronúncia mais forte da primeira sílaba do advérbio “sempre”, que é utilizado para fazer referência aos princípios e valores.

A estruturação das considerações feitas por Jorge também perpassa uma dimensão significativamente dialógica (BAKHTIN, [1929] 2016), já que sua tese acerca do tópico a ser debatido – a de que todos são responsáveis pela construção cotidiana do movimento – é veiculada a partir de um discurso reportado de Paulinho. Inclusive, nesse momento, Jorge direciona seu olhar em direção a Paulinho, para que este confirme sua colocação. Nesse momento, Paulinho balança a cabeça em sinal afirmativo e posteriormente sorri para Jorge, quando este demonstra não ter encontrado uma palavra que sintetizasse melhor a noção de “PODER” – que pode suscitar sentidos mais autoritários, o que vai de encontro à proposta da organização –, vocábulo que pronuncia em tom mais elevado e sinalizando as aspas com as mãos.

Por fim, Jorge ressalta a importância dos princípios e valores para o funcionamento da organização, dando relevo ao advérbio de negação “não” ao asseverar que a “organização NÃO existe se não existirem esses princípios e valores.” Em seguida, distribui os papéis para os demais participantes para que possam socializar suas considerações acerca do tópico em debate. Abaixo, destaco, em dois blocos, excertos dessa discussão – que acredito sintetizar os valores e princípios discutidos nesse momento – para a análise.

## Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude

### Excerto 5: Coletividade

**(Theo)** A gente tem aqui a criação coletiva, né? É a nossa união, o Levante é isso, como a gente a TODO momento toca que o assunto é o coletivo, um coletivo popular da juventude, né? É a gente ocupar os lugares, é criar esse coletivo de fato de uma muDANça social, é pinTAR, né? A universidade de povo. É pintar os espaços de povo. Então tudo isso é coletivo, né? Essa criação de fato emancipadora (inaudível).

**(Jorge)** Isso, Theo. Oh, gente, a coletividade também é um princípio da nossa organização. Então tudo que a gente for pensar tem que permear ali a coletividade também, por exemplo, ah, éee... estamos passando por essa dificuldade hoje lá na frente territorial, né Marcella? Temos muitas dificuldades na frente territorial e então todo mundo do Levante tem que estar inteirado desse problema E se propor também coletivamente a ajudar a superar esse problema.

### Excerto 6: Espírito de fraternidade revolucionário

**(Davi)** Meu primeiro dia e já peguei uma frase: espírito de fraternidade revolucionário.

**(risos entre os participantes)**

**(Jorge)** E o que que você acha?

**(Davi)** Meu Deus do céu, LENdo aqui, só, não sei o que que é fraternidade não, tá? Mas eu acredito que espírito seria a força de vontade, né? Revolucionário é de sempre mudar, tem alguma coisa a ver?

**(Jorge)** Teeem! Não, o que você entendeu.

**(Davi)** O que eu entendi é isso daí (risos), é a força de vontade de sempre estar mudando.

**(Jorge)** Mas é isso mesmo, a fraternidade revolucionária, né? É um valor que a gente deve cultivar individualmente PRA coletivamente a gente ter sempre esse... o fraterno é isso, né? Tipo assim, ter o afeto, ter o carinho, a nossa organização, ela perPassa isso. O que diferencia o Levante das outras organizações? É esse espírito de fraternidade, é poder chegar, por exemplo, pro Luca, que se tiver passando por uma situação, a gente ter a fraternidade, a gente ter esse afeto, né? Essa disponibilidade de ouvir, de compreender ele, porque a gente sabe que ele é uma pessoa muito importante na nossa organização, que cumpre um papel muito importante, né?

REVOLUCIONÁRIO. Todos nós aqui, SÓ de estarmos aqui SÁBADO e domingo JÁ É um papel revolucionário que a gente cumpre na nossa sociedade, né? De estar debatendo política, de estar debatendo a organização popular, né? Então isso é o espírito de fraternidade, acho que você descreveu também muito bem.

Quadro 18: Transcrição dos debates – Excertos 5 e 6  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

| Excertos 5 e 6: Coletividade e Espírito de fraternidade revolucionário – Elementos cinésicos                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>1 – 16:50</p>  <p>(Jorge) [...] Então tudo que a gente for pensar tem que permear ali a coletividade também, por exemplo, ah, éee... estamos passando por essa dificuldade hoje lá na frente territorial, né Marcella?</p> | <p>2 – 18:32</p>  <p>(Davi) [...] eu acredito que espírito seria a força de vontade, né? Revolucionário é de sempre mudar, tem alguma coisa a ver?(curva o tronco para frente e direciona o olhar para Jorge)</p> |

Quadro 19: Excertos 5 e 6: Coletividade e Espírito de fraternidade revolucionário – Elementos cinésicos.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Optei por unir esses dois excertos em um mesmo bloco por compreender que os tópicos debatidos em ambos estão intrinsecamente relacionados no contexto de formação do Levante. Ribeiro (2005) utiliza a seguinte definição para caracterizar jovens envolvidos na cultura *hip-hop* de uma periferia paulistana: “grupos cujas práticas envolvem, em maior ou menor grau, uma tomada de consciência explícita da condição dominada de seu universo cultural de origem e da necessidade de criar novo sentido para essa condição por meio da ação coletiva.”

É possível perceber, em diálogo com a autora, que os aspectos formadores do Levante também perpassam a busca por uma tomada de consciência que culmine na realização de ações coletivas, motivo pelo qual o princípio da coletividade é estruturante da organização. Esse aspecto é ressaltado na fala de Theo quando evidencia que “a TODO momento” o aspecto coletivo é evidenciado dentro da organização. Nesse caso, o termo assinalado, pronunciado em tom elevado pelo locutor, evidencia uma tomada de posição diante do mundo social por parte do grupo, posição essa que faz um contraponto a princípios difundidos pelo capitalismo, por exemplo, em que a individualidade é sobreposta à coletividade. (AVILA et. al, 2011)

Theo segue aprofundando a noção de coletividade para o Levante ao dizer que coletividade é pintar a universidade e os espaços de povo. Nesse caso, a metáfora construída em torno do verbo pintar evidencia outro aspecto acerca da noção de coletividade para o movimento: coletividade não é apenas uma ação coletiva, importa também quem protagoniza essa ação. Nesse contexto, os agentes formadores do coletivo são pertencentes a camadas populares e não à classe dominante.

Outro aspecto relevante a ser destacado acerca de sua compreensão do princípio da coletividade é sua relação com “criação emancipadora”. Atualmente, a noção de “empoderamento” tem ganhado relevância nas esferas midiáticas. No entanto, muitas vezes essa ideia vem atrelada especificamente a conquistas individuais, frequentemente relacionada à ascensão socioeconômica. No entanto, partindo do princípio da coletividade, entendemos que o empoderamento, de forma individual, não cumpre com o objetivo de verdadeiramente emancipar o povo, conforme evidenciado por Theo.

Jorge, como mediador do debate, reforça os pontos colocados por Theo e resalta que, dentro de uma organização coletiva, os desafios também precisam ser encarados de maneira conjunta, ainda que os setores de atuação de cada militante dentro do movimento sejam específicos. Por isso, Jorge, voltando o olhar e o tronco em minha direção, busca confirmar seu entendimento acerca da noção de coletividade ao questionar sobre as dificuldades enfrentadas na frente territorial, tendo em vista que esse é um espaço em que eu atuo, junto a outros militantes. Assim, a conjunção “E”, pronunciada com relevo, funciona como um operador argumentativo que visa a orientar dois argumentos no mesmo sentido, conforme proposto por Koch ([1993] 2021): os militantes devem saber dos acontecimentos dentro da organização e também estarem dispostos a propor intervenções quando necessário.

O valor do espírito de fraternidade revolucionário, que compõe o excerto seguinte, dialoga também com o princípio da coletividade, conforme é possível observar nas enunciações de Davi e Jorge. Esse excerto é marcado por aspectos interessantes do ponto de vista da construção argumentativa, já que consiste na interação entre um militante mais experiente na organização, que é inclusive mediador do debate, e outro que estava conhecendo a organização naquele mesmo dia.

Por essa razão, Davi busca inserir sua compreensão acerca do valor em questão com muitas ressalvas e a todo momento procura checar, a partir da confirmação do mediador e dos outros participantes, se seu entendimento está “correto”. Nesse momento, ele levanta o olhar para Jorge e para os demais participantes, curva o tronco para frente e balança a cabeça buscando confirmar se sua compreensão faz sentido para os demais participantes. Essa insegurança de Davi é evidenciada já no primeiro momento quando diz que é seu primeiro dia e já precisa discorrer sobre um valor composto por palavras com as quais não está plenamente familiarizado. No entanto, é significativo observar que Davi utiliza uma estratégia para amenizar o desconforto, a partir do humor, estratégia que é bem sucedida, já que consegue fazer com que os participantes sorrissem e se coloquem em uma posição de acolhimento com sua chegada recente no movimento. Em seguida, Jorge confirma o entendimento de Davi e acrescenta outros significados ao princípio em questão.

Em suas reflexões, Gomes (2020) defende que movimentos sociais possuem um caráter pedagógico, pois propiciam a construção de saberes. No mesmo sentido, a autora destaca uma dimensão importante desses espaços, que é constituída pelo que denomina como afeto emancipatório. No Levante, compreendemos que a luta política se faz não apenas a partir do engajamento teórico e prático, mas também afetivo, afinal somos sujeitos repletos de subjetividade e acreditamos que esse é um aspecto importante a ser considerado na busca pela transformação da sociedade.

Essa perspectiva pode ser percebida na enunciação de Jorge, que pontua, inclusive, que esse é um aspecto que permite diferenciar o Levante de outras organizações, o que, nesse contexto, ganha um relevo ainda maior, tendo em vista que Jorge dialogava mais diretamente com Davi, que estava conhecendo a organização. Na busca pelo convencimento do militante recém-chegado, Jorge ressalta a importância do espírito de fraternidade revolucionário, utilizando uma modalidade alética que, nesse caso, visa a tornar sua proposição como algo necessário, expressa por uma forma verbal perifrástica (KOCH, [1993] 2021), ao dizer que esse é um valor que “a gente deve cultivar”.

Por fim, Jorge recorre a Luca – direcionando o corpo e olhar –, que, como seu interlocutor direto no trecho destacado, contribui para a construção de uma estratégia argumentativa baseada na exemplificação de como o valor discutido pode funcionar na prática, em que o afeto e cuidado com o outro configuram-se como atitudes essenciais para a organização popular. Ainda utilizando a exemplificação, Jorge sinaliza, através da ênfase dada ao adjetivo “REVOLUCIONÁRIO”, que a escolha em destinar o final de semana para debater política evidencia uma postura crítica frente aos dilemas sociais e a busca pela transformação da sociedade.

Em momentos subsequentes, outro princípio é posto em discussão: o centralismo democrático, discussão que pode ser visualizada a partir do excerto seguinte.

#### **Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude**

##### **Excerto 7: Centralismo democrático**

**(Marcella)** Gente, eu trouxe um princípio que é muito importante pra nossa organização e pra outros movimentos também que compõem o nosso campo que é o centralismo democrático. O centralismo democrático, ele vem, né? De um conceito de teorias de estudos marxistas, mas assim, não precisamos entrar nisso a fundo, não. Pra gente entender, tem duas palavras aqui: centralismo dá essa ideia de que é centro, né? O que é comum. E democrático que dá ideia de pluralidade, diversidade, né? Cada um poder se colocar, poder se posicionar. A nossa organização, ela... ela é horizontal, então não tem uma voz que vale mais do que a outra, todas as vozes importam, todos os nossos pontos de vista importam, mas a gente precisa chegar num ideal comum, a gente precisa chegar numa escolha comum pra que a gente consiga agir. Então, por exemplo, a gente fez uma reunião e decidiu que a gente ia vender, é... chup-chup <sup>15</sup> pra poder arrecadar dinheiro pro Acampa. Se a gente tomou essa decisão conjunta, a gente precisa fazer juntos essa decisão. Não PODE, né? De um momento pro outro, uma pessoa falar assim "ah, não, mas eu quero vender brownie", sei lá, inventou assim que ela queria fazer algo sozinha que não foi acordado no coletivo. Então centralismo democrático é isso: a gente poder DISCUTIR, colocar os nossos pontos de vista e chegar num denominador comum, chegar num ponto comum e agir de acordo com isso.

**(Jorge)** E aí gente, entenderam tudo? Achei uma aaaula. Que que vocês acharam?

**(falas cruzadas entre os participantes de difícil compreensão)**

<sup>15</sup> Chup-chup é um nome popular uma sobremesa congelada feita de suco, polpa de frutas ou pó para refresco artificial, vendida em sacos plásticos. Em outras regiões, também pode ser encontrado com o nome de dim-dim, geladinho, sacolé, juju, flau, chope, picolé de saco etc.



**(Heloísa)** APRENDI o que eu NÃO aprendi na escola.

**(Jorge)** E o centralismo democrático é muito importante, viu gente? Então a gente anotar aí, ter isso em mente. Mas gente, uma coisa MUITO IMPORTANTE: é que nós enquanto sujeitos revolucionários, né? Militantes organizados, nós também precisamos ler, estudar, saber mais e a gente também pode fazer isso individualmente, né? Se um dia vocês virem um materialzinho, dá uma lida, dá uma estudada, tipo, é uma tarefa DOS militantes organizados também. Não estamos trazendo esse debate pra ser algo tipo assim, academicista, né? Tipo "AAAI, preciso estudar, ler cinco livros por minuto, por dia sobre Marx, não sei o que, não sei o que, não sei o que lá", pra ser militante. Não! Entendeu? Mas que é importante a gente ter esse horizonte também de estar sempre aprendendo mais.

Quadro 20: Transcrição dos debates – Excerto 7  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

### Excerto 7: Centralismo democrático – Elementos cinésicos

1 – 23:09



**(Marcella)** [...] Gente, eu trouxe um princípio que é muito importante pra nossa organização e pra outros movimentos também que compõem o nosso campo que é o centralismo democrático (mostrando o princípio escrito na folha de papel).

2 – 25:06



**(Heloísa)** APRENDI (gesto com a mão apontando para si).

3 – 25:07



**(Heloísa)** o que eu NÃO aprendi na escola (gesto com a mão para baixo, reafirmando o

|  |                                                                    |
|--|--------------------------------------------------------------------|
|  | espaço físico da escola; balança a cabeça para cima e para baixo). |
|--|--------------------------------------------------------------------|

Quadro 21: Excerto 7: Centralismo democrático – Elementos cinésicos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No momento ilustrado pelo excerto acima, discorri um pouco sobre a minha concepção acerca do conceito de centralismo democrático, a partir de estudos e vivências que experienciei em espaços de formação ao longo do tempo enquanto militante organizada. Busquei fazer isso de maneira simplificada, tendo em vista que os objetivos do espaço não consistiam em adentrar em aspectos mais formais e teóricos – objetivos motivados pela preocupação em não tornar a discussão um espaço hermético, mas, ao contrário, aberto para que os participantes ficassem mais confortáveis para participar da interação – o que fica evidente em minha fala quando digo que “não precisamos entrar nisso a fundo, não” para entender o conceito em questão.

Acredito que o dilema que trouxe no início desta dissertação, acerca do dualismo em que me encontrava enquanto estudante de licenciatura e militante é, de certa forma, dissolvido nesse discurso, já que busco estratégias didáticas para discorrer sobre um tema específico da militância, evidenciando como essas “duas identidades” na verdade estão relacionadas, não havendo a possibilidade de separar meu eu, agora, professora e militante.

Segundo Peloso (2012), todos que se engajam na construção do trabalho de base, isso é, na formação política e crítica do povo são educadores populares. No meu caso, essa dimensão pedagógica é sobressaltada também pela minha condição de professora, motivo pelo qual a entonação e as escolhas utilizadas para abordar o princípio do centralismo democrático se assemelham muito ao que normalmente faço em sala de aula. Assim, busco abordar o conceito com exemplos práticos, como no caso de um debate deliberativo em que a decisão tomada para arrecadar recursos financeiros fosse a venda de chup-chup, o que já fizemos em outros momentos. Além disso, é possível perceber recursos que utilizo com vistas ao convencimento dos militantes sobre o papel fundamental que o princípio do centralismo democrático desempenha na construção da organização, conforme pontuado pela modalização alética “a gente precisa chegar num ideal comum”.

A sensação de que se trata de um espaço educativo é, inclusive, confirmada pelos interlocutores quando Jorge diz “Achei uma aaaula” e quando Heloísa afirma “APRENDI o que eu NÃO aprendi na escola”. Em momentos anteriores, havíamos passado por um momento de

apresentação e, por isso, os participantes já estavam cientes de que eu era professora, motivo que também contribuiu para que eles apreendessem minha enunciação como poderiam apreender em espaços formais de educação, por exemplo. No entanto, conforme pontuado por Gohn (2006), os objetivos da educação não formal muitas vezes não serão os mesmos da educação formal, dimensão que também é explicitada a partir das contribuições de Heloísa e Jorge.

Apesar de Jorge ter visualizado o momento como uma aula, logo depois é evidenciada uma compreensão de que o propósito dos espaços de formação política não é o mesmo, já que a sugestão para que os militantes leiam e estudem não vai ao encontro do entendimento de uma prática que poderia ser vista como “academicista”. Nesse caso, não se trata de se debruçar em uma quantidade expressiva de textos teóricos, mas compreender que a leitura também deve fazer parte da formação de um militante organizado.

A fala de Heloísa também é interessante porque sugere um processo de aprendizagem ocorrido fora do ambiente escolar, quando afirma – inclusive dando relevo à entonação na pronúncia das palavras “APRENDI” e “NÃO” –, o que poderia, a partir do conceito de centralismo democrático, evidenciar a construção de uma compreensão acerca de uma decisão coletiva elaborada a partir de perspectivas individuais.

Kleiman (2005) sinaliza que o engajamento de professores em práticas letradas não escolares é fundamental para construir práticas de letramento escolares bem-sucedidas:

Uma das premissas do projeto, evidenciada na diversidade dos contextos examinados nos trabalhos aqui reunidos, é a de que o sucesso do letramento escolar depende da capacidade do professor de conhecer e se relacionar com práticas não-escolares de letramento construídas por outros agentes em outras instituições ou agências de letramento, que podem ser até mais bem-sucedidas no processo de introdução na cultura letrada. Daí também a importância da qual se revestem os estudos que examinam práticas de letramento não-escolares de agentes comunitários. (KLEIMAN, 2005, p. 10)

Com base nessas considerações, é possível compreender, a partir dos enunciados de Heloísa e Davi, a concepção de outros espaços de formação tão significativos quanto são (ou deveriam ser) espaços formais de educação em relação a aspectos que englobam uma formação política.

Nessa direção, pode-se visualizar o delineamento de uma posição crítica assumida pelo Levante frente aos moldes mais tradicionais de educação que não dialogam com aspectos práticos da vida cotidiana e, dessa forma, não contribuem para a transformação da realidade. É importante

dizer, no entanto, que não se trata de uma posição crítica à educação formal de modo geral, construída em ambientes formais, até porque Jorge sinaliza que o engajamento na leitura de textos e materiais é importante. Em outro curso, a crítica é direcionada a certas compreensões limitadas de que construir conhecimento é um processo quantitativo, pautado na quantidade de textos lidos, crítica feita, inclusive, por Paulo Freire (1989):

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada (...). Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica à magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre e seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes. (FREIRE, 1989, p. 12)

| <b>Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Princípios e valores”</b> |                                                                                                                                                                                     |
|------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aspectos dos debates</b>                                                        | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                                    |
| Estrutura dos debates                                                              | Tópico principal: princípios e valores cultivados pela organização; respeito aos turnos de fala, com poucas sobreposições; falas alternadas a partir da condução do mediador.       |
| Estratégias argumentativas                                                         | Uso de metáforas (como "pintar os espaços de povo"); exemplificação; humor para acolhimento de novos membros; Relevo na entonação em palavras-chave como “TODO” e “REVOLUCIONÁRIO”. |
| Operadores argumentativos e modalizadores discursivos destacados                   | Modalizadores aléticos em construções perifrásticas ("deve", "precisa"); uso de operadores como “E” para alinhamento de argumentos no mesmo sentido.                                |
| Recursos multimodais utilizados                                                    | Elementos cinésicos como olhares direcionados e movimentos com o tronco e expressões faciais como sorrisos.                                                                         |

|                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados | Crítica à individualidade exacerbada e ao academicismo descolado da prática; valorização do coletivo como agente emancipador, do afeto revolucionário como diferencial da organização; defesa do centralismo democrático como diálogo entre individualidade e coletividade. |
|----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Quadro 22: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Princípios e valores”.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com o término da discussão a respeito dos princípios e valores, o próximo momento foi dedicado à síntese da posição do Levante frente à conjuntura política brasileira, espaço que apresento a seguir.

#### 5.2.2.2 INSERÇÃO DO LEVANTE NA CONJUNTURA POLÍTICA NACIONAL

De forma a proporcionar um espaço de debate mais dinâmico, Rosa e Jorge convidaram os participantes para a área externa do espaço para que fosse realizada uma dinâmica. Essa dinâmica tinha como objetivo apresentar elementos centrais para compreender a inserção e as tomadas de posição do Levante no cenário político brasileiro. Assim, alguns participantes ganharam folhas contendo entidades que deveriam representar, como personagens em uma espécie de narrativa.

Por conta do caráter dinâmico desse espaço, em que os participantes se movimentavam constantemente, os registros audiovisuais foram limitados, de modo que foi possível captar apenas trechos da discussão. No entanto, ao selecionar os excertos que compõem este capítulo, considerei importante abarcar esse momento tendo em vista que ele evidencia e esclarece posicionamentos políticos do movimento diante do mundo social, fatores significativos para compreender a atuação do Levante.

Nas imagens a seguir, é possível visualizar as folhas que foram distribuídas aos participantes e como eles foram dispostos no espaço em determinado momento da representação.



Figuras 9 e 10: Dinâmica de representação do Levante Popular da Juventude na conjuntura política.  
Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A primeira imagem mostra as entidades que foram mobilizadas para sintetizar, de forma simplificada, componentes que integram a conjuntura política como a burguesia, os trabalhadores – representados a partir de uma entidade sindical, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) –, os estudantes – caracterizados também por entidades como a UNE e a UBES –, a mídia hegemônica – simbolizada pela Rede Globo – a mídia independente – retratada a partir dos veículos Mídia Ninja e Brasil de Fato – o governo Lula, o agronegócio e outras entidades que não aparecem na primeira imagem que são os “Tubarões da educação” – representados por empresas como a Estácio e a Anhanguera e – e os movimentos sociais – compostos, no exemplo da folha, pelo próprio Levante, pelo MST, pelo MBP e pelo MAMM.

Na segunda imagem, é possível observar os participantes representando as entidades a partir das folhas distribuídas por Jorge ao mesmo tempo em que seguram uma corda, encenando, como no jogo infantil, um cabo de guerra.

#### Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude

##### Excerto 8: A Rede Globo apoiou a ditadura

**(Jorge)** Então, gente, nesses papéis a gente pode ver alguns agentes importantes da conjuntura política brasileira, no caso da mídia, com o exemplo da Globo, é que na época da ditadura eles APOIARAM a ditadura, né? Então era aquela graaande mídia que tava ali distribuindo informação para o povo brasileiro contando o lado só apenas dos ditadores, mostrando aquilo como se fosse algo bom, então serve como esse controle da população também, né? De passar só as informações que são referentes ali à burguesia que tá representada pela Marcella, só representa os interesses deles, não mostra o que o povo de fato vive, né? E, EM CONTRAPARTIDA, nós temos aqui a mídia independente com a Mídia Ninja, o Brasil de Fato que mostra uma visão mesmo do que o POVO tá vivendo, por exemplo aqui em Minas Gerais tá contando o processo de privatização, na GLOBO a gente não vê privatização de estatal, né? As movimentações do povo quando a gente vai construir um ato, o ato ele vai aparecer onde, na Globo ou no Brasil de Fato?

**(José)** No Brasil de Fato.

**(Heloísa)** Na Globo.

**(José e Heloísa falam simultaneamente)**

**(Jorge)** No Brasil de Fato (risos), porque a Globo não representa o povo brasileiro, não mostra o que de fato o povo quer ver, eles não querem mostrar que está tendo uma GRANDE manifestação em defesa do povo brasileiro, entende? E aí, nós trouxemos aqui essa corda, vou chamar aqui as pessoas, Marcella, burguesia, vai ficar de um lado, trabalhadores, Davi, vai ficar do outro, pode vir também os tubarões da educação, do lado da Marcella, agronegócio também do lado da burguesia e a Malu, mídia hegemônica, do lado da burguesia, do outro lado, dos trabalhadores, vêm os movimentos sociais, os estudantes e a mídia independente, tá faltando alguém, né gente? Onde o governo Lula entra nisso aí?

**(Lilian)** No meio.

**(Jorge)** Isso, no meio, pode vir, Theo, governo Lula, agora, pra qual lado vocês acham que a corda é puxada com mais frequência?

**(Malu)** Pro lado da burguesia (participantes começam a puxar a corda para o lado da burguesia).

**(Jorge)** Isso, aí vocês têm a míiídia internacional, o agronegócio.

**(participantes sorriem e falam de forma cruzada enquanto puxam a corda para o lado da burguesia)**

**(Jorge)** Parou, gente, chega, chega!



**(Luca)** EU SOU RICA AAA!

**(participantes sorriem)**

**(Jorge)** Oh, vamos sério agora.

**(Rosa)** Foco na dinâmica.

**(Jorge)** E como que o Levante vai incendiar nesse lugar, nessa corda bamba? Fala pra gente, Malu.

**(Malu)** Puxando ali, né? (aponta para o lado dos trabalhadores)

**(Jorge)** Puxando, voltando maaais pessoas pra esse lado, né? Para puxar pro governo Lula pro lado dos interesses dos movimentos sociais, dos trabalhadores, é isso.

Quadro 23: Transcrição dos debates – Excerto 8  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

### Excerto 8: A Rede Globo apoiou a ditadura – Elementos cinésicos

1 – 0:15



**(Jorge)** Então era aquela graaande mídia que tava ali distribuindo informação (sinal de aspas com as mãos) para o povo brasileiro contando o lado só apenas dos ditadores [...].

2 – 2:11



**(Jorge)** Onde o governo Lula entra nisso aí?

**(Lilian)** No meio.

**(Jorge)** Isso, no meio, pode vir, Theo, governo Lula (estende o braço na direção de Theo que realiza o gesto da letra “L” com a mão) [...].



3- 2:21



**(Jorge)** [...] pra qual lado vocês acham que a corda é puxada com mais frequência?

**(Malu)** Pro lado da burguesia (participantes começam a puxar a corda para o lado da burguesia).

4 – 2:39



**(Jorge)** E como que o Levante vai incendiar nesse lugar, nessa corda bamba? Fala pra gente, Malu.

**(Malu)** Puxando ali, né? (aponta para o lado dos trabalhadores)

Quadro 24: Excerto 8: A Rede Globo apoiou a ditadura – Elementos cinésicos.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Acerca do excerto destacado acima, considero como relevante apontar, em primeiro lugar, para a configuração a partir da qual o debate foi estruturado. Conforme discorrido no capítulo 3 desta dissertação, os gêneros discursivos não são estanques e não são apenas definidos a partir da forma que tomam nos contextos comunicativos. Há também o papel desempenhado pela esfera discursiva que vai indicar a formulação ou a reformulação de determinado gênero a partir do objetivo comunicativo e de dimensões socioideológicas de determinado contexto (FARACO, 2009). O debate, nesse momento, é atravessado por características de gêneros narrativos como um esquete, por exemplo, em que ocorre uma pequena encenação ou um pequeno teatro.

Jorge, por toda bagagem que possui como militante do Levante, que preza por espaços significativos, didáticos e nem sempre convencionais para debater política, recorre a elementos dinâmicos e utiliza o aspecto espacial de maneira criativa para mediar a discussão sobre a inserção do Levante na conjuntura política, dimensão que possui uma complexidade maior para o entendimento, em especial para os militantes recém-chegados. Dessa maneira, a disposição dos participantes pode ser concebida como um recurso semiótico fundamental para a construção de sentidos acerca dos elementos debatidos.

A divisão das entidades representadas pelos militantes em lados que disputam um jogo de cabo de guerra ilustra, metaforicamente, o conceito marxista de luta de classes (MARX & ENGELS, [1848] 2010). Nesse sentido, há a mobilização também do espectro político esquerda-direita, de modo que as entidades progressistas e revolucionárias são posicionadas no lado esquerdo da corda e as entidades mais conservadoras e liberais, no lado direito. A escolha pela utilização desses recursos semióticos evidenciam a motivação do signo defendida por Kress (2010), uma vez que a produção dos sentidos, para que seja significativa e evidente para os participantes, está condicionada à disposição dos participantes em lados opostos que “disputam” poder a partir de um “cabo de guerra”.

Outros aspectos relevantes a serem destacados no enunciado de Jorge acerca do ponto de vista do Levante em relação às entidades dispostas dentro de um espectro político é a ênfase dada, através da entonação, ao verbo “apoiaram” no trecho “com o exemplo da Globo, é que na época da ditadura eles APOIARAM a ditadura”. Essa marcação realizada por Jorge contribui para descortinar a ideia de que a Globo, atualmente crítica ao regime ditatorial, teria sempre se posicionado dessa forma. Essa postura crítica em relação à emissora é ressaltada também pelo gesto que realiza simulando aspas ao pronunciar a palavra “informação” no trecho “era aquela graaande mídia que tava ali distribuindo informação”. As aspas que acompanham o substantivo sugerem que na verdade não eram informações comprometidas com a verdade que eram distribuídas à população, mas informações que contribuíam para a manutenção da ditadura.

A seguir, Jorge marca a oposição entre a mídia hegemônica – alinhada aos interesses da burguesia – e a mídia alternativa – alinhada aos interesses da classe trabalhadora e dos grupos marginalizados – a partir do operador “em contrapartida”, o qual pronuncia em tom mais elevado, no trecho “EM CONTRAPARTIDA, nós temos aqui a mídia independente com a Mídia Ninja, o Brasil de Fato”. Para sustentar sua posição, exemplifica que questões como privatizações de empresas estatais e atos políticos organizados por movimentos populares são silenciados pelo grande mídia, ao passo que mídias alternativas, como o jornal Brasil de Fato, funcionam como veículos para divulgar esses acontecimentos.

No entanto, essa compreensão acerca das distintas formas de operar da mídia hegemônica e da mídia independente não é consensual entre todos os participantes do grupo. Quando Jorge questiona em qual veículo comunicativo – Globo ou Brasil de Fato – encontraríamos um ato político de movimentos populares sendo noticiado, há discordância entre José e Heloísa. Ambos

são militantes recém-chegados na organização, porém, José é estudante no curso de Comunicação, ao passo que Heloísa é uma ex-estudante secundarista, recém-formada no ensino médio e, por isso, é menos provável que tenha tido contato com estudos mais aprofundados acerca do funcionamento das mídias e seus alinhamentos ideológicos. A diferença de faixa etária entre os dois participantes também pode ser um aspecto significativo, já que a Rede Globo, durante o governo Bolsonaro, promoveu discursos mais alinhados com ideologias progressistas, o que causa um certo “apagamento” de seu alinhamento com interesses liberais para quem começa a fazer parte da vida política de maneira mais ativa recentemente.

Na sequência, Jorge confirma, reiterando a resposta de José, que o Brasil de Fato seria o veículo mais provável de noticiar atos políticos organizados por movimentos populares, uma vez que, em sua perspectiva, não seria de interesse da Globo noticiar manifestações em defesa do povo brasileiro.

Em seguida, Jorge começa a distribuir os participantes em ambos os lados da corda, esquerdo e direito, de acordo com o papel desempenhado por cada entidade representada pelas folhas que foram distribuídas. Nesse momento, Jorge questiona acerca do lugar ocupado pelo governo Lula dentro desse espectro esquerda-direita, Lilian responde “no meio” e Jorge confirma. Nesse trecho, é possível notar que há a compreensão crítica por parte do Levante de que o governo Lula não está posicionado necessariamente a favor da classe trabalhadora, já que há a disputa de interesses entre classes distintas e o governo parece realizar uma mediação entre essas classes, ainda que se coloque enquanto progressista. Isso se deve ao fato, como pontua Jorge, de que a correlação de força tende a ser maior para o lado da burguesia, ou seja, a “corda” tende a ser puxada para os interesses da classe dominante.

No entanto, há entidades que vão cumprir o papel de “puxar” o governo Lula para a esquerda, para os interesses da classe trabalhadora, o que é evidenciado quando Jorge questiona a Malu “como que o Levante vai incidir nesse lugar, nessa corda bamba? Fala pra gente, Malu” e a participante responde, enquanto aponta o dedo, que o Levante atua na correlação de forças “puxando” o governo Lula para a esquerda, o que demonstra uma tomada de posição do Levante frente à conjuntura política: a de construir reivindicações junto aos movimentos sociais, aos estudantes e à classe trabalhadora, requerendo ao governo que tome medidas que beneficiem os trabalhadores e os grupos marginalizados.

Por fim, é significativo destacar também a postura dos mediadores nesse debate, Rosa e Jorge. Apesar de se tratar de uma dinâmica mais fluida e descontraída, os mediadores não deixam de chamar a atenção dos participantes para a seriedade do debate após um momento de dispersão, quando buscam regular o comportamento dos interlocutores nos trechos “Oh, vamos sério agora” e “Foco na dinâmica”. Esses elementos dialogam com a reflexão feita no capítulo 4 de que é equivocada a ideia de que práticas orais seriam caóticas, ao contrário, essas práticas possuem suas próprias formas internas de organização.

| <b>Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Inserção do Levante na conjuntura política nacional”</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aspectos dos debates</b>                                                                                       | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Estrutura dos debates                                                                                             | Tópico principal: Posicionamento do Levante na conjuntura política nacional; mescla entre gênero debate e gêneros narrativos como esquete; sobreposições entre os turnos de fala.                                                                                            |
| Estratégias argumentativas                                                                                        | Utilização de metáforas visuais, como a corda representando a luta de classes; exemplificação com casos concretos (noticiários sobre atos políticos e privatizações); perguntas direcionadas aos participantes para provocar reflexões; Entonação elevada em palavras-chave. |
| Operadores argumentativos e modalizadores discursivos destacados                                                  | Operadores como “EM CONTRAPARTIDA” para marcar oposição.                                                                                                                                                                                                                     |
| Recursos multimodais utilizados                                                                                   | Gestos como simular aspas; disposição espacial dos participantes em lados opostos; utilização de símbolos como a corda para representar correlação de força; papéis com escritos representando entidades.                                                                    |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados                                        | Crítica à Globo por seu alinhamento histórico com interesses ditatoriais e liberais; defesa da mídia independente como veículo alinhado aos interesses populares; reconhecimento da posição ambígua do governo Lula no espectro político;                                    |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                     |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                 | apontamento da mídia hegemônica como silenciadora de pautas populares e dos movimentos sociais; posicionamento do Levante à esquerda e a favor dos direitos da classe trabalhadora.                                                 |
| Tensões e conflitos discursivos | Divergência entre José e Heloísa sobre qual veículo noticiaria atos populares, refletindo diferentes perspectivas sobre o funcionamento da mídia, além da diferença geracional e de formação acadêmica entre os dois participantes. |

Quadro 25: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Inserção do Levante na conjuntura política nacional”.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em seguida, apresento a análise de 2 excertos gerados no momento em que nos dedicamos ao debate acerca da noção de “território”.

### 5.2.3 O QUE É TERRITÓRIO?

Conforme apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, a estruturação do Levante é realizada a partir de frentes de atuação, sendo uma delas a frente territorial, em que o movimento organiza sua atuação nos bairros. Depois da realização da apresentação do Levante, que se deu na parte da manhã, foi destinado um espaço para que pudéssemos realizar o debate acerca da composição da frente territorial em Juiz de Fora. Para isso, Paulinho e eu optamos por explorar as compreensões dos participantes em torno da palavra “território”, por compreendermos essa investigação como um ponto de partida ou mesmo um norte para guiar as ações desenvolvidas pela militância nessa frente de atuação.

Assim, distribuimos canetas aos participantes e solicitamos que escrevessem, em uma cartolina, uma palavra, uma frase ou mesmo fizessem um desenho que melhor representasse seus entendimentos individuais acerca da noção de território. Depois, os participantes foram convidados a comentar sobre suas definições.

No entanto, enquanto os participantes iam até a cartolina, o que poderia ser considerado uma “conversa paralela” trouxe à tona pontos de vista distintos envolvendo tópicos como racismo e homofobia, motivos pelos quais optei por não descartar esse momento que se configurou como

um debate significativo em relação a como os participantes se posicionam diante de situações de discriminação e mesmo como enxergam os efeitos de sentido de determinados enunciados.

### **Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude**

#### **Excerto 9: “Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA”**

**(Luca)** Sua bota é do exército, né?

**(Rosa)** Vegana.

**(Luca)** Que que é vegana?

**(Rosa)** Que não tem nada de origem animal.

**(Luca)** Sem graça!

**(Paulinho sorri)**

**(Rosa)** E faz muito barulho.

**(Luca)** É BIZARRO, parece uma vaca mugindo.

**(Paulinho e Luca sorriem)**

**(Luca)** Eu vou comprar um SAPATÃO mesmo, uma botina, de couro de veado.

**(Levi sorri excessivamente)**

**(Levi)** Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA (realiza gesto com a mão que indica algo primoroso), eu acho que abrange muitas minorias e DEFINE diversidade, é isso!

**(Luca)** Mas eu tô falando do veado animal.

**(todos sorriem)**

**(Levi)** Ué, mas somos todos.

**(Luca)** Aí cê me quebra! Não, aí ele usou um argumento para o meu argumento se tornar ofensivo para uma minoria.

**(Levi)** Não, é porque é representatiiiivo! Tô aqui falando por vivências (risos), SAPATÃO DE COURO DE VEADO! (movimenta as mãos para a cima)

**(todos sorriem e falam de forma inter cruzada)**

**(Luca)** Tinha uma menina na minha antiga sala magrinha e ela é mais escura que eu, não fui, NÃO FUI EU que botei o apelido, EU JURO (direciona as mãos para próprio peito)!

**(Paulinho)** PARA A GRAVAÇÃO!

**(Luca)** As pessoas chamavam ela de esqueleto whiter, cê já viu? Um esqueleto do minecraft que ele é preto.

**(Levi)** É um tipo de reprodução...

**(Luca)** MENTIRA, ela me chamava de barril de petróleo, Tim Maia do inferno...

**(Levi)** Já me chamaram de (inaudível).

**(Paulinho)** Mas o racismo na escola ele aparece sempre como um racismo recreativo e aí o que MAIS ACONTECE é pessoas PRETAS e mais retintas e aí tipo que pra zoar o outro pra tirar essa DOR de você e passar a se tornar algo sobre o outro...

**(Luca)** Mas sabe, sabe aquele...

**(Paulinho)** Quando você ZOA outra pessoa preta pra você por algum momento se sentir que você não pertence.

**(Luca)** Mas sabe qual a diferença LITERALMENTE entre o racismo e a zoeira? Uma coisa que eu consigo diferenciar que tipo assim, é, deixa eu ver uma pessoa que eu tenho uma conexão forte, por exemplo a Lis, vou usar a Lis, eu chamo a Lis de Tonhão, você se sente ofendida? (direciona o olhar na direção de Lis enquanto realiza a pergunta)

**(Lis faz gesto sutil de negação com a cabeça)**

**(Luca)** Se ela se sentisse ofendida se eu chamasse ela de Tonhão e sabendo disso, falasse, aí sim poderia se tornar, por exemplo, racismo, nesse caso, homofobia.

**(Paulinho)** Então, mas é uma linha muito tênue, tem termos que eles são ofensivos independente da forma que você fala deles, então... e tem termos que são ressignificados, por exemplo, CRIOLO é uma palavra muito ofensiva e ele pegou (referindo-se ao artista Criolo) e colocou como nome do rapper, o rapper é crioulo, por exemplo, ele ressignificou a palavra crioulo, mas se você chamar uma pessoa na escola de crioulo, muito provavelmente, mesmo que essa pessoa seja sua amiga, você tá REPRODUZINDO um termo racista e aí, por exemplo, o Jorge vira pro Luis e chama ele de bicha, é diferente de uma pessoa hetero virar e chamar uma outra pessoa de bicha, mesmo que você não tá querendo ofender outra pessoa...

**(Luca)** Pode ofender a pessoa.

**(Paulinho)** O contexto que isso traz é ofensivo, a LÍNGUA, né? Ela é uma forma também de... de domínio, de poder, né? Então a gente ter o cuidado com a linguagem é também lutar contra o racismo, contra a homofobia.

**(Luca)** É, eu acho que tipo assim, apesar dessa diferença entre zoeira e uma coisa que foi falada pra ofender é que elas ofendem, entendeu? Só que uma é DELIBERADAMENTE PRA ISSO e a outra é como se falou, de uso recreativo, entendeu?

**(Davi)** Posso dar minha opinião sobre isso?

**(Rosa e Jorge)** Claro!

**(Davi)** Eu acho que tipo assim, eu acho que a gente experiencia isso não só na escola, mas principalmente em casa que é essa questão tipo assim "ah, eu só falo com ele porque a gente tem intimidade e isso pode acontecer", cara, se você falar isso com uma pessoa que você não tem intimidade, a pessoa não leva isso pra brincadeira, mas se você fala isso com alguém que tem intimidade a pessoa leva isso na brincadeira, eu acho que hoje em dia o pessoal usa a desculpa de "ah, é intimidade", usa intimidade só pra poder velar o que ele realmente quer dizer, sabe? Tipo eufemismo, um eufemismo inconsciente...

**(Jorge)** Boa, boa.

**(Davi)** É o que acontece.

**(Jorge)** Matou, gente.

**(Luca)** Eu descobri que agora eu literalmente eu virei... deixa quieto! Não quero ser cancelado, não.

**(Davi)** Não, não é querendo falar nada direto pra você.

**(Luca)** Não, pô, eu acabei de descobrir que eu fiz homofobia, gordofobia, xenofobia... (risos)



(Todos sorriem)

(Luca) AUTOcrítica.

(Rosa) Não, então, tá fazendo a crítica e a autocrítica (mostra o papel com o princípio da crítica e autocrítica) e tá aprendendo.

(Luca) Ah, boa, você é um gênio.

Quadro 26: Transcrição dos debates – Excerto 9.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

**Excerto 9: “Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA” – Elementos cinésicos**

**1 – 3:12**



(Levi) Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA (realiza gesto com a mão que indica algo primoroso), eu acho que abrange muitas minorias e DEFINE diversidade, é isso!

**2 – 3:35**



(Levi) Tô aqui falando por vivências (risos), SAPATÃO DE COURO DE VEADO! (movimenta as mãos para a cima)

**3- 4:07**



**4 – 4:39**



|                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>(Luca)</b> NÃO FUI EU que botei o apelido, EU JURO! (direciona as mãos para próprio peito)</p>                                                                                                                                           | <p><b>(Luca)</b> você se sente ofendida? (direciona o olhar na direção de Lis enquanto realiza a pergunta)</p>                                                                                                                                             |
| <p><b>5 – 5:58</b></p>  <p><b>(Davi)</b> Eu acho que tipo assim, eu acho que a gente experiencia isso não só na escola, mas principalmente em casa [...].</p> | <p><b>6 – 6:50</b></p>  <p><b>(Rosa)</b> Não, então, tá fazendo a crítica e a autocrítica (mostra o papel com o princípio da crítica e autocrítica) e tá aprendendo.</p> |

Quadro 27: Excerto 9: “Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA” – Elementos cinésicos.  
 Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Enquanto os participantes se deslocam pelo espaço para ir até a cartolina, Luca observa que a bota de Rosa faz barulho ao caminhar e pergunta “Sua bota é do exército, né?”, o que gera um incômodo em Rosa, já que prontamente responde “Vegana”, em busca de tentar desvencilhar um acessório que poderia remeter a uma entidade autoritária e descolada do contexto de um movimento social, como o exército. Ao responder “Vegana”, a participante contrapõe o campo semântico/ideológico da pergunta de Luca ao situar suas escolhas de vestimentas em perspectivas críticas, como o veganismo, modo de vida que busca excluir, na medida do possível, produtos de origem animal, por compreender ser esse um sistema que explora a vida animal.

Luca, no entanto, parecia não estar familiarizado com o significado da palavra e pergunta “Que que é vegana?”, e Rosa prontamente responde “Que não tem nada de origem animal”. A partir desse ponto, Luca evidencia uma posição contrária a de Rosa ao dizer “Sem graça!”, enunciado seguido por uma risada de Paulinho. Pelo modo como Luca conduz a discussão a seguir, a risada de Paulinho parece funcionar como um reforço às colocações de Luca, já que continua insistindo, em tom irônico, em contrapor o ponto de vista de Rosa ao dizer “É BIZARRO, parece uma vaca mugindo” e “Eu vou comprar um SAPATÃO mesmo, uma botina, de couro de veado”.

Nesses trechos, Luca realiza um jogo polissêmico com as palavras “sapatão” e “veado”, e o duplo sentido das palavras – sapatão como um sapato grande ou termo utilizado para fazer referência, com frequência de modo ofensivo, a pessoas do gênero feminino homoafetivas e veado, podendo designar o animal ou também pessoas do gênero masculino homoafetivas de modo ofensivo – suscita uma reação por parte dos participantes. Em seguida, Levi sorri excessivamente e enuncia “Essa fala foi MUITO SIMBÓLICA, eu acho que abrange muitas minorias e DEFINE diversidade, é isso!”.

De acordo com Bakhtin ([1929] 2016), cada enunciado é orientado responsivamente às falas anteriores e dialogicamente aberto às subsequentes. Por exemplo, quando Levi afirma, em tom mais elevado e gesticulando as mãos para cima, que a fala de Luca é “MUITO SIMBÓLICA” e a conecta à diversidade, ele transforma o enunciado inicial de Luca (“um SAPATÃO mesmo, uma botina, de couro de veado”) em algo que transcende o contexto literal mais imediato. A resposta subsequente de Luca, ao insistir no sentido literal – “Mas eu tô falando do veado animal” – demonstra uma tensão entre diferentes leituras e interpretações, o que evidencia as várias camadas de significado exploradas pelos participantes nesse momento.

É interessante notar que, logo em seguida, Luca busca reforçar que as escolhas lexicais feitas pelos vocábulos “sapatão” e “veado” possuem sentido literal em sua fala e que não devem ser compreendidas em tom pejorativo (“Aí cê me quebra! Não, aí ele usou um argumento para o meu argumento se tornar ofensivo para uma minoria.”), ainda que Levi, em nenhum momento, tenha enquadrado sua fala como ofensiva, reforçando que entende seu enunciado como representativo por questões subjetivas e pessoais, já que Levi faz parte da comunidade LGBTQIA+ (“Não, é porque é representativo! Tô aqui falando por vivências, SAPATÃO DE COURO DE VEADO!”). A postura defensiva de Luca evidencia que ele estava ciente do duplo sentido gerado pela sua enunciação e que poderia soar ofensivo.

Na sequência, Luca segue explorando as tensões entre o que é ofensivo e o que não é, utilizando como exemplo uma vivência pessoal de quando era estudante (“Tinha uma menina na minha antiga sala magrinha e ela é mais escura que eu, não fui, NÃO FUI EU que botei o apelido, EU JURO!”). Nesse momento, Luca se apressa em dizer que não foi ele que atribuiu o apelido antes mesmo de dizer qual é, já indicando que se tratava de algo ofensivo, aumentando a entonação ao dizer “NÃO FUI EU” e ao pronunciar o performativo explícito “EU JURO”, direcionado as mãos para o próprio peito. A articulação entre esses três modos, o verbal, a entonação e os elementos

cinésicos, entra em cena para construir a posição do participante. Paulinho interrompe o turno de fala de Luca ao dizer, em tom de humor, “PARA A GRAVAÇÃO!”, indicando certo receio do que poderia ser dito e tendo em vista que o contexto estava sendo, de certa forma, monitorado pela gravação do espaço, ainda que os participantes já se mostrassem à vontade com a câmera.

Depois da interrupção de Paulinho, Luca evidencia que o apelido atribuído à sua colega de classe (“esqueleto whiter”) possuía aspectos ofensivos de cunho racial, o que Levi vai caracterizar como uma reprodução de práticas racistas (“É um tipo de reprodução...”). Prontamente, Luca se coloca novamente em uma postura defensiva ao dizer que também era alvo de racismo (“MENTIRA, ela me chamava de barril de petróleo, Tim Maia do inferno...”). O termo “MENTIRA”, pronunciado em tom elevado pelo participante, busca contrapor a posição de Levi de que Luca estaria reproduzindo racismo, já que também era alvo do mesmo tipo de discriminação.

Paulinho faz uma intervenção nesse momento dizendo que a reprodução do racismo no ambiente escolar possui um caráter “recreativo”, já que, em sua perspectiva, com frequência pessoas negras, em uma tentativa de minimizar o próprio sofrimento advindo da discriminação racial instituída e propagada pela branquitude (BENTO, 2002), passam a reproduzir o racismo (“o que MAIS ACONTECE é pessoas PRETAS e mais retintas e aí tipo que pra zoar o outro pra tirar essa DOR de você e passar a se tornar algo sobre o outro...”).

Nesse momento, Luca interrompe o turno de Paulinho para colocar sua perspectiva acerca dos fatores que contribuem para que determinado discurso possa ser considerado ofensivo ou não (“Mas sabe qual a diferença LITERALMENTE entre o racismo e a zoeira? Uma coisa que eu consigo diferenciar que tipo assim, é, deixa eu ver uma pessoa que eu tenho uma conexão forte, por exemplo a Lis, vou usar a Lis, eu chamo a Lis de Tonhão, você se sente ofendida?”). A utilização do advérbio modalizador “LITERALMENTE”, em especial com o relevo na entonação com que é pronunciado, confere um tom de certeza à posição de Luca quanto a diferença entre racismo e brincadeira. Em sua perspectiva, o nível de proximidade e intimidade entre os interlocutores que será o marcador para que determinado enunciado seja configurado como ofensa ou como brincadeira. Para sustentar sua posição, Luca recorre a Lis, com quem possui uma relação de amizade para além da militância, questionando-a se se sentiria ofendida caso ele a chamasse de “Tonhão” (termo comumente direcionado a mulheres lésbicas e, com frequência, para ofender). No entanto, a tentativa de confirmar seu ponto de vista não é bem-sucedida, já que Lis apenas

realiza um balanço tímido de negação com a cabeça, indicando que provavelmente o termo soa ofensivo para ela ou que simplesmente não concorda com as colocações de Luca.

Nesse momento, Paulinho faz uma intervenção novamente afirmando que não é tão simples distinguir o que é brincadeira do que é ofensa (“Então, mas é uma linha muito tênue, tem termos que eles são ofensivos independente da forma que você fala deles”), indicando que há termos que ultrapassam a intenção – dimensão, inclusive, que não se pode acessar de forma transparente – do enunciador, o que evidencia a função social e ideológica da linguagem. A partir desse ponto, Paulinho ressalta também que termos podem ser ressignificados, como no exemplo do *rapper* Criolo (“o rapper é crioulo, por exemplo, ele ressignificou a palavra crioulo, mas se você chamar uma pessoa na escola de crioulo, muito provavelmente, mesmo que essa pessoa seja sua amiga, você tá REPRODUZINDO um termo racista”), mas que, no ambiente escolar, o termo provavelmente será caracterizado como ofensivo e se configurará como uma reprodução do racismo, ponto de vista que destaca ao elevar o tom na pronúncia do verbo “REPRODUZINDO”. Inclusive, nesse instante, Paulinho realiza uma reflexão metalinguística sobre o papel da língua na manutenção relações de poder e sistemas de opressão (“a LÍNGUA, né? Ela é uma forma também de... de domínio, de poder, né? Então a gente ter o cuidado com a linguagem é também lutar contra o racismo, contra a homofobia”). Nesse ponto, o participante dialoga com Nunes e Silva (2022) ao sinalizar para a possibilidade de utilizar a língua como ferramenta antirracista.

A partir desse ponto, Luca começa a rever sua posição (“É, eu acho que tipo assim, apesar dessa diferença entre zoeira e uma coisa que foi falada pra ofender é que elas ofendem, entendeu? Só que uma é DELIBERADAMENTE PRA ISSO e a outra é como se falou, de uso recreativo, entendeu?”). O participante reconhece que mesmo que haja intenções distintas entre enunciados que são produzidos propositalmente para ofender e enunciados produzidos em tom de brincadeira, ambos são ofensivos, tendo em vista o caráter ideológico da linguagem.

Davi traz à tona outro aspecto significativo acerca do parâmetro para medir ofensa e brincadeira a partir do nível de intimidade. Em sua perspectiva, a intimidade é utilizada como um mecanismo para velar ou suavizar o racismo (“eu acho que hoje em dia o pessoal usa a desculpa de ‘ah, é intimidade’, usa intimidade só pra poder velar o que ele realmente quer dizer, sabe? Tipo eufemismo, um eufemismo inconsciente...”). Enquanto fala, seu olhar é direcionado majoritariamente para Paulinho, escolha que pode ter sido motivada por encontrar em Paulinho

um ponto de vista semelhante ao seu. Jorge mostra acordo com sua posição em “Boa, boa” e “Matou, gente.”

Nesse momento, Luca faz uma autorreflexão e problematiza seu ponto de vista (“Eu descobri que agora eu literalmente eu virei... deixa quieto! Não quero ser cancelado, não.”), no entanto, receia em elaborá-la em voz alta pelo possível “cancelamento”, ideia que se popularizou nos meios digitais como uma forma de “boicote” ou responsabilização de pessoas com comportamentos considerados inadequados. Apesar disso, o próprio participante reconhece que se trata de um processo de autocrítica, percepção que é confirmada por Rosa quando sinaliza que não se trata de cancelar ou boicotar ninguém, mas sim de um espaço para reflexão e possibilidade de realizar autocrítica (“Não, então, tá fazendo a crítica e tá aprendendo”), enunciado que produz enquanto mostra o papel que contém o escrito “crítica e autocrítica”, um valor mantido pela organização e discutido anteriormente no debate sobre “Princípios e valores da organização”.

Esse momento final, em que Luca menciona “descobri que fiz homofobia, gordofobia, xenofobia...”, seguido por uma reflexão sobre o processo de “crítica e autocrítica” traduz o ethos coletivo do grupo, que valoriza a autorreflexão e o compartilhamento de opiniões como um mecanismo de aprendizado e transformação. Bakhtin e Volóchinov ([1929] 2017) argumentam que os sujeitos são constituídos nas interações sociais, e essa passagem ilustra como a troca de pontos de vista possibilita revisões de posições e a emergência de novas compreensões.

| Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” |                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Excerto 9                                                                  |                                                                                                                                                                     |
| Aspectos dos debates                                                       | Descrição                                                                                                                                                           |
| Estrutura dos debates                                                      | Tópicos principais: utilização de termos ofensivos, racismo e homofobia; alternância, interrupções e sobreposições de turnos de fala; participantes em semicírculo. |
| Estratégias argumentativas                                                 | Exemplos e vivências pessoais para sustentar pontos de vista; relevo na entonação de palavras-chave.                                                                |
| Operadores argumentativos e modalizadores discursivos destacados           | Advérbio modalizador “LITERALMENTE”; performativo explícito “EU JURO”.                                                                                              |



|                                                                            |                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Recursos multimodais utilizados                                            | Elementos cinésicos como gestos, expressões faciais e direcionamento de olhares; escritos de crítica e autocrítica.                                                                                                       |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados | Reforço de escolhas éticas e críticas como o veganismo; linguagem como instrumento de poder; nível de intimidade como forma de velar discriminação; crítica e autocrítica como processos fundamentais para o aprendizado. |
| Tensões e conflitos                                                        | Disputa de sentidos literais e conotativos a partir dos termos "sapatão" e "veado"; divergências sobre o papel da intimidade e da intenção como parâmetros para definição de ofensa.                                      |

Quadro 28: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” - Excerto 9.  
 Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Terminadas as discussões acerca dos tópicos acima e depois de todos os participantes terem ido até a cartolina, demos sequência ao debate acerca das concepções de território. A fotografia abaixo é um registro dos escritos feitos pelos participantes.

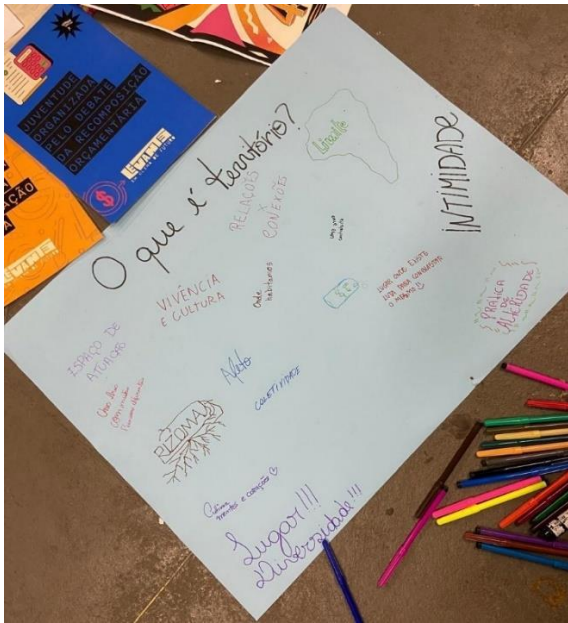


Figura 11: Escritos na cartolina acerca da noção de território pelos participantes.  
 Fonte: Acervo pessoal da autora (2024)

### Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude

#### Excerto 10: “Relações e conexões”

**(Marcella)** Vamos lá, então, gente, vou lendo o que cada um escreveu e aí vocês vão comentando, é... “uma área controlada”.

**(Lis)** É porque eu acho que tipo assim, se for o meu território vai ser um lugar que eu posso controlar por ser meu, é isso.

**(Marcella)** “Limite”, com um mapa desenhado.

**(Angela)** Fui eu que desenhei, quando eu penso em território eu penso muito naquele mapa que eu aprendi quando eu tava na escola, dos limites que tem cada território e são divididos por uma linha, cada território é dividido por uma linha e cada linha delimita o SEU lugar.

**(Marcella)** “Relações e conexões”.

**(Theo)** Fui eu, é... território ele vai partir de umas questões de relações, relações de poder, relação de tempo e espaço e essas relações, né? Elas se colocam a partir de uma conexão, é toda uma REDE, o território é aquela rede, né? Ele pode ter um limite, mas ao mesmo tempo ele pode ter outras abrangências e isso se encontra no que está presente dentro desse território.

**(Marcella)** “Intimidade”.

**(Joca)** É... ela falou lá área dominada (direciona o olhar para Lis), né? Eu lembrei da última vez que eu fiz isso daí que eu escrevi domínio e aí... é uma neurose muito doida porque quando eu penso em território, eu penso... talvez um lugar seja mais apropriado, um lugar que você conhece as paradas, que você sabe onde você pode chegar pra conseguir as coisas, mas na época que eu escrevi, eu não gostei tanto do termo, hoje eu acho que cabe mais intimidade, você tem intimidade com a realidade que você tá, é isso.

**(Marcella)** “Lugar onde existe luta para conquistar o mesmo”.

**(Davi)** Fui eu, quando eu penso em território passa tipo aqueles filmezinhos que passam na sua cabeça, cowboy, aí vem índio, vem a diáspora africana, então eu acho que é isso, é o tempo todo o pessoal lutando pra conquistar o que é deles.

**(Marcella)** “Prática de alteridade”.

**(Lélia)** Toda vez que eu penso em território, eu penso em prática de alteridade, por quê? É quando a gente tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, então sempre foi nós por nós sem aquele joguinho de egocentrismo, porque se não formos nós por nós mesmos, quem será? Então isso também envolve questão de SOBREVIVÊNCIA.



**(Marcella)** “Rizoma”.

**(Levi)** Veio de um lugar mais da poesia, mas a ideia não é original minha, eu lembrei, quando eu comecei a refletir, da ideia de hierarquia geográfica e tem a ver com relações e conexões, tem a ver com geografia e é essa ideia que difere da que a gente tá acostumado que é vertical, então pensar numa hierarquia que é uma rede de contato, mas não necessariamente centralizada, mas com conexões que dependendo do ponto aquilo recebe a comunicação a partir da forma que ela tá conectada, então também tem a ideia de cosmos e semente, né? A palavra mesmo, a etimologia vem de raiz, então pensar que tem a ver com semente que vai guiar e abranger o lugar.

**(Marcella)** “Coletividade”.

**(Paulinho)** Fui eu que botei essa, é... eu penso em coletividade porque eu acho que não tem como pensar em território sem pensar pra além de uma só pessoa, a pessoa pode pegar o cimento, a areia, construir a própria casa, mas ela não é capaz de construir o território sozinha, então quando a gente fala de território, a gente necessariamente tá falando de coletividade, e aí o LEVANTE é muito bom ver que nas questões, sempre quando trazem de território, a gente associa muito território à periferia, né? Porque é principalmente onde o Levante atua ou de onde o Levante vem e nasce, né? E é muito louco quando a gente fala de coletividade porque a gente percebe que no território que a gente atua, quando a gente tá na periferia, a gente vê que existe uma coletividade muito mais presente que não existe, por exemplo, numa área central, numa área mais nobre da cidade, então a coletividade, ela tá tanto no território periférico, de forma mais presente e a FALTA de coletividade também tá muito presente no território que predominantemente pessoas mais ricas, de direita, mais conservadoras estão também, então pensar essa dicotomia, né? De que território é construído por coletividade, mas tem territórios que recusam essa coletividade e supervalorizam esse individualismo.

Quadro 29: Transcrição dos debates – Excerto 10.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

É possível observar, no excerto acima, que a noção de território não é dada pelos mediadores da discussão (Paulinho e eu). Ao contrário, queríamos possibilitar aos participantes que compartilhassem seus pontos de vista para que assim pudéssemos ter uma compreensão mais abrangente e plural do termo. Nesse caso, os escritos na cartolina configuram-se como um recurso semiótico potencializador da construção de sentidos, já que, a partir deles, os participantes puderam retomar e orientar seus enunciados, o que evidencia como práticas escritas e orais frequentemente interagem umas com as outras e mesmo mesclam-se umas às outras (MARCUSCHI, 2010).

Apesar de cada participante ter elaborado previamente sua concepção acerca da palavra território, é interessante notar como essas compreensões são postas em relação dialógica com as dos demais interlocutores, como no caso de Joca, que retoma o enunciado de Lis para elaborar sua própria noção de território: “É... ela falou lá área dominada (direciona o olhar para Lis), né?”. Joca evidencia, nesse momento, que sua noção de território relaciona-se com a de Lis, mas que, em sua segunda vez realizando a dinâmica – que também havia sido realizada no ano anterior – ele pode rever seu ponto de vista e encontrar uma definição que melhor se encaixasse na sua compreensão acerca do termo (“mas na época que eu escrevi, eu não gostei tanto do termo, hoje eu acho que cabe mais intimidade, você tem intimidade com a realidade que você tá, é isso”). Dessa forma, é possível perceber que a visão de território como uma “área controlada”, colocada por Lis, diverge da atual compreensão de Joca pelo fato do participante entender que é a intimidade que vai contribuir para o conhecimento e o possível controle do espaço (“um lugar que você conhece as paradas, que você sabe onde você pode chegar pra conseguir as coisas”).

Angela, por outro lado, demonstra que sua perspectiva acerca de território é constituída por noções mais formais e objetivas advindas do processo de escolarização (“quando eu penso em território eu penso muito naquele mapa que eu aprendi quando eu tava na escola, dos limites que tem cada território e são divididos por uma linha”). Na sequência, Theo expressa que sua compreensão acerca de território está mais voltada para as relações que nele são constituídas, o que, em sua perspectiva, forma uma rede, termo ao qual confere ênfase na entonação (“território, ele vai partir de umas questões de relações, relações de poder, relação de tempo e espaço e essas relações, né? Elas se colocam a partir de uma conexão, é toda uma REDE, o território é aquela rede, né?”). Em sua perspectiva, território pode até ter um limite, aspecto que retoma do enunciado de Angela fazendo um contraponto. No entanto, são as relações desenvolvidas dentro de determinado limite é que vão caracterizar um território (“Ele pode ter um limite, mas ao mesmo tempo ele pode ter outras abrangências e isso se encontra no que está presente dentro desse território”). Nesse trecho, o operador argumentativo “mas” marca uma oposição à perspectiva de território como apenas limite, de acordo com Angela.

Davi entende território como um espaço de luta e recorre à exemplificação, a partir de produções audiovisuais, que evidenciam a disputa entre grupos distintos por determinado espaço (“quando eu penso em território passa tipo aqueles filmezinhos que passam na sua cabeça, cowboy, aí vem índio, vem a diáspora africana, então eu acho que é isso, é o tempo todo o pessoal lutando

pra conquistar o que é deles”). Sua perspectiva dialoga com o ponto de vista de Lélia, que na sequência aponta território como “prática de alteridade”, em que a relação com o outro e o cuidado com o outro é o que vai garantir a “sobrevivência” – conferindo ênfase na entonação ao pronunciar o termo – de determinado grupo, grupo do qual se coloca como parte ao utilizar o pronome “nós” (“É quando a gente tem a capacidade de se colocar no lugar do outro, então sempre foi nós por nós sem aquele joguinho de egocentrismo, porque se não formos nós por nós mesmos, quem será? Então isso também envolve questão de SOBREVIVÊNCIA”).

Para Levi, a noção de território se assemelha à construção de um rizoma, escrito que registra na cartolina junto a representações de raízes. Resgatando a perspectiva de Theo, Levi pontua que sua compreensão acerca do termo também se relaciona à ideia de relações e conexões e de uma certa “hierarquia geográfica”. Contudo, essa hierarquia não é vista como algo vertical e central, como pontua através do operador “mas”, estabelecendo um contraponto à noção mais comumente difundida sobre o termo (“ideia de hierarquia geográfica e tem a ver com relações e conexões, tem a ver com geografia e é essa ideia que difere da que a gente tá acostumado que é vertical, então pensar numa hierarquia que é uma rede de contato, mas não necessariamente centralizada”).

Em relação a Paulinho, um aspecto significativo a ser ressaltado é a distinção que faz entre a noção de coletividade, termo que utiliza como síntese de sua compreensão acerca da noção de território, em regiões periféricas e regiões mais centrais. De acordo com Paulinho, a noção de coletividade está sempre intrínseca ao conceito de território quando este é abarcado pelo Levante, ponto de vista que é marcador pelo modalizador deôntico “necessariamente”: “então quando a gente fala de território, a gente necessariamente tá falando de coletividade”. No entanto, ao pensar em território a partir de outras perspectivas, o coletivo nem sempre aparece como um aspecto fundamental. Paulinho utiliza o termo “FALTA” para contrastar territórios periféricos com territórios mais nobres, apontando para a ausência de coletividade nos últimos (“quando a gente tá na periferia, a gente vê que existe uma coletividade muito mais presente que não existe, por exemplo, numa área central, numa área mais nobre da cidade, então a coletividade, ela tá tanto no território periférico, de forma mais presente e a FALTA de coletividade também tá muito presente no território que predominantemente pessoas mais ricas, de direita, mais conservadoras”). A elevação do tom de voz ao pronunciar “FALTA” enfatiza uma crítica social relacionada à diferença entre classes sociais e busca engajar os demais interlocutores no reconhecimento dessa dicotomia.

| Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” |                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Excerto 10                                                                 |                                                                                                                                                                                                           |
| Aspectos dos debates                                                       | Descrição                                                                                                                                                                                                 |
| Estrutura dos debates                                                      | Tópico principal: concepção de “território”; mediação realizada a partir da leitura de registros prévios em cartolina; respeito aos turnos de fala sem sobreposições; participantes em semicírculo.       |
| Estratégias argumentativas                                                 | Retomada e contraposição de falas de outros participantes; exemplificação (como filmes); uso de analogias (como rizoma); ênfase entonacional em palavras específicas (“REDE”, “SOBREVIVÊNCIA”, “FALTA”).  |
| Operadores argumentativos e modalizadores discursivos destacados           | Operador “mas” (contraposição, oposição de ideias); Modalizador deôntico “necessariamente”.                                                                                                               |
| Recursos multimodais utilizados                                            | Registros escritos e imagéticos em cartolina; elementos cinésicos (direcionamento do olhar de Joca para Lis).                                                                                             |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados | Território como um fenômeno multifacetado que envolve dimensões como relações de poder, conexões sociais, limites físicos, intimidade, alteridade e coletividade.                                         |
| Tensões e conflitos                                                        | Tensão entre visões de território como limite físico (formal) e como um espaço de relações e conexões; disputa de sentidos acerca da noção de território a partir das ideias de controle e de intimidade. |

Quadro 30: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “O que é território?” – Excerto 10.  
 Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Com o término da discussão acerca da frente territorial, encerramos os debates do dia com uma confraternização e demos sequência ao espaço de planejamento no dia seguinte, conforme apresentado a seguir.

## 5.2.4 INSTITUCIONALIDADE E ELEIÇÕES MUNICIPAIS

O debate acerca da atuação do Levante na institucionalidade e sua participação nas eleições municipais, que ocorreu no segundo dia do Planejamento Municipal, foi conduzido majoritariamente por Santiago, tendo em vista seu lugar de atuação nos espaços da política institucional em Juiz de Fora. O objetivo central da discussão era identificar, de maneira coletiva, a conjuntura política municipal e apontar caminhos para a posição e para a atuação do Levante nesse contexto durante o ano de 2024 e, principalmente, no período eleitoral.

### Excertos dos debates – Planejamento Municipal do Levante Popular da Juventude

#### Excerto 11: “a gente tem que se COMPROMETER”

**(Santiago)** Qual é o cenário que a gente tem agora pra eleição? Primeiro é entender que a institucionalidade não é pri-o-ri-da-de do Levante, a institucionalidade é um braço, uma frente, a gente não sabe ainda como chamar isso como Levante, mas ela é uma ferramenta de atuação política do Levante, a gente prioriza ainda o trabalho de base nos bairros, nas escolas, a nossa relação com os movimentos populares do nosso campo e a institucionalidade a gente acha importante porque a gente consegue atuar politicamente em políticas públicas que vão MELHORAR a vida da juventude da classe trabalhadora na cidade, então a gente não secundariza e, nessa eleição, mais uma vez a gente vem pra fazer esse debate da necessidade do Levante enquanto movimento, maior movimento de juventude, que assim permanece aqui em Juiz de Fora, de participar da eleição com essa intencionalidade de fazer acordos políticos, determinar um apoio e que a gente saia vitorioso, ou seja, a gente tem que mostrar força pra esse candidato, coisa que a gente já consegue fazer E a gente tem que se COMPROMETER pra que esse candidato QUE O LEVANTE VAI APOIAR, que a gente não só apoie, mas também consiga construir o programa de eleição e saia vitorioso da cidade, né? Não é só apoiar um candidato (bate nas costas da mão), "ah, vou lá no dia 6 votar", não, a gente vai assumir um compromisso de colocar nossa militância (movimenta as mãos para baixo) pra eleger aquele candidato ou aquela candidata, e aí dando esse panorama, gente, eu vou passar por fala <sup>16</sup>pra gente debater, aí qual que é o ponto pra gente ir pros encaminhamentos? É levantar o debate porque a gente TEM que sair daqui hoje com uma indicação de apoio pra que a gente faça conversas com esses candidatos ou com essas candidatas pra amarrar esse apoio, pra preparar esse apoio às pré-candidaturas e aí a dinâmica que eu queria propor é que cada um falasse o que que uma candidata ou candidato precisa ter pra gente apoiar, bota fê<sup>17</sup>? Aí eu queria fazer essa proposta, Jorge (direciona a mão em sinal de chamamento na direção de Jorge), uma palavra.

<sup>16</sup> Isto é, conduzir a discussão a partir da participação de cada participante.

<sup>17</sup> A expressão “botar fê” é utilizada por determinados grupos de jovens e geralmente possui o sentido de “compreende o que estou dizendo?”, quando inserida em enunciados interrogativos.

**(Jorge)** Não, só uma palavra eu não consigo.

**(Santiago)** Não, mas a proposta é essa, é a dinâmica.

**(Jorge)** Deixa eu pensar... representar a juventude.

**(Lélia)** Disponibilizar verba pra gente.

**(Luan)** Educação.

**(Davi)** Empatia.

**(Rosa)** Ter uma relação orgânica com a gente.

**(Paulinho)** Questão racial.

**(Levi)** Diversidade.

**(Theo)** Saúde.

**(Malu)** Trabalho com a juventude.

**(Santiago)** Gente, beleza, eu fiz essa dinâmica mais pra incentivar que a gente pense que pra gente apoiar determinado candidato, determinada candidata, a gente estabelece CRITÉRIOS pra isso, o Levante, a nível nacional, ele tem alguns critérios estabelecidos pra apoiar alguma candidata ou algum candidato que eu queria apresentar pra vocês pra gente debater isso, porque a gente já tem indicativos dentro desse panorama aí que eu dei pra vocês, qual é o indicativo que a gente tem? Primeiro: se a M. hoje, até então, é a única representante do campo da esquerda, a gente já pode, né? Relevante, assim, entendendo como um movimento que constrói a luta dos trabalhadores, a gente tem aí então um indicativo de que a M. que a gente vai apoiar pra prefeitura, né? E no legislativo a gente tem esse leque de opções, pra gente apoiar uma candidatura a gente tenta minimamente estabelecer alguns critérios, primeiro, alguns deles vocês já comentaram aqui, que é o PROGRAMA de mandato, o programa desse candidato seja um programa que tenha um alinhamento orgânico (aponta para Rosa) e aí quando a gente fala orgânico, Rosa, usar esse termo com muita atenção, uma relação orgânica é uma relação que é, na política, é uma relação NOSSA, tipo o MST a gente tem uma relação ORGÂNICA com o MST, outra candidata que a gente tem uma relação orgânica, R.A., que é NOSSA, B. P., que é nosso, a gente não vai conseguir ter uma relação ORGÂNICA com a L., com a M.

**(Rosa)** Mas pode ser que a gente tenha uma relação muito próxima.

**(Santiago)** Isso e aí um dos critérios é nesse sentido mesmo, programa alinhado ou aberto à construção do projeto popular, né? Esse é o primeiro ponto, assim... outro ponto é que esse candidato tenha condições de contribuir em nossas táticas e aí, quando eu digo nossas táticas, abrange um pouco do que vocês falaram aqui, que é um apoio financeiro, a estrutura, tática nossa

como o cursinho popular, ter uma emenda parlamentar pro cursinho e na nossa ESTRATÉGIA, todo mundo sabe aqui, né? A diferença de tática e estratégia de forma bem sintetizada?

**(Marcella)** Como é que eles vão saber essa diferença? (direciono o olhar para Heloísa e Davi, militantes novos na organização)

**(Santiago)** Oi? Não, é porque eu achei que ontem vocês estavam falando sobre isso, não vou aprofundar, mas em síntese, tática é o camiiiiinho, OS caminhos, as ações que a gente vai estabelecer pra atingir o nosso OBJETIVO, o objetivo é a estratégia, o nosso objetivo, a nossa estratégia, a construção do projeto popular e a nossa tática é o caminho que a gente vai executar até chegar lá, se o nosso objetivo é a construção do projeto popular (direciona o tronco em direção a Levi e toca a cadeira em que ele está sentado) aglutina a diversidade, né? Fortalecer o debate da diversidade na cidade, dando direitos pra essas pessoas, dignidade, trabalho, saúde, é... juventude, questão racial (aponta simultaneamente para Malu e para Paulinho), que se combata o racismo na cidade, crie políticas públicas pra população preta, pra população em situação de rua, então é isso, que contribua com as nossas táticas e com a nossa estratégia e, por FIM, NÃO MENOS IMPORTANTE, talvez é MUITO importante (movimenta a cabeça e as mãos para baixo), por isso que eu trouxe todo esse contexto que é a VIABILIDADE eleitoral, que que é a viabilidade eleitoral? A gente não vai apoiar um candidato que vai sair aí só por farra, a gente vai apoiar um candidato não pra queimar cartucho, mas que tenha capacidade, possibilidade de ser eleito, bota fé? De governar, de ganhar a eleição e de governar, então a viabilidade eleitoral é nesse sentido.

Quadro 31: Transcrição dos debates – Excerto 11.  
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

| Excerto 11: “a gente tem que se COMPROMETER”– Elementos cinésicos                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>1 – 6:15</b></p>  <p><b>(Santiago)</b> Não é só apoiar um candidato (bate nas costas da mão)</p> | <p><b>2 – 6:26</b></p>  <p><b>(Santiago)</b> a gente vai assumir um compromisso de colocar nossa militância (movimenta as mãos para baixo)</p> |



3- 6:47



**(Santiago)** Aí eu queria fazer essa proposta, Jorge (direciona a mão em sinal de chamamento na direção de Jorge), uma palavra.

4 – 8:01



**(Santiago)** o programa desse candidato seja um programa que tenha um alinhamento orgânico (aponta para Rosa)

5 – 8:42



**(Marcella)** Como é que eles vão saber essa diferença? (direciono o olhar para Heloísa e Davi, militantes novos na organização)

6 – 9:01



**(Santiago)** se o nosso objetivo é a construção do projeto popular (direciona o tronco em direção a Levi e toca a cadeira em que ele está sentado)

7 – 9:15



**(Santiago)** juventude, questão racial (aponta simultaneamente para Malu e para Paulinho).

8 – 9:29



**(Santiago)** talvez é MUITO importante (movimenta a cabeça e as mãos para baixo)



De início, Santiago ressalta o papel da institucionalidade para o Levante, destacando que essa não é uma prioridade para o movimento, termo que pronuncia com recortes silábicos, mas que é uma ferramenta importante para a organização, já que a partir desses espaços, é possível articular políticas públicas que vão influir diretamente na vida da juventude e da classe trabalhadora, nesse caso, a nível municipal (“Primeiro é entender que a institucionalidade não é pri-o-ri-da-de do Levante, a institucionalidade é um braço, uma frente, a gente não sabe ainda como chamar isso como Levante, mas ela é uma ferramenta de atuação política do Levante, [...] a institucionalidade a gente acha importante porque a gente consegue atuar politicamente em políticas públicas que vão MELHORAR a vida da juventude da classe trabalhadora na cidade”). Nesse ponto, Santiago utiliza o operador *mas* para estabelecer um contraponto ao fato de a institucionalidade não ser uma prioridade, reforçando a relevância da atuação nesse espaço, em especial a partir da entonação mais alta que confere ao verbo “MELHORAR”, para enfatizar a importância das políticas públicas.

Em seguida, Santiago pontua a relevância do Levante a nível municipal, caracterizando o movimento como o maior movimento de juventude na atualidade para o município (“mais uma vez a gente vem pra fazer esse debate da necessidade do Levante enquanto movimento, maior movimento de juventude, que assim permanece aqui em Juiz de Fora”). Nesse ponto, é possível perceber a tentativa de envolver os participantes na discussão e de convencê-los acerca da relevância do Levante para a conjuntura política municipal.

Mais adiante, Santiago lança mão de modalizações aléticas, elaboradas a partir de construções perisfrásticas, e de operadores argumentativos que visam à orientar dois argumentos no mesmo sentido (KOCH, [1993] 2021): “a gente tem que mostrar força pra esse candidato, coisa que a gente já consegue fazer E a gente tem que se COMPROMETER pra que esse candidato QUE O LEVANTE VAI APOIAR, que a gente não só apoie, mas também consiga construir o programa de eleição e saia vitorioso da cidade”. Suas colocações a partir das modalizações “tem que mostrar” e “tem que se COMPROMETER”, evidencia uma posição mais incisiva, demonstrando uma ação necessária a ser desempenhada pelos militantes, em especial pelo relevo entonacional conferido ao verbo “COMPROMETER”. Essas duas necessidades são orientadas também no mesmo sentido pelo conectivo “E”, pronunciado em tom mais alto pelo participante. A noção de comprometimento é elaborada a partir dos operadores “não só... mas também”, ou seja,

comprometer-se, em sua perspectiva, é destinar apoio e participar da construção do programa da eleição de maneira engajada.

Essas compreensões são reforçadas na sequência pela utilização de movimentos que Santiago realiza com as mãos, como é possível observar no quadro em que destaco os elementos cinésicos da interação. (“Não é só apoiar um candidato [bate nas costas da mão], "ah, vou lá no dia 6 votar", não, a gente vai assumir um compromisso de colocar nossa militância [movimenta as mãos para baixo] pra eleger aquele candidato ou aquela candidata”). O gesto de bater nas costas da mão indica um descomprometimento em apenas declarar apoio e votar no candidato escolhido, mas não construir, de fato, a campanha política. O movimento que realiza com as mãos para baixo também visa garantir que a militância esteja presente nos espaços e mobilizada para eleger o candidato apoiado.

A partir desse momento, Santiago enfatiza novamente a importância do debate para que saíamos do espaço com o apoio a candidaturas definido (“É levantar o debate porque a gente TEM que sair daqui hoje com uma indicação de apoio”). No entanto, pelo modo como a discussão é conduzida a seguir, o espaço para que os participantes de fato contribuam com reflexões para a chegada em um consenso – relembrando a importância do princípio do centralismo democrático para a organização – não parece funcionar de maneira satisfatória para os participantes. Santiago solicita aos participantes que pontuem, a partir de *uma* palavra, uma característica fundamental que um candidato deve possuir para que o Levante decida apoiá-lo (“Aí eu queria fazer essa proposta, Jorge, uma palavra”). Jorge, porém, demonstra desacordo com sua proposta: “Não, só uma palavra eu não consigo”. Apesar disso, Santiago não revê sua proposta de discussão e reforça: “Não, mas a proposta é essa, é a dinâmica”. Jorge procura acatar sua colocação, mas ainda deixando evidente seu desacordo, já que responde “representar a juventude”, fugindo à proposta de apenas uma palavra. Outros participantes também não seguem exatamente a dinâmica colocada, como Lélia (“Disponibilizar verba pra gente”), Rosa (“Ter uma relação orgânica com a gente”) e Malu (“Trabalho com a juventude”).

A seguir, Santiago ressalta que o intuito da dinâmica era propiciar o entendimento de que para que destinemos apoio a determinado candidato, é necessário considerar alguns critérios, o que acaba reforçando as limitações estabelecidas pela dinâmica para que os demais participantes pudessem contribuir de forma significativa. A partir desse ponto, Santiago começa a elaboração de uma sequência lógica, utilizando o operador “primeiro”, para mostrar aos participantes

elementos já instituídos pela conjuntura política municipal: “Primeiro: se a M. hoje, até então, é a única representante do campo da esquerda, a gente já pode, né? Relevante, assim, entendendo como um movimento que constrói a luta dos trabalhadores, a gente tem aí então um indicativo de que a M. que a gente vai apoiar pra prefeitura, né?”. Com isso, o locutor evidencia sua posição – de apoiar a candidata M. – tendo em vista que no cenário atual é a candidata que mais se aproxima do campo da esquerda e compartilha de ideais próximos aos do Levante como, por exemplo, construir a luta dos trabalhadores.

Em relação ao âmbito legislativo, o cenário é mais complexo, já que há uma gama maior de possibilidades: “E no legislativo a gente tem esse leque de opções, pra gente apoiar uma candidatura a gente tenta minimamente estabelecer alguns critérios”. Com isso, Santiago segue estabelecendo uma sequência lógica de aspectos a serem considerados para que definamos esse apoio, apontando critérios, sendo o primeiro o programa de mandato. Para isso, Santiago retoma, em uma relação dialógica, o enunciado de Rosa acerca da necessidade de uma candidatura que tenha uma relação orgânica com o Levante: “é o PROGRAMA de mandato, o programa desse candidato seja um programa que tenha um alinhamento orgânico (aponta para Rosa) e aí quando a gente fala orgânico, Rosa, usar esse termo com muita atenção, uma relação orgânica é uma relação que é, na política, é uma relação NOSSA”. Nesse momento, Santiago faz um contraponto ao ponto de vista de Rosa acerca do que seria uma relação orgânica, classificando como uma relação “NOSSA”, destacando, a partir do relevo na entonação, o pronome possessivo. De acordo com Santiago, uma relação orgânica se daria com um candidato que pertencesse a movimentos do nosso campo político, o campo popular, o que impossibilitaria a construção de uma relação orgânica com a candidata apoiada para a prefeitura de Juiz de Fora. Rosa estabelece acordo com as colocações de Santiago, mas não deixa de reforçar seu ponto de vista, sobrepondo o turno de fala de Santiago: “Mas pode ser que a gente tenha uma relação muito próxima.”

Santiago segue elencando os critérios, destacando, em segundo lugar, a importância da escolha por um candidato que possa contribuir com as táticas da organização. É possível perceber, nesse ponto, que o locutor pressupõe que as noções de tática e estratégia já estão estabelecidas e que são compreendidas por toda a militância. No entanto, desconsidera a participação recente de militantes como Heloísa e Davi, o que me impulsiona a chamar atenção para esse aspecto quando digo “Como é que eles vão saber essa diferença?”, enquanto direciono o olhar para Heloísa e Davi. Minha colocação parte também de um lugar de incômodo e discordância com o modo como

Santiago estava conduzindo a discussão, limitando a participação dos demais militantes, inclusive dos recém-chegados. Em sua defesa, Santiago destaca que considerou que esses elementos já haviam sido debatidos no dia anterior do planejamento, momento em que não estava presente.

A partir desse momento, Santiago busca esclarecer as noções de tática e estratégia, pontuando que a tática é o caminho para que se alcance a estratégia, que é o objetivo da organização em construir o projeto popular. Baseando-se na noção de tática, Santiago busca envolver, de maneira dialógica, os demais participantes a partir de suas colocações anteriores, resgatando seus enunciados e direcionando-se para eles: “se o nosso objetivo é a construção do projeto popular (direciona o tronco em direção a Levi e toca a cadeira em que ele está sentado) aglutina a diversidade, né? Fortalecer o debate da diversidade na cidade, dando direitos pra essas pessoas, dignidade, trabalho, saúde, é... juventude, questão racial (aponta simultaneamente para Malu e para Paulinho), que se combata o racismo na cidade, crie políticas públicas pra população preta”.

Ao final, Santiago apresenta o último critério, que é a viabilidade eleitoral para ser eleito e para governar que o candidato escolhido deve possuir, sinalizando a importância desse critério, aumentando a entonação em pontos específicos de seu enunciado e realizando movimentos com a cabeça e com as mãos que visam reforçar suas posições: “por FIM, NÃO MENOS IMPORTANTE, talvez é MUITO importante (movimenta a cabeça e as mãos para baixo), por isso que eu trouxe todo esse contexto, que é a VIABILIDADE eleitoral”.

A partir disso, compreendo que, embora Santiago demonstre habilidade ao estruturar e direcionar o discurso, bem como em utilizar estratégias a fim de garantir o convencimento – até mesmo por sua trajetória mais antiga na organização –, sua proposta de limitar as contribuições dos militantes a *uma* palavra enfraqueceu o caráter dialógico e participativo, que é central para os valores do Levante. Acredito que esse aspecto é relevante para visualizar que ainda que em um contexto de movimento social haja mais espaço para a construção coletiva e democrática, afastando-se da noção de debate como enfrentamento, as tensões e discordâncias não são anuladas, elemento que considero importante ter em mente para que não se corra o risco de romantizar organizações populares.

| <b>Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Institucionalidade e Eleições Municipais” – Excerto 11</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Aspectos dos debates</b>                                                                                         | <b>Descrição</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Estrutura dos debates                                                                                               | Tópicos principais: atuação do Levante em âmbitos institucionais e apoio a candidaturas nas eleições municipais; turnos de fala com poucas sobreposições; participantes em semicírculo.                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Estratégias argumentativas                                                                                          | Uso de exemplificações e retomadas dos enunciados dos participantes para reforçar pontos de vista e buscar alinhamento; argumentação fundamentada na lógica de fortalecimento do movimento político e nas exigências práticas da militância; entonações destacadas em termos-chave como "MELHORAR", "COMPROMETER" e "VIABILIDADE".                                                                                                                                                                 |
| Operadores argumentativos e modalizadores discursivos destacados                                                    | Utilização de modalizações aléticas ("tem que mostrar força", "tem que se COMPROMETER") para demonstrar necessidade e engajar os participantes; sequência lógica estruturada com operadores como "primeiro" e "por fim"; orientação de argumentos no mesmo sentido a partir dos operadores “não só... mas também”; marcação de oposição a partir de operadores como “mas”; uso de exemplificações e retomadas dos enunciados dos participantes para reforçar pontos de vista e buscar alinhamento. |
| Recursos multimodais utilizados                                                                                     | Elementos cinésicos como: os gestos de bater na mão para enfatizar descompromisso, movimentar as mãos para baixo para reforçar a ideia de engajamento da militância, olhar e tronco direcionado aos participantes para conectar suas falas ao contexto apresentado.                                                                                                                                                                                                                                |
| Tomadas de posição, opiniões e pontos de vista formulados e compartilhados                                          | Defesa da atuação no âmbito institucional como meio para promoção de políticas públicas; apontamento de critérios de apoio a candidatos como: representar a juventude, apoiar iniciativas de educação e saúde, promover diversidade, atender                                                                                                                                                                                                                                                       |

|                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                 | questões raciais, ter uma relação orgânica com o movimento e possuir viabilidade eleitoral.                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Tensões e conflitos discursivos | Conflito entre a proposta de Santiago (responder com uma palavra) e a dificuldade dos participantes em sintetizar suas contribuições; tensão também na condução do debate, em que Santiago desconsidera a presença de militantes novos, o que acarreta na intervenção acerca da utilização de termos técnicos como “tática” e “estratégia”. |

Quadro 33: Sistematização do funcionamento dos debates – Espaço “Institucionalidade e Eleições Municipais” – Excerto 11.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

No decorrer deste capítulo, busquei, a partir dos excertos selecionados e analisados, mostrar as configurações de debates do Levante Popular da Juventude em Juiz de Fora, bem como apontar os objetivos e os principais tópicos de discussão desses espaços. Além disso, tentei, em consonância com as teorias mobilizadas neste estudo, apontar aspectos significativos relacionados à construção da argumentação, inclusive no que tange aos elementos multimodais dessa interação e seu impacto na construção dos significados pelos participantes desta pesquisa. Dessa forma, os dados analisados indicam que:

- a)** Os debates analisados não seguem rigidamente o formato tradicional, sendo reconfigurados, em alguns momentos, de maneira mais dinâmica e fluida, de acordo com os aspectos socioideológicos colocados pela esfera discursiva desse movimento social de juventude como promover a formação política e o convencimento de participantes jovens.
- b)** Os operadores argumentativos e modalizadores discursivos desempenham papel crucial na construção de opiniões e no convencimento. Foi possível perceber que eles são utilizados pelos participantes de maneira estratégica, ora conferindo maior impositividade, reforçando certezas, ora maior flexibilidade, abrindo espaço para interpretações e adesões mais abertas.
- c)** A integração de elementos multimodais, em especial entre elementos cinésicos e entonação – recursos utilizados com maior frequência pelos participantes – é fundamental

na formulação de posições, argumentos e na construção coletiva de posições, de modo a ampliar a capacidade de engajamento e de convencimento no contexto analisado.

**d)** Os debates analisados revelam uma dinâmica marcada tanto por momentos de concordância e alinhamento de posição entre os participantes quanto por tensões e conflitos. As concordâncias frequentemente refletem a identificação coletiva em torno de valores e objetivos do movimento, enquanto os conflitos emergem diante de divergências sobre a condução das dinâmicas, da interpretação de conceitos e de modos de agir na/pela linguagem. Esses contrastes ressaltam a natureza dialógica das interações, evidenciando a coexistência de consensos e discordâncias como aspectos fundamentais para a construção coletiva e democrática de conhecimento e de tomadas de posição do movimento.

Feitas essas reflexões, encaminho-me, no capítulo seguinte, para as considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita deste trabalho, busquei explicitar como minha condição enquanto militante, pesquisadora e professora motivou o desenvolvimento desta pesquisa. Sinalizei também a importância de um fazer científico, no campo da LA, interessado na construção de inteligibilidades sobre o mundo social a partir de seu envolvimento com movimentos sociais, como no caso do Levante Popular da Juventude, que é o foco desta investigação.

Na introdução, busquei apresentar meu objetivo principal – compreender como a argumentação é elaborada (a partir da integração de múltiplos modos) pelos participantes do Levante Popular da Juventude nas interações observadas – e apresentei os objetivos mais específicos deste estudo – descrever o funcionamento dos debates desenvolvidos por esse movimento social de juventude, bem como analisar a interação entre modos distintos na construção da argumentação no que tange, principalmente, às dimensões que envolvem o convencimento e a tomada de posição dos participantes desta pesquisa.

Para construir esse percurso, optei por uma abordagem qualitativa interpretativista de cunho (auto)etnográfico (MOITA LOPES, 1998; VERSIANI, 2002), conforme definida no capítulo 1. Além disso, recorri a ferramentas dos estudos de gêneros discursivos em sua perspectiva dialógica (BAKHTIN, [1929] 2016; BRAIT, 2005; 2006), além dos estudos advindos campo da Semiótica Social (KREES & VAN LEEUWEN, 2001; KRESS, 2010;) e da Argumentação (KOCH, [1993] 2021; PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA [1958] 2005), para analisar os excertos selecionados.

No capítulo 2, abordei o papel educador intrínseco aos movimentos populares, fundamentando-me nos conceitos de educação popular (FREIRE & NOGUEIRA, 1993) e trabalho de base (PELOSO, 2012), e procurei evidenciar que o Levante Popular da Juventude, por meio de suas práticas e debates, configura-se como um espaço de educação não formal, promovendo formação política, organização coletiva e fortalecimento de valores como solidariedade, justiça e transformação social.

Já no capítulo 3, discuti a noção de gêneros discursivos pelas lentes bakhtinianas, enfatizando a relação entre esfera discursiva e formação dos gêneros do discurso. Nesse sentido, os gêneros discursivos, ainda que se configurem como dimensões relativamente estáveis, são



constantemente remodelados pelas necessidades comunicativas específicas de cada esfera discursiva.

No quarto capítulo, busquei refletir sobre a concepção de eventos de letramento e a interação entre práticas orais e escritas. Além disso, sinalizei, em consonância com Street (2006), como as práticas letradas são permeadas por ideologias e relações de poder. Procurei também delinear o gênero debate a partir de suas classificações mais tradicionais até a compreensão de que que nem sempre esse gênero seguirá um formato prototípico. Com isso em mente, discuti elementos centrais da argumentação e da multimodalidade – compreendendo-as como dimensões significativas na construção do gênero debate – como entonação, gestos e elementos cinésicos, que são fundamentais para a estruturação do gênero e para a construção de sentidos que nele ocorre.

Levando em consideração os objetivos deste estudo e buscando estabelecer um diálogo entre eles e as discussões teóricas apresentadas anteriormente, apresentei, no último capítulo, a análise de 11 excertos de debates realizados pelo Levante na cidade de Juiz de Fora em uma reunião da Coordenação Municipal e no Planejamento Municipal.

É preciso dizer que a realização desta pesquisa foi permeada por desafios, tanto pela escolha em desenvolver uma pesquisa de cunho autoetnográfico, a partir de uma visão tão de dentro, quanto pelos métodos adotados para a geração dos dados, a partir de um *corpus* elaborado por dados audiovisuais.

A escolha em olhar para um contexto do qual faço parte permitiu que aspectos menos visíveis emergissem e não passassem despercebidos, como poderia ocorrer no caso de um pesquisador que não fizesse parte do grupo investigado. No entanto, procurar romper com a dicotomia entre pesquisador vs. pesquisado também acarreta em dificuldades como buscar um grau de distanciamento necessário para um olhar mais analítico que seja capaz de equilibrar subjetividade e objetividade no fazer pesquisador. Apesar disso, compreendo o potencial de pesquisas como essas, que se propõem a um olhar mais autorreflexivo e realmente participativo, para superar práticas investigativas mais tradicionais que, por vezes, contribuem para a manutenção de um abismo entre o pesquisador e o contexto de pesquisa, fazendo com que a relação entre eles seja limitada ao momento da geração de dados, sem um real envolvimento ético e político. Essa reflexão advém, sobretudo, de trocas com integrantes do Levante de outras cidades e estados, que relatam uma certa recorrência em pesquisadores que procuram o movimento apenas para realizarem suas pesquisas, sem nenhuma espécie de retorno posterior e de manutenção de

engajamento com a organização. Em outra direção, busquei construir, de forma coletiva, subsídios significativos para a organização da qual faço parte e procurei falar sobre nós, em diálogo com os dizeres de Laura Conceição, poeta, educadora e pesquisadora: “Quem fala de nós é nós!”.

Além disso, optar pela geração de dados audiovisuais em um espaço dinâmico também acarreta em desafios. Apesar de haver uma relação de confiança estabelecida entre mim e os demais participantes, não é possível garantir com precisão que a inserção de materiais como gravadores de vídeo e de áudio não possam ter influenciado no comportamento dos participantes. Para além disso, o manejo com os dados gerados em momentos posteriores não é nada fácil, em especial no caso de pesquisas que buscam olhar para o caráter multimodal das interações. Com isso em mente, reconheço que este estudo estará sempre inacabado – se é que realmente se pode dizer que algum estudo esteja de fato finalizado. No entanto, acho que é justamente esse aspecto de incabado que confere movimento e relevância ao fazer científico.

Considerando tudo isso, pude compreender, em relação ao objetivo central desta pesquisa, que a argumentação no contexto dos debates do Levante Popular da Juventude analisados é elaborada a partir da combinação de múltiplos modos, sendo mais recorrente a utilização de recursos verbais – como a fala e a escrita – e elementos cinésicos e entonacionais. Nos excertos analisados, essa abordagem multimodal permite que os participantes construam coletivamente significados, reafirmem valores compartilhados e reforcem o convencimento mútuo, alinhando suas interações ao propósito de formação política e de transformação social.

De maneira mais específica, foi possível observar que os debates são configurados de modo dinâmico e fluido, por vezes mesclando aspectos de outros gêneros textuais. Assim, eles não seguem um formato prototípico. No entanto, é visível o objetivo que perpassa as interações observadas de compartilhar pontos de vista e posições, além da busca pelo convencimento dos participantes, seja em relação à relevância social da organização, seja em relação às diferentes opiniões sobre conceitos e problemáticas da sociedade. Esses aspectos indicam que a esfera discursiva é que norteia a configuração do gênero a partir de elementos culturais, sociais e ideológicos. Portanto, os participantes utilizam recursos disponíveis que, em suas perspectivas, melhor cumprirão com o objetivo de promover a formação crítica e política de militantes jovens. Apesar disso, foi possível notar que, ainda que os debates não sigam um formato prototípico, características comuns ao gênero aparecem com frequência: a presença de um moderador, o respeito, na maior parte do tempo, dos turnos de fala, e o compartilhamento de pontos de vista

distintos. Outro aspecto que deve ser ressaltado é que, ao contrário do que geralmente ocorre em debates presidenciais, os pontos de vista são compartilhados de maneira respeitosa entre os participantes, o que não significa que não sejam utilizadas estratégias com vistas ao convencimento do outro e à adesão das perspectivas compartilhadas, nem mesmo que não haja tensões e conflitos entre os participantes. No entanto, essas estratégias são mobilizadas com o objetivo de construir compreensões e caminhos para a coletividade, o que, na maior parte das interações, contribui para que os participantes se sintam mais confiantes para compartilhar seus pontos de vista.

Em relação ao papel desempenhado por operadores argumentativos e modalizadores discursivos, foi possível perceber que esses elementos são centrais para a formação de posições e de convencimento. Por vezes, são utilizados para reforçar a certeza dos pontos de vista e dos argumentos e, em outros momentos, contribuem para a abertura de espaço para interpretações e adesões mais flexíveis, dependendo do contexto e do propósito retórico. Já os elementos multimodais formam, junto à fala e a outros recursos verbais – modos mais recorrentemente utilizados nesse contexto – a construção da argumentação. Entonação e elementos cinésicos como gestos, movimentos com as mãos e direcionamentos de olhares contribuem para destacar pontos-chave, enfatizar valores e pontos de vista e engajar os interlocutores.

Um último ponto que destaco é o papel pedagógico desempenhado pelo Levante. Nos excertos analisados, aparecem temáticas de importante relevância para a formação de sujeitos críticos e socialmente ativos como a questão antirracista, a luta contra a desigualdade social, contra a homofobia e a busca pela construção de uma sociedade pautada pela coletividade em oposição ao individualismo difundido por valores capitalistas.

Por fim, acredito que esta pesquisa pode contribuir para o aprofundamento dos estudos no campo da linguística aplicada ao olhar para o gênero discursivo debate, que potencializa a construção coletiva de saberes na sociedade. Ainda nesse sentido, o fato desta pesquisa não estar ancorada em um contexto formal de ensino pode fomentar reflexões acerca de aproximações e distanciamentos entre contextos de ensino diferentes, para que estejamos sempre buscando construir espaços formativos significativos e alinhados com uma perspectiva de mudança social. Acredito também que este estudo pode ser uma ferramenta para que nós, jovens envolvidos em um movimento popular, possamos analisar nossas formas de construir compreensões acerca do mundo que nos cerca e agir sobre ele.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** In Revista FAEEBA, v. 22, n.40, 2013.
- AVILA, R. I.; OLIVEIRA, L. F. V. de; PINTO, M. G. (2014). **Dos valores individualistas aos caminhos de superação.** *Revista De Estudos Sociais*, 13(26), 87–105. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/view/279> . Acesso em: 25 jul. 2024.
- BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. N (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 2017.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso** (1929). São Paulo: Editora 34, (1ª edição). 2016.
- BAKHTIN, M; VOLÓCHINOV, V. N. **Problemas da poética de Dostoiévski** (1929). Trad. Paulo Bezerra. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil.** In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil.* Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-58.
- BOGO, A. **Mística.** In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil, ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. *Dicionário de Educação do Campo.* São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 475-479.
- BRAIT, B. (org). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2006.
- DAHLET, V. **A entonação no dialogismo bakhtiniano.** In: BRAIT, B. (Org). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.* 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- DIONÍSIO, A. P. **Análise da Conversação.** In: MUSSALIM; F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras.* V. 2. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ESCOLA NACIONAL PAULO FREIRE. **Trajetórias: Levante Popular da Juventude.** São Paulo. 27 abr. 2023. Instagram: @escola.paulofreire. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/CrizKFjNjim/?igshid=NjFhOGMzYTE3ZQ==> Acesso em: 20 abr. 2024.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FAUSTINO, D. M. **Frantz Fanon:: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo**. *SER Social*, Brasília, v. 20, n. 42, p. 148–163, 2018. DOI: 10.26512/ser\_social.v20i42.14288. Disponível em: [https://periodicos.unb.br/index.php/SER\\_Social/article/view/14288](https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14288). Acesso em: 16 jul. 2024.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **O par dialógico pergunta – resposta**. In: JUBRAN, C.; KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 133-166.

FORTE-FERREIRA, E. C.; SOARES, J. G.; LIMA-NETO, V. **A influência de elementos cinésicos no gênero debate político: aspectos da multimodalidade na argumentação**. *Revista da ABRALIN*, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 1550–1570, 2022. DOI: 10.25189/rabralin.v20i3.1966. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1966>> Acesso em: 15 mar. 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** (1981). São Paulo: Cortez, 1989.

GALVÃO, A. M.; BATISTA, A.. **Oralidade e escrita: uma revisão**. Belo Horizonte: Cadernos de Pesquisa, v. 36., p. 403-432, 2006.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, N.L. **O Movimento Negro Educador: releituras, encontros e trocas de saberes**. In GOMES, N.L. (org.). *Saberes das lutas do movimento negro educador*. Petrópolis: Vozes, 2022.

GOHN, M. G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas**

**nas escolas. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação.** Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOODY, J. **Domesticação do Pensamento Selvagem**, Lisboa: Editorial Presença, 1988.

GONZALEZ, Lélia (1984). **Por um feminismo afro-latinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos.** RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.75-93.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem.** 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2023.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem.** 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2021.

KLEIMAN, A; MATENCIO, M. L. **Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber.** São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

KRENAK, A. **A potência do sujeito coletivo.** [Entrevista concedida a] Jailson de Souza e Silva. Blog Combate Racismo Ambiental, 2 jun. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJYvd9Qom0o> Acesso em: 15 fev. 2024.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication.** Great Britain: Hodder Headline Group, 2001.

KRESS, G. **Multimodality a social semiotic approach to contemporary communication.** London: Routledge, 2010.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Site do Levante Popular da Juventude.** 10 anos na luta por um Brasil para os brasileiros. Disponível em: <https://levante.org.br/> . Acesso em: 20 abr. 2024.

MACHADO, I. **Gêneros discursivos.** In: BRAIT, B. (org). Bakhtin: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2018.

MARCUSCHI, L. A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. (1848). **Manifesto do Partido Comunista.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOITA LOPES, L.P. **Pesquisa interpretativista em LA: linguagem como condição e solução.** In DELTA, v.10, n.2, 1994.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista.** São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, R. H.; SILVA, K. A. da. **Para uma educação linguística crítica antirracista: o ensino de Língua Portuguesa e a BNCC.** Revista da ABRALIN, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 530–545, 2022. DOI: 10.25189/rabralin.v21i2.2107. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2107>. Acesso em: 02 dez. 2024.

OLIVEIRA, T. **Estudos da linguagem em permanente estado etnográfico: notas sobre a observação participante de uma pesquisadora/nativa que "quer se meter".** Juiz de Fora: Veredas Online. V. 22, nº1, p.34-50, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/27954>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ONG, Walter. [1982]. **Oralidade e Cultura Escrita: A Tecnologização da Palavra.** São Paulo: Papirus Editora, 1998.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PELOSO, R. (org.). **Trabalho de base: seleção de roteiros organizados pelo Cepis.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. [1958]. **Tratado da argumentação: a nova retórica** . 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RIBEIRO, A. E.. **Multimodalidade, textos e tecnologias: provocações para a sala de aula.** 1.ed. São Paulo: Parábola, 2021.

RIBEIRO, R. **A construção da argumentação oral no contexto de ensino**. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

RIBEIRO, V. **Uma perspectiva para o estudo do letramento: lições de um projeto em curso**. In: KLEIMAN, A B; MATENCIO, M. L. *Letramento e Formação de Professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOBRAL, A. **Filosofias (e filosofia) em Bakhtin**. In: BRAIT, B. (org). *Bakhtin: Conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2018.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VEIGA, M. **Letramentos catalisadores de reflexões: branquitude e desigualdades raciais em aulas de Língua Portuguesa na escola**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

VERONELLI, G; DAITCH, S. **Sobre a colonialidade da linguagem**. Revista X, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 80-100, fev. 2021. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78169>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

VERSIANI, D. B. **Autoetnografia: uma alternativa conceitual**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 57-72, dez. 2002.

WALSH, C.; RODRIGUES, J. **“Outros” saberes, “outras” críticas: reflexões sobre as políticas e as práticas de filosofia e decolonialidade na “outra” América**. Revista X, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 54-79, fev. 2021. ISSN 1980-0614. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/78195>>. Acesso em: 17 jul. 2023.

WHYTE, W. F. [1943] **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.